

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Luísa de
Almeida Leme

e aprovada pela comissão julgadora em
18, 10, 94.

Luiz C. Cagliari
PROF. DR. LUIZ CARLOS CAGLIARI

Maria Luísa de Almeida Leme

A LINGUAGEM DA COMUNIDADE
TIROLESA-TRENTINA
DA CIDADE DE PIRACICABA - SP

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Instituto de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual de Campinas
como requisito parcial para a obtenção
do Título de Mestre em Linguística.

julho de 1994

AGRADECIMENTOS

A realização desta Dissertação de Mestrado só foi possível com a amigável colaboração dos membros da Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba. São muitas as pessoas que mereceriam um destaque especial e um grande agradecimento. A todos o meu muito obrigado.

Uma agradecimento *in memoriam* ao saudoso Pe. Jacob Stenico, falecido em novembro de 1993, que me concedeu muitas entrevistas ao longo das minhas pesquisas sobre a história e a linguagem da comunidade tirolesa-trentina.

Minha gratidão ao Pe. Sávio Carlos Desan Scopinho, que me orientou nos estudos religiosos da comunidade tirolesa-trentina.

Agradeço também a colaboração recebida da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "Dr. Samuel de Castro Neves". A direção, professores e alunos não só me proporcionaram bons dias de trabalho como professora, mas me despertaram para esta pesquisa e incentivaram meus estudos de Lingüística.

Foi muito preciosa a colaboração recebida do Circolo Trentino di Piracicaba, a quem muito agradeço.

Um agradecimento especial à minha família pela colaboração prestada ao longo da realização da pesquisa e da tese, sobretudo aos meus pais.

Devo agradecer o apoio financeiro recebido da CNPq, através de bolsa de mestrado concedida através do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UNICAMP.

Finalmente, agradeço a grande colaboração de meu orientador, Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, que generosamente acompanhou passo a passo a realização desta Dissertação.

R E S U M O

A comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba (SP) é constituída por dois bairros, que pertencem à Fazenda de Santa Olímpia e à Fazenda de Santana, mais os habitantes da fazenda Negri. É uma comunidade formada por descendentes de imigrantes que vieram do Tirol austriaco (hoje, parte da Região do Trento, Itália) no fim do século passado (1877). Da origem até hoje já se formaram cinco gerações.

Por terem se mantido unidos, conservaram as tradições do país de origem. São católicos e para eles, a religião é uma atividade indispensável no dia-a-dia. Da comunidade já saíram muitos religiosos, padres e até bispos. Os costumes culinários e, sobretudo, as festas tradicionais representam outro aspecto da cultura de origem que se manteve bem preservado.

Hoje, a comunidade apresenta três dialetos em uso: o dialeto trentino (italiano), falado pelos velhos e entendido também pelos mais novos; o dialeto caipira, representando a variedade de português da região; e uma variante do dialeto caipira, rotulada de *misturada*, que se caracteriza por ser o dialeto caipira com enorme quantidade de palavras de origem trentina e, principalmente, com forte influência fonológica do dialeto trentino, alterando o sistema do português.

Este estudo apresenta a história desta comunidade, destaca usos e costumes e mostra a importância da religião. O objetivo principal, porém, é o levantamento da situação lingüística, estudando o aspecto fonológico, em particular. A situação de bilingüismo e de variação dialetal é detalhada no seu aspecto fonológico. Fatores sociolingüísticos são contemplados, à medida que possam esclarecer os usos da linguagem na comunidade.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem - IEL
Departamento de Lingüística
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado
Autora: Maria Luísa de Almeida Leme
Título: A Linguagem da Comunidade Tiroleza-trentina de Piracicaba
Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari
Data da Defesa:
Financiamento: CNPq

Í N D I C E

Capítulo I - Introdução: As Preocupações de uma Pesquisa	01
1. A Tese	01
1.1. História de uma Pesquisa	03
1.2. A Escolha do Material para a Tese	05
1.3. Colocando Algumas Perguntas em Busca de Respostas	07
a. Bilingüismo	08
b. Traços Fonológicos	09
c. Línguas em Contacto	19
d. Variáveis Sociolingüísticas	10
e. O Igual e o Diferente	11
f. A Linguagem no Tempo	12
g. O Futuro	12
12	
Notas do Capítulo I	13
Capítulo II - Metodologia	15
2.1. - O Caráter Sociolingüístico da Pesquisa	15
2.2. O Caráter Fonológico da Pesquisa	16
2.3. Informações Históricas	18
2.4. Os Informantes	20
2.5. Os Dados	21
2.6. A Interpretação dos Dados	23
2.7. Trabalhos sobre a Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba	24
2.8. Estudos sobre os Dialectos Trentinos	29
2.9. Estudos sobre o Português da Região	30
Capítulo III - História da Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba	31
3.1. Introdução	31
3.2. Uma História de Imigrantes: a imigração trentina para o Brasil	31
3.3. O Brasil no Fim do Século Passado: o fim da escravidão negra	33
3.4. A Chegada dos Imigrantes	35
3.5. A formação da Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba	38
3.5.1 A Cidade de Piracicaba	38
3.5.2. A Compra das Fazendas	40
3.5.2.1. A Compra da Fazenda de Santa Olímpia	40
3.5.2.2. A Compra da Fazenda de Santana	42
3.6. A Religião e a Cultura na vida da Comunidade Tirolesa-Trentina de Piracicaba	44
3.6.1. A Religião na Vida da Comunidade	44
3.6.2. A Música e a Banda de 1929	45
3.6.3. O Casamento	46
3.6.4. A Preocupação com o Trabalho e a Situação Escolar	48
3.6.5. Aspecto Político: algumas reivindicações dos bairros...	50

3.6.6.	As Rupturas Culturais	51
3.6.7.	O Resgate Cultural e Lingüístico	53
	Notas do Capítulo III	57
Capítulo IV - Descrições Fonológicas		57
4.1.	Introdução	64
4.2.	O Dialeto Trentino	64
4.2.1.	Os Dialeto da Itália	64
4.2.2.	A Fonologia do Dialeto Trentino Usado na Comunidade de Piracicaba	66
4.2.2.1.	Fonemas Consonantais	66
4.2.2.2.	Fonemas Vocálicos	71
4.3.	O Dialeto Caipira	73
4.3.1.	A Fonologia do Dialeto Caipira da Região de Piracicaba... ..	75
4.3.1.1.	Fonemas Consonantais	75
4.3.1.2.	Fonemas Vocálicos	81
4.4.	A Variedade <i>Misturada</i>	84
4.4.1.	Fonemas Consonantais	85
4.4.2.	Fonemas Vocálicos	89
Capítulo V - A Linguagem da Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba		92
5.1.	Algumas Características da Variedade Adquirida pelas crianças	92
5.2.	O Dialeto Caipira com Influência do Dialeto Trentino	95
5.3.	Diversidade de Uso das Variantes nas Diferentes Gerações.	97
5.3.1.	Uso do Tepe Alveodental	97
5.3.2.	Uso das Fricativas Palatoalveolares	97
5.3.3.	Uso do Monotongo [õ] em Lugar do Ditongo Nasal [ɔ̃].....	98
5.3.4.	Vocalização da Lateral Palatal	98
5.3.5.	A Não Centralização da Vogal Baixa Nasal	99
5.3.6.	Alçamento Vocálico Opcional	99
5.4.	Uso de Variantes em Diferentes Situações Sociais	100
5.5.	Respondendo às Perguntas Iniciais do Estudo	101
5.5.1.	Há uma Situação de Bilingüismo?	102
5.5.2.	Quais as Características Fonológicas mais Diferenciadoras da Variedade de Português Usada pela Comunidade Tirolesa-trentina de Piracicaba?	103
5.5.3.	Há Interferência de um Dialeto em Outro?	104
5.5.4.	Variantes Sociolingüísticas que Atuam na Fala da Comunidade	106
5.5.5.	A Fala de Santa Olímpia é Diferente da Fala de Santana? ..	107
5.5.6.	A Fala da Comunidade Mudou Historicamente?	109
5.5.7.	O Futuro da Atual Situação Lingüística	109
5.5.8.	O Rumo de Futura Pesquisa	110
5.5.9.	Textos Escritos	111
Capítulo VI - Conclusões		115
6.	Conclusões	115

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	120
----------------------------------	-----

MAPAS

1. A imigração trentina para os cinco continentes	127
2. Localização das colônias trentinas nos Estados do Brasil	128
3. Localização das cidades de Piracicaba, Campinas e Rio Claro ...	129
4. Cidade de Piracicaba	130
5. Os Bairros de Santana e Santa Olímpia	131
6. Dialeto Italiano	132
7. A Região de Trento e vizinhos	133
8. Co-dialeto do Trentino	134

ANEXOS

Anexo 1 - Artigos da Revista <i>Trentini Nel Mondo</i>	136
Anexo 2 - Passaporte de Bortolo Vitti, 1877	144
Anexo 3 - Reprodução de uma página do livro de contabilidade da Fazenda de Santana, ano de 1895	147
Anexo 4 - Relação dos imigrantes tirolezes que trabalharam para o Visconde de Indaiatuba, em Campinas, nos anos de 1877, 1881 e 1883 (Pesquisa feita por Grosselli, 1990)	149
Anexo 5 - Dados de alguns dos informantes entrevistados	152
Anexo 6 - Artigo escrito no dialeto caipira do Jornal <i>A Província</i> ..	155
Anexo 7 - Textos escritos por membros da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba	157
Anexo 8 - Fotos da Comunidade Tiroleza-trentina de Piracicaba	175

SÍMBOLOS

Usa-se o alfabeto fonético do IPA, com exceção do símbolo [ɔ̃], que representa uma vogal anterior meio-fechada e arredondada, equivalente a [ø] e do símbolo [ɠ] que é usado para representar a consoante vibrante retroflexa.

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

As Preocupações de uma Pesquisa

1. A Tese

Muito freqüentemente, os lingüistas costumam estudar a linguagem a partir da intuição do funcionamento das línguas que têm como falantes nativos e como especialistas que refletem sobre os fenômenos da linguagem. Outras vezes, aplicam teorias sobre dados já apresentados em trabalhos científicos. Mais raramente, encontram-se trabalhos que enfrentam um desafio muito especial na coleta dos dados. Neste grupo estão os trabalhos de sociolingüística. O contacto pessoal com os falantes e a observação das variações lingüísticas nos mais diferentes usos e circunstâncias é uma tarefa que requer paciência, dedicação e, de certo modo, uma integração do pesquisador com sua pesquisa. Se por um lado isto pode interferir no seu modo de ver a realidade lingüística, por outro, através da familiaridade com os dados, o pesquisador pode descobrir detalhes e nuances que, de outra forma, passariam despercebidos.

Este trabalho tem muito a ver com o terceiro tipo de pesquisa lingüística mencionado acima. Embora não seja um trabalho planejado dentro de um esquema rígido das pesquisas sociolingüísticas (Labov 1972, 1978, 1980; Tarallo 1985, 1987, 1989), pela própria natureza da situação da linguagem escolhida para este estudo, foi muito importante ter sempre uma orientação sociolingüística guiando seja a coleta dos dados, seja sua análise e interpretação. A observação do comportamento lingüístico dos falantes da comunidade estudada foi acompanhada sempre por uma reflexão de natureza sociolingüística, mesmo que intuitiva, sem o rigor de um tratamento estatístico, por exemplo.

À medida que os trabalhos progrediam, foi surgindo um interesse todo especial pela história daquela comunidade de imigrantes, numa busca de identidade de suas raízes e na esperança de encontrar aí respostas para uma segunda questão que foi, na verdade, a razão pela qual tudo começou: as características fonológicas e lexicais típicas da fala daquela comunidade. A

busca histórica e o trabalho de descrição e interpretação dos dados fonéticos e lexicais levaram a uma busca de informações de muitos tipos e em muitos lugares, e acabaram tornando-se as preocupações centrais da presente pesquisa. O trabalho assim realizado deixou faltando muita investigação de natureza sociolinguística, sobretudo quantitativa, mas, por outro lado, trouxe uma contribuição básica para compor o plano de fundo do quadro lingüístico desta situação através das informações de natureza da História Geral e da história dos indivíduos dessa comunidade e de seus vizinhos. Além disto, através de um levantamento detalhado de vários sistemas fonológicos dos dialetos envolvidos historicamente com a vida lingüística da comunidade foi possível descrever a situação lingüística atual e interpretá-la de uma forma mais adequada e correta, não só fonologicamente, mas também sociolinguisticamente.

É preciso acrescentar, ainda, a contribuição trazida para o desenvolvimento desta pesquisa da escrita de textos produzidos principalmente pelos alunos da escola que existe dentro da comunidade. Como professora deles, além da produção de textos almejando a perfeição escolar do uso da norma culta do português, os alunos foram solicitados a produzir textos mais livres, ou seja, trazendo para a forma escrita os modismos que usavam comumente na fala quando conversavam entre si. Em outras palavras, porque nosso sistema de escrita é alfabético e pode deixar de lado a ortografia, as pessoas podem trazer para a escrita traços típicos da fala que a ortografia não permitiria que aparecessem. Este material acompanha a tese como anexo, uma vez que o objetivo da pesquisa não contemplava um estudo atento deste material na sua riqueza de detalhes. Mas, isto, por outro lado, não significa que tal material não tenha influenciado os rumos da pesquisa. Na verdade, foi a partir de erros ocasionais nas tarefas escolares e do desejo de explicar aos alunos como evitá-los que nasceu o interesse primeiro desta pesquisa, a decisão de um professor de I Grau de estudar mais Lingüística, levando-o a fazer cursos como aluno especial no programa de pós-graduação e acabando como aluna regular do Mestrado.

A realização desta pesquisa contou a busca de respostas a várias questões relacionadas com os tópicos principais que acabaram norteando o interesse geral pelo trabalho e até guiando as tarefas menores de sua realização. A seguir, serão apresentadas estas questões e perguntas com breves comentários e mais adiante (capítulo 5), voltaremos a elas, trazendo as

respostas encontradas e discutindo aspectos importantes dos fatos investigados.

1.1. História de uma Pesquisa

Os primeiros contactos do autor com a comunidade tirolesa de Piracicaba aconteceu de 1986 a 1988, ocasião em que fui professora de Português de alunos da 5ª à 8ª séries do Primeiro Grau, numa escola situada no limite entre as duas fazendas (ou bairros) que formam a comunidade. É uma escola estadual de I e II Graus com o nome de Dr. Samuel de Castro Neves.

A partir das dificuldades de uso da norma culta do português pelos alunos, como se disse antes, surgiu o desejo de conhecer melhor a realidade lingüística daquela gente. Fora das aulas, o modo de falar chamava ainda mais a atenção. Depois, veio o contacto com os pais e avós dos alunos e, nestas ocasiões, a fala deles era algo que não se podia deixar de notar com grande curiosidade. No começo, achava que todos falavam de maneira igual, mas, depois, foi observando que há diferenças notáveis no comportamento lingüísticos dos mais velhos com relação aos mais novos.

Além da linguagem, havia na comunidade uma cultura diferente que se manifestava mais em certas ocasiões como as festas que promoviam. Já tinha conhecido muitas famílias de imigrantes, todas muito integradas na vida urbana e rural brasileira típicas da região. Porém, com os tiroleses era diferente, apesar de encontrar neles também muitos traços culturais (e até lingüísticos) próprios da região.

Uma discussão, que passei a ouvir desde o começo, referia-se à origem européia dos tiroleses. Esta discussão começava com o nome: eram tiroleses ou trentinos? Na opinião deles, uns acreditavam que eram originários da Áustria, portanto, seriam austríacos, razão pela qual se denominavam tiroleses. Outros, achavam que eram de origem italiana, que falavam italiano e que deveriam se reconhecer como trentino. A confusão quanto à identidade lingüística de origem logo me levou a começar a estudar este assunto.

Juntamente com essa busca de identidade, inclusive lingüística, havia uma discussão muito forte sobre a permanência ou não do modo de falar dos antigos. Uns achavam que a comunidade devia continuar falando italiano (dialeto trentino), mesmo sendo tiroleses (austríacos). Outros achavam que a

língua dos primeiros imigrantes já tinha se misturado muito com o português, perdendo sua identidade. A solução era ou voltar a estudar o italiano (o que foi muito frustrante depois, como veremos), ou trocar completamente o modo de falar antigo pelo português. Para alguns havia um forte sentimento de que o modo de falar da comunidade era muito feio e mal visto pelas pessoas da região, sobretudo da zona urbana. Como o problema da linguagem trazia outros problemas mais sérios para as pessoas, como as relações de trabalho e de comércio, parecia óbvio para alguns que a escola iria ensinar português para todos e assim tudo ficaria acomodado corretamente. Mais tarde, como veremos, a solução acabou sendo uma outra, com uma tentativa de resgatar a cultura e as tradições da comunidade, sem se isolar demasiadamente da realidade circunvizinha.

Observando tudo ao meu redor, comecei a fazer anotações numa espécie de diário de campo. A primeira intenção em coletar material era o desejo de explicar a fala dos alunos a eles próprios e, principalmente, convencê-los de que eles não falavam feio, simplesmente falavam de um modo diferente e que isto acontecia em todas as partes do mundo com todas as línguas. Eles apenas falavam a língua dos antepassados como fazemos todos nós. Como seus antepassados eram estrangeiros, vieram de longe, obviamente, tinham que ter uma fala também diferente dos vizinhos.

Como disse, para estudar a linguagem, tive que entender a história daquele povo e isto levou a pesquisa inicial a investigar essa área. A sucessão de guerras e re-arranjos de nações e povos na segunda metade do século passado e nas duas Guerras Mundiais, neste século, foi a responsável pela confusão de identidade que existia na comunidade. Este assunto será tratado em detalhes no capítulo 3. A primeira coisa que descobri naquele momento foi que o antigo Trento era o Tirol austríaco. Essa região sempre teve uma presença na História, desde o tempo dos romanos, sem esquecer um dos fatos mais importantes que foi o Concílio de Trento.

Nesse momento da pesquisa, comecei a entender um aspecto que sistematicamente vinha deixando de lado: a importância da religião na vida e na cultura da comunidade. Esta é uma questão que se mostrou muito importante e, portanto, terá um destaque no momento oportuno. Estudando o comportamento religioso, a pesquisa foi entrando cada vez mais na vida privada das pessoas e juntamente com as revelações dessa área, vieram novas informações sobre os

usos da linguagem. Se as orações tinham que ser rezadas na língua dos antigos, isto significava que a língua dos antigos tinha uma importância interna para a vida da comunidade (extremamente religiosa) que não ia se desfazer facilmente, mesmo que os vizinhos (e até alguns membros da comunidade) achassem que aquele modo de falar era feio, como diziam. A religião unia demais as pessoas à comunidade e, indiretamente, exigia a permanência da língua dos antepassados.

Aos poucos, no meio das investigações, começaram a aparecer informações a respeito de trabalhos e até de duas tese (Giraldelli, 1992 e Leoni, 1993) a respeito da comunidade. Estes trabalhos conduziram a outros e até mesmo orientaram a investigação para certos aspectos, pessoas e locais que poderiam fornecer informações importantes para compreender melhor a realidade da comunidade sob diferentes pontos de vista. Foi assim que acabei visitando o Seminário Seráfico São Fidelis em Piracicaba (sob a orientação do Padre Sávio Carlos Desan Scopinho), cartórios, e descobrindo o Circolo Trentino que da Itália cuida das comunidades de emigrantes espalhadas pelo mundo. A comunidade de Piracicaba não era a única do gênero. Só no Brasil, havia outras, sobretudo no sul do país e pelo menos uma, no Espírito Santo, na cidade de Santa Teresa.

Aos poucos o volume de dados foi crescendo e como um fato puxava a investigação de outro, durante um certo tempo, a única coisa que fazia era anotar e anotar. Além das observações registradas no diário de campo, foram feitas gravações em áudio e em vídeo em ocasiões especiais - sobretudo em festas típicas - além de umas poucas entrevistas com algumas pessoas que tinham uma condição de destaque na comunidade como, por exemplo, o padre Jacob Stenico (falecido em novembro de 1993) e o historiador Guilherme Vitti. Esta coleta de material acabou constituindo-se no corpus usado na presente dissertação. Informações complementares continuam sendo colhidas até hoje, quando necessárias.

1.2. A Escolha do Material para a Tese de Mestrado

A quantidade e a natureza dos dados que vinham sendo colhidos mostrava uma certa dispersão que podia satisfazer a curiosidade de uma professora de português interessada em corrigir as redações de seus alunos, mas não se definia bem como um corpus bem constituído para a realização de uma tese de

mestrado. Por esta razão, muita coisa teve que ficar de fora, e outras tiveram que ser investigadas de maneira mais cuidadosa.

Como se pode depreender do exposto acima, os tópicos que acabaram sendo destacados foram os seguintes:

a). História da comunidade dentro do contexto histórico geral do mundo e da região.

b). Estudo das variedades lingüísticas (línguas e dialetos) envolvidas na formação da variedade usada pela comunidade, desde os primeiros imigrantes até os atuais membros da comunidade. Juntamente com as formas fonológicas, foram contempladas as formas morfológicas, sobretudo de itens lexicais que distinguem a fala desta comunidade das línguas de origem (italiano e português), vistas do ponto de vista de suas normas cultas e variantes dialetais. Portanto, o aspecto fonológico, em suma, foi o mais privilegiado na caracterização lingüística da fala sob estudo. Aspectos sintáticos e semânticos, que também desempenham um papel importante e saliente, infelizmente, não passaram de anotações, usadas raramente, quando isto se mostrou necessário ou interessante.

c). Atenção especial será dada à variedade fonológica falada pelos membros da comunidade, mostrando como se estabelece num sistema próprio, e destacando os traços mais típicos, os oriundos de peculiaridades dos dialetos de origem, sobretudo do dialeto caipira, que é a variedade do português que mais influenciou a fala da comunidade por ser o dialeto da região.

d). Dentro todas as possíveis variáveis sociolingüísticas, a que ficará mais caracterizada é a que define os falantes em função da idade. Uma vez estabelecido este parâmetro através de uma classificação dos mesmo em diferentes gerações, é possível entender o processo de mudança que a situação lingüística da comunidade sofreu desde seu estabelecimento no Brasil e até, de certa forma, fazer uma tentativa de prever o destino futuro da presente situação.

Infelizmente, por se tratar de uma pesquisa de mestrado com as limitações que tem, não foi possível realizar uma pesquisa de natureza sociolingüística - mesmo privilegiando os aspectos fonológicos - através de procedimentos rigorosos quer no levantamento dos dados, controlando, por exemplo, de maneira adequada, um conjunto de variáveis como sexo, idade, escolaridade, processo de aquisição da variedade sob estudo, nem foi possível

um estudo bem controlado e extensivo das variáveis de uso da fala da comunidade. Estas, entretanto, são preocupações atuais para um trabalho futuro.

1.3. Colocando Algumas Perguntas em Busca de Respostas

Já na própria delimitação e caracterização do corpus para a presente pesquisa, pode-se entrever uma preocupação especial para com certas questões em particular. Mesmo privilegiando uma abordagem inicial mais intuitiva, não há como negar que sempre existe uma teoria subjacente, escolhas metodológicas explícitas ou implícitas e um certo direcionamento inevitável que guiará a pesquisa no seu desenvolvimento futuro. Isto tudo é assumido tranquilamente e não impede o trabalho de análise e interpretação dos dados aqui apresentados.

De maneira clara e explícita, desde o começo, ficou estabelecido no presente projeto que não haveria uma preocupação em discutir, justificar e nem mesmo aplicar de maneira sistemática uma teoria lingüística específica, mesmo de natureza sociolingüística. Mas, de um conjunto de informações e idéias oriundas dos trabalhos historicamente realizados pelas teorias lingüística com as quais se teve contacto e conhecimento, podem-se tirar elementos suficientemente consistentes para uma reflexão lingüística preliminar numa situação como a da presente pesquisa.

Infelizmente, estas limitações acabam, inevitavelmente, trazendo problemas para a definição de certos fatos no contexto mais teórico, como, por exemplo, a definição de bilingüismo que, sem dúvida alguma, sempre esteve presente de forma explícita ou implícita desde o início da coleta de dados. Na medida do possível, quando necessário, foi preciso tomar algumas definições como guia, para que o trabalho pudesse progredir sem grandes embaraços metodológicos. Estas escolhas sempre foram feitas, levando-se em conta conceitos e noções aceitas de forma geral pelos lingüistas por não trazerem consigo questões discutíveis ou problemáticas por algum motivo qualquer. Mesmo assim, no fundo, sabe-se muito bem que nenhuma teoria ou conceito científico tem sua garantia declarada a priori para todo o sempre. O que se quer dizer é que tal postura epistemológica não constitui objeto de preocupação no presente trabalho, não porque não seja importante, mas por uma opção que permitia

realizar outros trabalhos de forma mais rápida.

Vendo os dados não mais como uma professora de português do I Grau, mas como uma aluna do mestrado, algumas perguntas iniciais foram formuladas no sentido de guiar os trabalhos de análise e de interpretação. Os tópicos gerais foram desmembrados em perguntas específicas, cujas respostas deveriam trazer os resultados esperados no final da pesquisa.

Apresentar-se-á, a seguir, o roteiro destas perguntas guia com pequenos comentários sobre sua relevância e abrangência. Mais adiante, no capítulo 5, estas mesmas perguntas serão retomadas para a apresentação das respostas encontradas. As perguntas deste conjunto estão voltadas particularmente para o tópico que trata da definição e caracterização da fala da comunidade e não para outros aspectos, mesmo contemplados com certo peso no presente trabalho. As perguntas e os tópicos a que se referem são apresentados a seguir.

a). Bilingüismo: há uma situação de bilingüismo na fala da comunidade tiroleza de Piracicaba? Como este bilingüismo se realiza na fala de membros de diversas gerações? Como é adquirido e como se mantém? Existe predomínio de uma língua sobre outra?

Para alguns membros da comunidade, eles falam o italiano na sua versão dialetal de Trento. Porém, como os primeiros imigrantes vieram no final do século passado e se isolaram da comunidade européia de origem, sua fala tem traços já em desuso na Europa, não tem traços adquiridos recentemente pelo dialeto europeu e, principalmente, passou a ter características próprias por influência do português regional. Por sua vez, o português logo se constituiu numa segunda língua, adquirida pelo contacto, no caso da primeira geração, mas logo passando a ter um status de língua nativa para as gerações posteriores daqueles que nasceram no Brasil.

Vivendo numa situação bilingüe, os falantes encontraram sérias dificuldades na interação cultural, social e até econômica brasileira, uma vez que nenhuma das duas variedades lingüísticas adquiridas de pai para filho jamais teve o prestígio de uma língua culta e de uma norma culta, mesmo no âmbito restrito da região. O dialeto trentino do italiano era visto como a fala de imigrantes, nem sempre com um status de prestígio na sociedade, sobretudo na primeira metade deste século. O dialeto caipira do português também foi muito estigmatizado. Diante deste quadro não muito animador, qual

foi a atitude da comunidade para com seu próprio modo de fala? O que fez com que essa variedade misturada de dialeto trentino com caipira, como veremos mais adiante, permanecesse na fala da comunidade, apesar das dificuldades apontadas? Que definição de bilingüismo caberia melhor neste caso?

b). Traços Fonológicos Característicos: como se constitui uma variedade lingüística formada da mescla de dois dialetos de línguas diferentes? O que se pode dizer que constitui uma característica particular desta variedade e não um elemento típico das variedades que deram origem a esta situação lingüística? Será que a comunidade, nestes anos todos, chegou a desenvolver algum traço próprio? Haveria alguma influência especial para que isto acontecesse?

Através da caricaturização do modo de falar das pessoas ou de grupos de pessoas, pode-se encontrar um uso abusivo e exaustivo de determinadas características que, na opinião de quem quer caricaturizar, constituem os traços distintivos da fala nos seus diferentes níveis lingüísticos. Quando uma situação deste tipo acontece, quais os fatos que emergem? São eles, realmente, traços distintivos da comunidade de tirolezes ou não, sendo por exemplo simples caricaturas mal feitas ou um retrato de uma situação lingüística mais abrangente, envolvendo, por exemplo, o dialeto caipira?

Dentro destas indagações, como se apresenta o sistema fonológico que define a fala desta comunidade, hoje? Quais são os fonemas, seus alofones, com destaque para as variantes mais importantes? Há razões sociolingüísticas bem definidas para explicar o uso destas variantes?

c). Línguas em Contacto: qual o comportamento lingüístico das duas línguas em contacto? Há interferência de uma na outra? Como isto acontece? Há predomínio de uma língua sobre outra, ou de elementos de uma variedade sobre os da outra variedade? Se a situação lingüística hoje revela uma mistura de dialetos de línguas diferentes, como isto aconteceu? O que aconteceu? Qual o resultado estabelecido? Existe ainda mudanças em curso? Quais e como agem?

Por que a iniciativa recente de estudar italiano não deu certo e trouxe grande frustração? Será que o italiano standard ensinado nos cursos foi uma boa escolha? Será que o fato de eles se julgarem tirolezes, mais do que italianos, não influenciou o fracasso do estudo do italiano? Se fosse ensinado

o dialeto trentino tal qual é falado hoje na Itália seria uma melhor solução? Que influência teria tal ensino no modo de falar o dialeto trentino pela comunidade de Piracicaba?

Qual o status do dialeto caipira na vida dessa comunidade rural, inserida no Município de Piracicaba e, portanto, no centro de uma das regiões onde o dialeto caipira tem uma força maior no Estado de São Paulo? Por que a escolarização não acaba com a situação atual, uma vez que dá atenção apenas para a norma culta do português?

Na atual situação lingüística, há um processo dinâmico e atuante agindo sobre o português da região. De onde os falantes da comunidade tiram elementos novos para adaptar o antigo dialeto trentino às novas exigências da vida moderna? A situação de línguas em contacto tem, de um lado, uma variedade ativa e operante, atualizando-se a todo instante, e, de outro, uma variedade fossilizada? Há algum mecanismo interno que vivifica a variedade trentina, isolada numa comunidade pequenas como a de Piracicaba?

d). Variáveis Sociolingüísticas: mesmo não fazendo um levantamento quantitativo, é possível definir a ação de variáveis sociolingüísticas no comportamento lingüístico que diferencia a fala da comunidade tiroleza de Piracicaba das variantes dialetais que formaram esta nova situação? Quais as variáveis de formação que mais se destacaram e como agiram?

Certamente, a idade se constituirá numa variável importante, uma vez que está claro na consciência dos falantes as diferenças entre a fala dos antigos e a dos jovens. Como pode ser melhor definida e caracterizada esta variável?

É por demais conhecida a importância da "mamma" na cultura italiana. A comunidade de Piracicaba não foge à regra. Pelo contrário, existe até um culto de uma delas que orientava a vida religiosa e, indiretamente outros aspectos. Há outros aspectos relacionados com a variável sexo que sejam relevantes na perspectiva da presente pesquisa? As crianças aprendem a falar tipicamente com a mãe ou com a família como um todo? As mulheres têm uma fala mais conservadora do que os homens? Em que sentido isto acontece?

Qual a importância da escolaridade na formação da variedade lingüística usada pela comunidade? Qual o nível de escolaridade que os membros da comunidade têm? A fala dos que estudam mais influencia a fala dos que freqüentam um nível inferior de escolaridade? É fato conhecido a iniciativa de

algumas pessoas de dialetos estigmatizados publicarem textos escritos nesses dialetos (veja o jornal *A Província* que circulou até 1993; veja também uma poesia de Cecílio Elias Neto, no apêndice 6). Será que a comunidade já tomou essa iniciativa? O que representa para eles uma tal realização? Tal empreitada traria alguma contribuição para melhorar o status da variedade na sociedade?

Qual é a história de aquisição da linguagem - em linhas gerais - das crianças desta comunidade, hoje? Como era antigamente, com outras gerações? Será que a situação de bilingüismo aparece num momento posterior, quando as crianças já aprenderam uma variante? De um modo geral, pode-se dizer que todos os membros tem uma história parecida a respeito da maneira como aprendem a falar o dialeto trentino usado pela comunidade e o português? O que as pessoas de diferentes gerações e de diferentes graus de escolaridade da comunidade acham de as crianças serem submetidas a um processo de aquisição da linguagem tal qual acontece hoje? Gostariam que fosse diferente? Em que sentido?

Caracterizar diferentes contextos de uso também é uma forma de estabelecer variáveis de natureza sociolingüística. Aqui, a definição de fala formal e informal aparece como um guia para ajudar a definir a variante sob estudo. Formal e informal refere-se a inúmeras situações concretas que somente quem conhece bem a vida da comunidade pode avaliar corretamente. Neste sentido, o fato de ter freqüentado a vida da comunidade em muitas ocasiões permite avaliar esse parâmetro de maneira adequada e em diferentes circunstâncias. Quais são, então, as escolhas preferidas por esses falantes para caracterizar um uso mais formal ou mais informal de sua fala? Quando aparece o caráter de bilingüismo na fala? Quem se identifica assim, ou quem se identifica como falante típico de uma das variantes formativas da fala da comunidade? Neste caso, qual variante é preferida?

Como a comunidade se relaciona com seus vizinhos, com outras comunidades rurais e com a comunidade urbana? Pessoas de fora são autorizadas a falar do jeito que os membros da comunidade tirolesa fala? Há preconceitos? Existe algum momento em que a comunidade gosta de se mostrar que usa um modo diferente de falar dos demais da região?

e). O Igual e o Diferente: na verdade, há uma comunidade homogênea de tiroleses em Piracicaba, ou há, de fato, duas comunidades em competição: a

do bairro de Santa Olímpia e a do bairro de Santana? Há uma aparente homogeneidade com o intuito de defender a comunidade como um todo perante o mundo externo com uma estrutura interna dividida? Quais as razões para esta realidade? Será que as pequenas diferenças linguísticas encontradas na fala das duas partes da comunidade não significa um esforço para a formação de uma identidade própria, para firmar um status diferente, talvez competitivo no prestígio dentro da comunidade?

A rivalidade entre as duas partes aparece às vezes. Alguns fatos históricos podem conter uma explicação possível para tal atitude. Há também rivalidade com relação à língua, ou mesmo apenas com relação a algum uso particular da língua da comunidade? Histórias diferentes conduzem as pessoas a realidades linguísticas diferenciadas. Até que ponto o que aconteceu com as pessoas dos dois grupos influenciou na fala de cada um deles?

f). A Linguagem no Tempo: a fala da comunidade mudou com o passar do tempo, desde a primeira geração de imigrantes até os membros de hoje? É possível traçar o caminho das mudanças? Quais os aspectos mais afetados nas mudanças? O que motivou as mudanças? Há ainda processos antigos de mudança ainda atuantes? Há processos que começaram a aparecer recentemente? Qual a reação das diferentes gerações frente às mudanças? O que é feito para interromper ou para instaurar as mudanças no campo linguístico da vida da comunidade? Quais variáveis sociolinguísticas aparecem de forma mais atuantes historicamente nos processos de mudanças registradas?

g). O Futuro: levando-se em conta a história e a situação atual da comunidade, é possível prever o que poderá acontecer com a linguagem? A conscientização cultural que tem resgatado alguns aspectos que estavam ficando de lado pode sustentar o uso de duas variantes estigmatizadas na comunidade? A sobrevivência do dialeto italiano talvez permaneça como um elemento folclórico, assim como as roupas, a comida, as festas, etc. A sobrevivência do dialeto caipira dependerá do que acontecer na região, sendo, pois, uma questão a ser resolvida fora da comunidade. O que os membros da comunidade acham destas perspectivas? O que eles gostariam que acontecesse? Que elementos poderiam interferir na situação atual, transformando-a no futuro?

Diante de um roteiro tão extenso e minucioso, embora concentrado em alguns tópicos apenas do que poderia ser uma grande pesquisa sociolinguística, resta buscar as respostas e interpretá-las. É o que será feito a partir do capítulo 3. Muitas informações apareceram de forma indireta neste roteiro, mas serão tratadas de forma completa nos capítulos que se seguem. De importância fundamental é o conhecimento da história da comunidade e das variantes dialetais do italiano e do português que, num momento convivem numa situação de bilingüismo típico e, em outras, se mesclam, formando uma variedade, talvez predominantemente de português, hoje, com um rico vocabulário italiano, além de algumas marcas fonológicas também introduzidas na variedade do português e oriundas do dialeto trentino.

Ao encerrar esta introdução, convém fazer algum comentário a respeito dos rumos futuros da presente pesquisa. Desde 1987 até hoje o interesse no estudo desta comunidade tem crescido sempre. Há um interesse em continuar nesta linha e estender e aprofundar o que já foi feito para se ter uma retrato mais nítido e perfeito da situação lingüística e cultural da comunidade de tirolezes de Piracicaba. Através do Circolo Trentino, pretende-se manter contactos e até um intercâmbio com a comunidade tiroleza-trentina italiana e com outras espalhadas pelo Brasil. Como veremos no capítulo 2, estas comunidades têm sido objeto de estudos de várias naturezas, inclusive lingüístico, como a tese de Mario Bonatti sobre o dialeto trentino de Santa Catarina. De particular interesse seria a realização de um estudo sociolinguístico detalhado e que mostrasse, inclusive quantitativamente, a ação das variáveis sociolinguística na vida lingüística dessa comunidade.

Notas

1. A comunidade tiroleza-trentina, objeto da presente pesquisa, situa-se na Cidade de Piracicaba (cerca de 160 km da cidade de São Paulo), compreendendo duas fazendas - a de Santa Olímpia e a de Santana. Para a cidade de Piracicaba, as duas fazendas formam dois bairros próximos da zona urbana. Atualmente, a comunidade contava com 1312 habitantes no último recenseamento. A comunidade se identifica, às vezes, como tiroleza (austríaca), às vezes como trentina (italiana), isto porque a

região de origem dos primeiros imigrantes era denominada Tirol, sendo parte do então Império Áustro-húngaro. Depois da Primeira Guerra Mundial, em 1919, passou a ser parte da Itália com o nome de Trento, através do Tratado de Saint-Germain.

2. Na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Dr. Samuel de Castro Neves, funciona o I Grau. O II Grau tem apenas um curso supletivo (Suplência II e III) para alunos maiores de 19 anos, que não tiveram a oportunidade de estudar anteriormente. Quando os alunos acabam o I Grau, os que continuam os estudos o fazem na cidade de Piracicaba. De manhã funcionam as quatro primeiras séries do I Grau e, à tarde, as quatro últimas séries. O curso supletivo funciona à noite. A escola é pequena e atende apenas aos alunos moradores dos bairros de Santa Olímpia e de Santana.
3. Através das obras "Circolo Trentini Nel Mondo", publicadas pela Associazione Trentini nel Mondo, Itália, constata-se que o "circolo" abrange comunidades trentinas nos seguintes países: Argentina, Austrália, Áustria, Bolívia, Canadá, Chile, Colombia, Equador, França, Alemanha, Inglaterra, Iugoslávia, Luxemburgo, México, Peru, Suíça, Uruguai, Estados Unidos. Além disto conta com vários centros espalhados dentro da própria Itália. Com relação ao Brasil, são indicados os seguintes centros: Nova Trento, São Paulo, Santa Tereza, Rodeio, Rio dos Cedros, Rio de Janeiro, Rio do Oeste, Piracicaba, Rio do Sul, Taiô, Venda Nova, Laurentino, Blumenau, Curitiba, Bento Gonçalves e Porto Alegre.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1. O caráter sociolingüístico da pesquisa

Como já ficou declarado no capítulo anterior (cap. 1), a pesquisa realizada se inspirou a todo instante em conhecimentos sociolingüísticos, mas não optou por levar adiante um programa de pesquisa rigoroso dentro de uma metodologia conhecida como, por exemplo, a de Labov. O não uso sistemático de uma determinada abordagem se deveu ao fato de como esta pesquisa nasceu e cresceu (veja cap. 1). Um trabalho mais rigoroso e mais abrangente é tarefa para uma pesquisa futura.

Trabalhando de forma mais livre, as noções básicas e os princípios teóricos subjacentes ao trabalho vieram de leituras variadas, de aulas de pós-graduação e de sugestões advindas nos trabalhos de orientação. Em suma, isto significa que esta tese pretende mostrar uma ~~imagem~~ preliminar da situação lingüística da comunidade de tiroleses de Piracicaba, privilegiando os aspectos fonológicos e o léxico. Dentro deste cenário, pareceu dispensável à autora trazer para esta tese uma revisão da literatura de caráter sociolingüístico ou de qualquer outra área da lingüística, uma vez que o objetivo primordial do trabalho sempre foi descrever fatos e revelar situações e histórias e não entrar em discussões de natureza teórica, que ficariam melhor numa outra ocasião.

Este trabalho se deve muito às aulas do saudoso prof. Dr. Tarallo que, enquanto ensinava as noções básicas da área de sociolingüística e de lingüística histórica, ao mesmo tempo ia ajudando o desenvolvimento do trabalho de pesquisa, em todas as suas fases. De maneira particular, contribuíram para a pesquisa os artigos e livros publicados pelo professor Tarallo, como os livros "A Pesquisa Sociolingüística" (1985), "*Fotografias Sociolingüísticas*" (1989) e "*Falares Crioulos - Línguas em Contato*" (1987) - este último escrito em colaboração com Tânia Alkmin.

Das obras de Willians Labov, devem ser destacados os trabalhos básicos como "*Sociolinguistic Patterns*" (1972) e "*Field Methods of Project on*

Linguistic Change and Variation" (1978). Dentre as leituras mais importantes, devem-se ainda destacar a obra de Peter Trudgill (1974) *"Sociolinguistics"*, a obra de Norbert Dittmar *"Sociolinguistics - a critical survey of theory and application"* (1976), a obra de Silva-Corvalán, C. (1989) *"Sociolinguística - Teoria e Análises"* (1989) e a obra de Suzanne Romaine *"Bilingualism"* (1989). O primeiro trabalho oferece conceitos fundamentais para se definir a situação de bilingüismo da comunidade. O segundo traz uma orientação geral sobre o trabalho de campo, a organização de dados e os procedimentos para análise e interpretação de línguas em contacto. As outras obras citadas ajudaram a orientar a perspectiva sociolingüística da pesquisa. Muitos outros autores da área de sociolingüística (veja, por exemplo Vermes e Boutet (org.) *"Multilingüismo"* - 1989) contribuíram de forma mais indireta, ou seja, ajudaram a formar conhecimentos na área, mas não foram usados de maneira mais atuante como os citados acima.

2.2. O Caráter Fonológico da Pesquisa

Os dados sobre a fala da comunidade foram anotados inicialmente de forma desorganizada, por curiosidade. Numa etapa posterior, uma observação atenta e mais abrangente forneceu subsídios para o estabelecimento do sistema fonológico em uso pela comunidade. Este quadro não retrata de maneira específica os momentos em que a comunidade usa apenas o dialeto trentino, nem apenas o português, mas a fala, cada vez mais comum entre os falantes das gerações mais recentes, de uma variedade lingüística que mistura essas duas línguas. De maneira grosseira, poder-se-ia dizer que, nestas ocasiões, tem-se predominantemente uma sintaxe do português com um léxico misturado de trentino e português e uma pronúncia em que se notam traços das duas línguas formadoras da atual situação lingüística.

A observação da fala começa com anotações fonéticas registrando da forma mais precisa os segmentos sonoros como são falados. Para realizar esta tarefa de muito contribuíram as aulas do Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, orientador desta tese. Dentre os vários autores que ajudaram a formação fonética da autora e, deste modo, influenciaram na sua maneira de trabalhar, deve-se

destacar a obra de David Abercrombie "*Elements of General Phonetics*" (1967) e a tese do Dr. Cagliari "*An Experimental Study of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese*" (1977) e "*Elementos de Fonética do Português Brasileiro*" (1981).

Da observação fonética, partiu-se para a análise fonológica. O modelo adotado foi a fonêmica, na linha dos trabalhos desenvolvidos por Kenneth L. Pike em "*Phonemics*" (1947) e de seus seguidores. A escolha deste modelo levou em conta não só a formação adquirida na Unicamp onde este modelo tem predominado nas teses da área, mas também pelo fato de se ter encontrado outros trabalhos relevantes para esta pesquisa que apresentavam análises fonológicas dentro do modelo da fonêmica pikiana ou da fonologia estruturalista em geral.

Para o estudo fonológico dos dialetos italianos e em particular do dialeto trentino, foram de grande ajuda as obras de Bulzoni "*Gli Studi di Fonetica e Fonologia*" (1976), de Canepari "*Introduzione alla Fonetica*" (1979), de Dardano e Trifone "*La Lingua Italiana*", de Groff "*Dizionario Trentino-Italiano*" (1982), várias obras de Mattei (1987, 1988, 1989 e 1992), de Mioni "*Fonematica Contrastiva*" (1973), de Agard e Pietro "*The Sounds of English and Italian*" (1973), de Rafaelli "*Proverbi del Trentino*" (1981), de Sobrero "*Dialetti in Italia*" (1991), entre outras, sobretudo as publicadas pelo Circolo Trentino, como a Revista *Trentini nel Mondo*.

De interesse particular para o dialeto trentino encontrado no Brasil são as obras de Mário Bonatti "*O Dialeto Trentino de Pomeranos - um estudo de antropologia e de lingüística*" (1968), "*Aculturação Lingüística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina, Brasil (1875-1974)*" (1974), de Frosi e Mioranza "*Dialetos Italianos*" (1983), de Grosselli "*Vincere o Morire - Parte I Santa Catarina 1875-1900*" (1986). Deve-se incluir aqui a obra "*Dicionário do dialeto trentino da comunidade tirolesa de Piracicaba*" escrito por um membro desta comunidade chamado Guilherme Vitti. Esta obra ainda se encontra manuscrita, não publicada até a presente data. Na obra de Bonatti, há uma bibliografia especializada sobre estudos do dialeto trentino, de grande interesse.

Com relação ao português, foi dado um destaque ao dialeto paulista e uma atenção especial ao dialeto caipira. As duas teses do Dr. Cagliari trazem uma

grande contribuição para a descrição do dialeto paulista. Algumas informações também foram encontradas na obra de Edward Lopes "*Fundamentos da Linguística Contemporânea*" (1987).

A obra de Amadeu Amaral "*O Dialeto Caipira*" (1976) - ainda se constitui numa leitura obrigatória. Outro trabalho importante com relação ao dialeto caipira é o livro de Ada Rodrigues "*O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba - SP*" (1974). Obras como as de Cecílio N. Elias "*Arco, Tarco, Verva - As delícias do Refinado Dialeto Caipiracicabano*" (1988) - em dois volumes - também ajudaram a entender melhor o dialeto caipira.

2.3. Informações históricas

Informações históricas gerais foram obtidas diretamente de enciclopédias e de livros especializados de história, cujas referências não necessitam ser mencionadas aqui, mas nem por isto deixaram de ser uma fonte útil e importante de informações.

Algumas obras, no entanto, tem interesse particular por tratar de maneira especial o assunto desta tese. Há uma lista grande de obras que apenas apresentam uma ou outra informação particular e, por isto mesmo, ficarão de fora desta revisão.

As que mais contribuíram para o levantamento da história da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba e de suas raízes européias foram as seguintes: Giraldelli "*Santa Olímpia e Santana: trajetória social e memória*" (1992); Grosselli "*Colonie Imperiali nella Terra del Caffè - contadini trentini nelle foreste brasiliane - Parte II Espírito Santo 1874-1940*" (1987), "*Dove cresce l'araucaria - Dal primiero a Nova Tyrol - contadini trentini nelle foreste brasiliane - Paraná 1874-1940*" (1989), "*Da schiavi bianchi a coloni, un progetto per las fazendas - contadini trentini nelle foreste brasiliane*" (1990); Benedicto e Estequei "*Um Pedaco do Tirol em Piracicaba - A cultura e a comunicação dos tirolezes de Santana e Santa Olímpia*" (1991); Leone "*Sob o olhar dos capuchinos - a ação missionária dos capuchinhos trentinos em Santana e Santa Olímpia*" (1993); Prezotto "*Resgate da Memória e transformações culturais de uma comunidade rural italiana: o caso de Santana*" (1991); Stenico

"Árvore genealógica das famílias tirolezas de Santa Olímpia" (1993); Vitti "En contadin de Meano che s'ha fat bon brasileiro: Centenario dell'imigrazione dei tirolesi del Município di Piracicaba - Brasile 1877-1977" (1977), "Imigrantes tirolezes no Município de Piracicaba" (1988), "Histórico das famílias Vitti e Forti do bairro de Santana" (1988) e "Esperança de uma vida nova - 100 anos de Santana 1893-1993" (1993).

Outras obras complementares consultadas foram: Amaral "Introdução ao trabalho livre em Campinas" (1952); Berto (1986) "Capuchinhos em Piracicaba - Igreja Sagrado Coração"; Ciurletti (1990) "La patria d'origine - gli 800 anni del principato di Trento"; Correr (1982) "Uma história verdadeira - lar católico"; Degaspari (1982) "Recordando a nossa História"; Gorfer (1986) "La patria d'origine - il bel Trentino"; Neme (1938) "Piracicaba no século XVIII", (1939) "Um município agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba"; Piñani (1937) "Lo stato di San Paolo nel cinquentenario dell'immigrazione"; Torres (1975) "Aspectos da evolução da propriedade rural de Piracicaba no tempo do Império".

Deve-se acrescentar, ainda, a contribuição eventual tirada de artigos de jornais de Piracicaba, sobretudo do *Jornal de Piracicaba*, de *O Diário* e de *A Província*. Também foram importantes as visitas à Biblioteca Municipal de Piracicaba, de Rio Claro, da UNESP em Rio Claro, as visitas ao Arquivo Municipal de Rio Claro, ao IBGE e até a cartórios da cidade de Piracicaba. Como há uma participação importante da religião e da vida religiosa na vida da comunidade sob estudo, foi importantes entrar em contacto com os franciscanos e capuchinhos, sobretudo com os do Seminário Seráfico São Fidelis de Piracicaba.

Conversar com os membros da comunidade e até entrevistá-los foi uma forma muito importante de obtenção de informações de todo tipo a respeito da comunidade. Em particular, gostaria de destacar as conversas com o Pe. Jacob Stenico - falecido em novembro de 1993 e, sobretudo, com o historiador da comunidade, Guilherme Vitti.

2.4. Os Informantes

Para entender melhor como a comunidade é formada com relação aos seus membros, foi feito um estudo preliminar, consultando a bibliografia de que se dispunha inicialmente. Os trabalhos de Grosselli (1986, 1987, 1988 e 1990) foram de grande ajuda. Além deste, foram importantes os trabalhos produzidos por membros da própria comunidade, como Vitti (1977, 1988, 1990, 1993; Correr, 1982, Degaspari, 1982, além de outras obras como as de Benedicto e Estequei, 1991; Prezotto e Vieira, 1991; Giraldeili, 1992 e Leone, 1993. Com eles foi possível traçar um retrato da situação atual e da história desta sociedade.

Com este estudo preliminar, algumas variáveis se mostraram mais importantes para se entender as relações das pessoas com a sua comunidade. Em primeiro lugar, dentro da comunidade há dois conjuntos de pessoas, representados pelos habitantes dos dois bairros: Santa Olímpia e Santana. Com o passar o tempo as diferenças e semelhanças entre eles foi se aclarando.

O fator mais importante na definição dos informantes é a geração a que cada um pertence. Esta noção histórica é um fator cultural extremamente importante. Reconhece-se facilmente cinco gerações distintas. A primeira delas é constituída pelos filhos dos imigrantes que chegaram ao Brasil em 1877, 1881 e 1883. Do grupo inicial de imigrantes, hoje, há nove famílias que moram em Santa Olímpia e cinco que moram em Santana.

As gerações aqui adotadas são divididas da seguinte forma:

	País - imigrantes	
1ª Geração -	filhos	(nascidos antes de 1919)
2ª Geração -	netos	(nascidos de 1920 a 1940)
3ª Geração -	bisnetos	(nascidos de 1940 a 1957)
4ª Geração -	tataranetos	(nascidos de 1958 a 1968)
5ª Geração -	trinetos	(nascidos de 1970 em diante)

Outros fatores surgiram com importância menor na caracterização dos informantes, como o nível de escolaridade, a profissão e, sobretudo, a ligação cultural que a pessoa tem com o lugar de origem. É bom lembrar que, embora todos sejam tirolezes-trentinos, as famílias vieram de lugares diferentes e tem, pois, algumas diferenças entre elas, que são exploradas eventualmente pelos membros da comunidade (Ver capítulo 3 sobre a história da comunidade).

Como se pode observar, para o presente trabalho, o critério de idade foi o escolhido para caracterizar os informantes. A razão principal desta escolha reside no fato de se notar diferenças na fala das pessoas de acordo com a geração a que pertencem. Assim, os velhos (mais de setenta anos, são falantes bilingues, falam o italiano (trentino) e o português (caipira). A segunda geração tem as mesmas características da primeira geração. A terceira geração nasceu e conviveu muito tempo numa situação de bilinguismo, porém, com menos intensidade do que a geração anterior. Na quarta geração a situação lingüística começou uma grande mudança, ficando a língua italiana praticamente de lado e prevalecendo o português. Esta geração resolveu, de certo modo, estabelecer uma ruptura com o passado e a cultura dos antigos, procurando uma integração maior com a vida das pessoas da região. A quinta geração já nasceu numa situação em que o bilinguismo é uma realidade dos velhos. Recebeu também forte influência da escola no sentido de deixar de lado as características dialetais da comunidade, substituindo-as pela norma culta do português. Esta geração, entretanto, está vivendo uma situação nova, nos últimos anos, com o resgate da cultura, inclusive da língua italiana, do dialeto trentino, que ficou mais acentuado com as comemorações do centenário da imigração, da compra das fazendas e de um certo movimento cultural atual que procura resgatar o valor das minorias.

2.5. Os Dados

Os dados da presente tese são de três tipos diferentes. Há um conjunto de dados e informações de natureza histórica que foram obtidos através da leitura da literatura pertinente, através de conversa com membros da comunidade e através de pesquisa em arquivos como, por exemplo, registros em cartórios. Um outro tipo de dados referem-se às descrições fonológicas do dialeto trentino e caipira, em particular, e, de um modo mais geral, do italiano e do português falado no Brasil. O terceiro tipo de dados provém de gravações feitas em vídeo e em gravadores comuns, além do registro de conversas, algumas feitas com transcrições fonéticas detalhadas.

O uso do vídeo mostrou-se muito útil não só para o registro das falas,

mas também do contexto em que elas se realizaram. O fato de se poder ver o informante falando traz muitas informações que uma simples gravação deixa de lado. O vídeo torna o trabalho de coleta de dados mais *personalizados*, e é certamente muito importante em trabalhos que envolvem estudos sociolinguísticos. Alguns informantes não aceitaram ser gravados em vídeo, mas concordaram em gravar conversas no gravador comum. O motivo alegado sempre foi a vergonha de aparecer na tela da televisão.

Em todas as abordagens, a estratégia preferida para coleta de dados foi a conversa com os informantes. Procurou-se estabelecer uma conversa mais informal possível dentro das condições do trabalho de campo. O motivo das conversas era quase sempre a vida do dia a dia da comunidade ou de sua história. Para obter melhores informações, a pesquisadora procurou participar de eventos e festas típicas, fazer amizade com as pessoas e participar de certo modo na própria vida da comunidade. Esta iniciativa envolveu de tal modo a pesquisa, a pesquisadora e a comunidade que a própria comunidade começou a cobrar colaborações específicas da pesquisadora. Por causa das festas do centenário das fazendas, chegou-se mesmo a publicar artigos no jornal de Piracicaba a respeito da comunidade. Outro momento importante foi o entrosamento com o Circolo Trentino, do qual se obteve muita informação sobre os trentinos no mundo. Como a pesquisadora fora professora na escola da comunidade de 1986 a 1988, o acesso aos alunos ficou muito fácil, mesmo depois que deixou de lecionar. Uma excelente fonte de informações sobre o modo de falar da comunidade pode ser visto em redações de alunos. Erros de ortografia revelam pronúncias típicas, além de se ter o registro escrito de um léxico muito particular de origem trentina e um léxico português com formas morfológicas alteradas em função da variedade fonológica (e morfofonológica) usada pela comunidade.

Além da conversa *informal*, em algumas ocasiões foram estabelecidas *conversações dirigidas*. Nestas conversas havia um conteúdo a ser explorado, uma série de perguntas previamente formuladas e uma ordem de realização. Este tipo de conversa aproxima-se de uma entrevista e tem a vantagem de prover rapidamente dados para preencher lacunas que iam se formando à medida que a pesquisa progredia.

Com as crianças de 10 a 15 anos, estudantes do I Grau, foi feito um

levantamento da fala através da pronúncia em leitura de textos. O texto mais usado foi um tirado de um dos livros adotados pela escola da comunidade: "Choro, vela e Cachaça" de Stanislaw Ponte Preta. Trata-se de um texto curto, interessante e humorístico que prendia a atenção dos alunos na história, deixando-os mais livres com a pronúncia, possibilitando a leitura mais natural possível para eles. Nem todo aluno deixou ser gravado em vídeo, nem mesmo com gravador comum. Mais uma vez, a razão alegada foi a vergonha de ser gravado.

2.6. A Interpretação dos Dados

Cada um dos três tipos básicos de dados teve um tratamento próprio. Com os dados de natureza histórica, fez um capítulo (3) em que se relata a história da comunidade. Há informações sobre a situação da Itália e do Brasil na época da imigração. Depois, narra-se como se formou a comunidade com a compra das duas fazendas em Piracicaba. A vida cultural também acabou tendo um destaque especial, sobretudo a religião, as festas, os casamentos e também o trabalho. A história apresenta alguns problemas, oriundos de dúvidas e incertezas. Há também informações aparentemente contraditórias com relação a alguns fatos, quer entre autores da literatura pertinente, quer na interpretação e memória dos membros. Nos momentos oportunos, algumas destas questões serão apontadas. Porque a comunidade se fechou de 1892 a 1970, aproximadamente, começaram a acontecer muitos casamentos entre primos, o que tem gerado motivo para algumas discussões sérias sobre a vida da comunidade.

Com as informações básicas dos sistemas fonológicos do dialeto trentino e do dialeto caipira, além de outras informações sobre o italiano e o português em geral, pode-se compreender melhor as características da variedade lingüística usada pelas pessoas das diversas gerações e, deste modo, definir melhor a realidade lingüística de cada um. Os mais velhos são bilingües, depois, aos poucos, a variedade italiana vai diminuindo na fala das pessoas, até chegar à situação dos mais jovens que entendem os mais velhos, mas se recusam a falar como eles, sendo, pois, basicamente, falantes de uma variedade do português da região (dialeto caipira ou norma culta paulista). Informações específicas sobre o trentino e o dialeto caipira ajudam a completar um quadro

que se propôs fazer para mostrar um *modelo* de fala típica da comunidade, que representa a fala das gerações mais novas, e na qual se tem basicamente a língua portuguesa com influência da variedade italiana trentina dos antigos ocorrendo em vários níveis: fonológico, sintático, ~~semântico~~, lexical, etc. De todos os tipos de influência, certamente, a fonológica e a lexical tem um destaque especial. Por isto, no capítulo 4 serão apresentados os sistemas fonológicos do dialeto trentino e do dialeto caipira e algumas outras informações complementares a respeito do italiano e do português. No capítulo seguinte (5), apresentar-se-á um quadro geral do sistema fonológico da fala das últimas gerações, como explicado acima.

No capítulo 1, foi apresentado um roteiro de perguntas que a pesquisa se propôs a investigar e a responder na medida do possível. Os capítulos 3 e 4 mostram algumas respostas e o capítulo 5 volta às perguntas originais, agora com as respostas e conclusões da pesquisa realizada.

2.7. Trabalhos sobre a comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba

Nos últimos anos, a comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba despertou o interesse de vários estudiosos que escreveram e publicaram trabalhos a respeito da história, da vida e da cultura desta comunidade. Apresentar-se-á a seguir um resumo destas obras.

2.7.1. "*Recordando a nossa história...*" de Francisco Caetano Degaspari, 1982. Monografia não publicada.

O autor relata a história da família Jacob Correr e Rosa Pompermayer Correr, com seus onze filhos, todos nascidos em Trento. Conta como foi a saída de Romagnano até a chegada ao Brasil. A família esteve antes em Campinas, mudando-se depois em definitivo para Piracicaba no ano de 1889 e a compra da fazenda de Santa Olímpia, em 1892. Este relato foi transformado em esquete de teatro para toda a comunidade recordar sua origem, suas alegrias e tristezas.

Maria Correr Stenico, filha do casal Jacob e Rosa Correr, foi uma professora de catecismo que iniciou e despertou na comunidade o gosto pelo teatro, que ainda é muito apreciado por todos.

2.7.2. "*Bortolo Vitti, um santo homem*" de Guilherme Vitti, 1977.

Trata-se de uma espécie de autobiografia romanceada da vida do bisavô do autor. Na primeira versão, o título era: "*En contadin de Meano che s'ha fat bon brasiliano: centenário dell'immigrazione dei tirolese del Município di Piracicaba*".

2.7.3. "*Imigrantes tirolese no Município de Piracicaba*" de Guilherme Vitti, 1988.

2.7.4. "*Histórico das famílias Vitti e Forti*" de Guilherme Vitti, 1988

As duas monografias acima relatam a história dos tirolese e, em particular, a história da família do autor. São lembranças baseadas em fatos contados pelos antigos parentes.

2.7.5. "*Dicionário do dialeto trentino da comunidade tirolese de Piracicaba*" de Guilherme Vitti, 1990.

Trata-se de uma compilação de palavras formando um léxico de palavras trentinas usadas na comunidade tirolese-trentina de Piracicaba.

2.7.6. "*Esperança de uma vida nova*" de Guilherme Vitti, 1993.

É um livro publicado que narra a saga de sua família que deixou o Trento em busca de uma vida melhor no Brasil. O autor informa o leitor de modo particular sobre a vida da comunidade no bairro de Santana. Explica que a comunidade se auto-denomina *tirolese* porque, na época da imigração, em 1877, a região de origem era conhecida como Tirol e pertencia a Áustria. Depois passou a pertencer a Itália e ficou com o nome italiano de Trento.

O autor possui muitos documentos importantes sobre a história da comunidade e, neste livro, faz um relato detalhado da história da comunidade. Há uma atenção especial voltada para a aquisição das fazendas, das dívidas, hipotécas e desacordos ocorridos. Outro aspecto importante da obra é a vida religiosa da comunidade. São todos católicos e construíram duas igrejas, uma em Santa Olímpia e outra em Santana. Fala ainda da criação de uma Corporação Musical de Santana que costumava se apresentar em festas da comunidade e fora, tocando músicas italianas.

A obra incorpora ainda o dicionário trentino e a biografia de seu bisavô Bortolo Vitti, traduzida para o português.

2.7.7. *"Uma história verdadeira", "A travessia e sete quedas", "Piracicaba - Santa Olímpia", "Cinquenta anos depois", "Dois problemas", "Família levítica", "O segredo", "Vida de aberturas", "Cada país com seu uso", "Duas paixões", "Capítulo à parte: os frades" e "Centenário - à guisa de epílogo"* de Lino José Correr, 1982.

É uma coleção de artigos do padre Lino José Correr publicados na revista *Lar Católico*. O autor faz uma homenagem à comunidade tirolesa-trentina, principalmente aos seus familiares que chegaram ao Brasil no ano de 1881. O primeiro artigo começa dizendo: "Desejo fazer conhecimento do público tudo que Deus faz pela nossa família...". Conta que foi muito triste deixar os Alpes, mas os imigrantes passavam lá muita miséria e viviam na pobreza. Fala da vida na fazenda Sete Quedas em Campinas e a compra da fazenda de Santa Olímpia, em 1892. Fala das comemorações do cinquentenário da imigração. Menciona os problemas com casamentos que a comunidade enfrentou e dá um destaque especial à vida religiosa, comentando em detalhes os ensinamentos de Tia Maria Stenico. A vida sacerdotal sempre foi um ideal para os meninos e da comunidade saíram muitos padres. Conta também a história dos capuchinhos de Piracicaba, que chegaram em 1890.

Acaba a série de artigos, com o seguinte comentário:

"Quem vai ao "Banco" hoje, há de topar com a mesma aldeia, acrescida em número de moradias, nenhuma delas mais de pau-a-

pique... A piedade também decresceu. O terço ainda é recitado pelos poucos remanescentes da velha-guarda: de manhã e de tarde, na capela. A mocidade já está contaminada da mentalidade-TV, por demais esclarecida, e não mais se angustia pela conservação de Fé como foi a herança deixada pelos antepassados... Meu velho "Banco" ficou novo demais para ser reconhecido no seu aspecto íntimo. O modernismo suplantou o antigo. E assim é natural que aconteça, a tempos novos condições e maneiras de viver também novos!"

2.7.8. *"Um pedaço do Tirol em Piracicaba - a cultura e a comunidade dos tirolezes de Santana e Santa Olímpia"* de Marcos Benedicto e Marilei Estequei, 1991.

É uma monografia do Projeto Experimental do 8º semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

A monografia conta o começo da imigração, baseando-se os autores na obra de Guilherme Vitti. Há informações detalhadas sobre a vida religiosa e a vida social e cultural da comunidade. A obra traz ainda o vocabulário trentino de Guilherme Vitti reescrito pelos autores da monografia.

2.7.9. *"Resgate da memória e transformações culturais de uma comunidade italiana: o caso de Santana"*, 1991, de E. Prezotto e M. Vieira.

Este trabalho é uma monografia do curso de Tópicos Especiais em Antropologia IV do IFCH da UNICAMP. Há um levantamento histórico da imigração e da formação do bairro de Santana. Há referências entre a vida da comunidade tiroleza-trentina e seus vizinhos e a importância da cultura da cana para ambos. A obra baseia-se na literatura da imigração e em entrevistas informais com pessoas residentes no bairro de Santana. Guilhermi Vitti foi uma fonte importante de informações. Analisaram em particular a vida de Osvaldo Vitti que era um dos mais velhos moradores. Os autores concluem dizendo que a memória do trabalho é o sentido e a justificação de toda uma biografia e que a história de Osvaldo Vitti é a história de muitos deles.

2.7.10. "*Santa Olímpia e Santana: trajetória social e memória*", 1992, de Sandra Giraldelli.

Trata-se de uma dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais do IFCH, UNICAMP. Este estudo recupera a história do grupo de imigrantes, desde a saída até o ano de 1992. A autora procura traçar um perfil de como se deu a construção de uma memória coletiva, elaborada a partir das lembranças e tradições passadas através de gerações. Três aspectos foram salientados: coesão do grupo, desestruturação e expectativas atuais com relação à manutenção da cultura tradicional.

A autora dividiu as gerações em três grupos da seguinte forma: os idosos, os adultos que estão na faixa dos trinta a cinquenta anos - constituindo os que sofreram as grandes transformações culturais, e os jovens com menos de trinta anos - formando um grupo que começou a lutar pela volta das tradições. Através dos relatos da experiência de vida dessas gerações, procura confrontar seus pensamentos e analisar suas histórias. Dessa forma, procura mostrar o processo em que ocorreram as transformações e inter-relações dos membros da comunidade.

2.7.11. "*Sob o olhar dos capuchinhos - a ação missionária dos capuchinhos trentinos em Santana e Santa Olímpia*" de Glaura Maria Miné Paiva Leone, 1993.

É uma dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências da Religião da PUC-SP. A autora procura estudar historicamente os discursos dos missionários trentinos em Santana e em Santa Olímpia, a partir de sermões escritos por Frei Vito de Martignano para a comunidade, além de dados biográficos dos frades que estiveram lá, livros tombo da comunidade, do testamento da líder espiritual da comunidade e de correspondências dos superiores capuchinhos.

2.8. Estudos sobre os dialetos trentinos

Como vimos no capítulo 1, há mais comunidades trentinas no Brasil, além da de Piracicaba. De um modo geral, estas comunidades não foram estudadas. Uma exceção é a comunidade tiroleza-trentina de Santa Catarina, no Vale do Itajaí. Um de seus membros é o padre Mario Bonatti, cuja formação lingüística o levou a escrever uma tese de doutorado sobre a fala dos trentinos de Santa Catarina. Sua tese intitula-se "*O dialeto trentino de Pomeranos - um estudo de antropologia lingüística*", defendida na Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena, em 1968. A tese traz uma descrição detalhada da fala dos trentinos de Santa Catarina, privilegiando os aspectos fonológicos e o léxico. Além disto, traz muitas informações a respeito dos dialetos trentinos da Itália, para um estudo de comparação.

Mario Bonatti escreveu também um trabalho intitulado "*Aculturação Lingüística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina, Brasil (1875-1974)*" para o Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, Blumenau, em 1974.

Na tese de Bonatti encontra-se uma relação de estudos realizados sobre o dialeto trentino desde 1856. É uma fonte preciosa de informações.

Na presente pesquisa, além das informações que foram possíveis de serem consultadas das referências bibliográficas coletadas, muitas obras que falam da língua italiana em geral, sobretudo de caráter dialetológico, foram muito úteis e ajudaram muito na descrição do trentino italiano e brasileiro. A bibliografia traz as referências completas das obras, como a de Bulzoni (1976) "*Gli Studi di Fonetica e Fonologia*", de Canepari (1979) "*Introduzione alla fonetica*", de Dardano e Trifone (1985) "*La lingua italiana*", de Groff (1982) "*Dizionario trentino-italiano*", de Sobrero (1991) "*Dialetti in Italia*", entre outros.

2.9. Estudos sobre o português da região

Para o estudo do dialeto caipira ainda é importante a obra Amadeu Amaral (1976) "*O dialeto caipira*". Outra obra importante é de Ada Rodrigues (1974) "*O dialeto caipira da região de Piracicaba*". Para o português paulista, a referência mais usada foram as duas teses de Luiz C. Caglairi "*An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*" (1977) e "*Elementos de Fonética do Português Brasileiro*" (1982). As obras de Mattoso Câmara e de outros contribuíram indiretamente no presente estudo.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DA COMUNIDADE TIROLESA-TRENTINA DE PIRACICABA

3.1. Introdução

Neste capítulo, pretendemos mostrar a situação política do Brasil, no ano de 1850. Ocasão em que muitos imigrantes estrangeiros vieram ao Brasil. Naquela época, havia rumores sobre a abolição dos escravos negros, e os fazendeiros ficaram desesperados com a possibilidade de tal situação e começaram a contratar imigrantes europeus para suas lavouras.

Também, neste capítulo, mostraremos a história da imigração tiroleza ao Brasil e porque o grupo de tirolezes que chegou aqui, no ano de 1877, escolheu o Estado de São Paulo, enquanto que a maioria dos seus conterrâneos imigravam para o sul do Brasil. Mostraremos o percurso desse grupo, desde a saída do antigo Tirol - Austríaco, até a formação da comunidade tiroleza-trentina em Piracicaba-SP, no ano de 1893.

Descreveremos os costumes dos tirolezes desde o ano de 1892 até hoje (1994): a vida religiosa na comunidade tiroleza; a música; a banda e as festas; o casamento; o trabalho; as rupturas culturais, surgidas nas décadas de 60 a 80; a busca das tradições e do país de origem no início de 1980, a recuperação das danças folclóricas do Tirol; dos costumes antigos; a formação do coral, de teatro a fundação do "Circolo Trentino di Piracicaba" e o centenário do bairro de Santa Olímpia em 1992 e de Santana em 1993, onde moram os tirolezes.

3.2. - Uma história de imigrantes: a imigração trentina para o Brasil

Segundo Gorfer, A. (1986), até os anos de 1860 uma considerável parte da população trentina emigrou para outras regiões da Europa a procura de trabalho e, no início do século, para o Continente Americano (América do Norte e do

Sul). Hoje, o fenômeno se exauriu e, em alguns casos, assiste-se à uma corrente inversa: o retorno à pátria de origem. No entanto, os imigrantes deram vida nova aos países onde fixaram residência. A presença no mundo de imigrantes trentinos e de seus descendentes, que, às vezes, vão até à quarta e quinta gerações, é calculada em cerca de duzentos e noventa e sete mil pessoas.

Segundo o sociólogo Grosselli (1987), a imigração trentina iniciou-se nos anos de 1860. Naquela época, partiram os primeiros imigrantes para não mais voltar, indo residir no estrangeiro.

A direção foi o Continente Americano. No início da imigração, muitos foram aos Estados Unidos da América. Após 1870, seguiram em direção ao Brasil. Também sabe-se que houve imigração para a Nova Zelândia, para a Austrália, e também para a África, especialmente para a Argélia, (Cf. mapa 01, a imigração trentina para os cinco continentes).

"Segundo a estatística da imigração americana de Lourenzo Guetti, nos anos de 1866 a 1870, quase vinte e quatro mil trentinos imigraram para o Continente Americano. Representava cerca de 7% da população total, mas a porcentagem aumenta se levarmos em conta os imigrantes da Oceania e aqueles que peregrinavam por toda a Europa, em busca de uma nova residência definitiva. Em poucos anos, 20% a 30% da população imigrou em busca de emprego e de alimento" (Grosselli, 1987: 63 - veja nota 1).

Segundo Grosselli (1990), foi feita uma estatística por Amádio Sobral, no fim de 1870, que nos revela o seguinte:

"Entre o ano de 1872 a 1914 entraram no Brasil setenta e oito mil e trezentos e cinquenta e oito austríacos. Deste, vinte e sete mil quatrocentos foram para São Paulo. Conforme os dados de SOBRAL estes últimos foram um mil e quinhentos e sessenta e dois a mais. Baseando-nos sempre nestas estatísticas e considerando a falta de dados para o ano de 1876 e 1881, poderíamos tranquilamente supor que cerca de trinta mil cidadãos pertencentes ao Império Austro Húngaro tinham imigrados para São Paulo durante o período

considerado. Constituem 38% daqueles austríacos que foram ao interior do Estado de São Paulo (Grosselli, 1990: 154). ²

Em 1874, os trentinos que imigraram para o Brasil, formaram muitas colônias em vários Estados brasileiros. (Cf. fig 02, localização dos Estados onde há colônias trentinas. Vide anexo 01: artigos da Revista "Trentini Nel Mondo"- colônias trentinas que permanecem até hoje). No Estado do Espírito Santo, formaram uma grande colônia na cidade de Santa Teresa, que existe até hoje. Também no mesmo ano de 1874, chegam ao Brasil mais imigrantes austríacos, muitos dos quais eram trentinos que se destinavam a Santa Catarina e formaram colônias que sobrevivem até hoje com seus costumes e tradições, como as colônias de Nova Trento (Florianópolis), de Rodeio (Blumenau) e de Rio dos Cedros³ (Blumenau).

Em 1877⁴, chega um grupo de trentinos ao Brasil, vindo especialmente do Sul do Tirol austríaco⁵ (Sud Tirol), com destino ao Estado de São Paulo (Cf. anexo 4 - Relação dos imigrantes tirolezes que trabalharam na fazenda de Indaiatuba, em campinas - SP).

Aquele grupo de imigrantes tirolezes, ou seja, de trentinos que chegaram ao Brasil, em 1877, era constituído por famílias originárias das aldeias de Meano, Vigo Meano, Cortesano, Romagnano, Sardagna, Trento e arredores. Junto com Bortolo Vitti,⁶ seus descendentes iriam formar a comunidade tirolese-trentina de Piracicaba. Primeiramente, este grupo veio com destino à Campinas (1877 a 1888), à Rio Claro (1888 a 1893 - famílias Vitti e Forti) e à Piracicaba (1886 - até hoje). Primeiramente, vieram as famílias Stenico, Correr, Cristofolletti, Degaspari, Brunelli. Em 1893, as famílias Vitti e Forti, de Rio Claro, juntaram-se aos outros tirolezes, formando a comunidade tirolese-trentina de Piracicaba.

3.3. O Brasil no fim do século passado: o fim da escravidão negra

Desde o início do século XIX, a questão do fim da escravatura já se fazia presente no Brasil. No entanto, sua discussão encontrava-se ao nível do embate intelectual, aparecendo em posicionamento mais ou menos isolados - como o de José Bonifácio do Amaral, Ministro e Secretário de Negócio do Império.

O tráfico negreiro se extinguiu pela Lei Eusébio de Queiroz, em 1850. Em 1855, ocorreu o último desembarque de escravos em Pernambuco. Esse comércio fornecia mão-de-obra à economia colonial.

Até a metade do século XVII, a maior parte dos negros ia para os engenhos de açúcar de Pernambuco e da Bahia. No século XVIII, a descoberta de ouro em Minas Gerais deslocou o centro dinâmico da economia para o sul, e os escravos passaram a ser enviados preferencialmente para essa região.

Em 1869, o Brasil ficava isolado internacionalmente, passando a ser o único país do Ocidente a persistir no uso do trabalho escravo, mas a partir de 1870, com o retorno do Exército Brasileiro do Paraguai e a adesão dos militares às teses abolicionistas, a situação torna-se favorável aos inimigos da escravidão. Em 28 de setembro de 1871, era aprovada a Lei do Ventre Livre, que tornava livres todos os filhos de escravos nascidos a partir daquela data.

Outros fatos também fizeram da década de 1870 o primeiro momento de grande mobilização contra a escravidão. Começava, então, o fluxo de imigrantes para suplementar as necessidades de mão-de-obra, ao mesmo tempo em que o abolicionismo passava a se tornar uma campanha de cunho popular, ganhando a simpatia de parcelas ponderáveis da opinião pública. A partir de 1880, essa campanha tomaria força redobrada com a fundação de inúmeras sociedades abolicionistas, como a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, no Rio de Janeiro. Em 1882, começaram as libertações espontâneas. Em 1884, o Ceará tornou-se a primeira Província a extinguir a escravidão em seu território. Em 28 de setembro de 1885, era assinada a Lei dos sexagenários, libertando os escravos com mais de sessenta e cinco anos de idade. Cresceu o movimento pela emancipação total, com a promoção de manifestações públicas e a organização de fugas em massa de escravos pelos abolicionistas. Finalmente, a 13 de maio de 1888 era assinada a Lei Áurea pela Regente do Império, a Princesa Isabel, acabando com a escravidão negra em todo o território nacional.

Na década de 1870, os fazendeiros percebendo que a campanha abolicionista deflagrava no Brasil, seguida por Leis que aos poucos foram cerceando a facilidade na aquisição e manutenção dos escravos, partiram a procura de imigrantes estrangeiros para trabalharem na lavoura, em substituição aos escravos negros.

"Nesse primeiro momento, a prática utilizada foi a de recrutar colonos diretamente na Europa, sendo que muitos fazendeiros o fizeram pessoalmente, viajando especialmente para a Alemanha e Itália à procura de famílias que se dispunham à imigrar adiantando-lhes o dinheiro para o transporte e as despesas necessárias. Um exemplo foi a firma VERGUEIRO & CIA, formada em 1874 pelo Senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, que percorria a Europa em busca de imigrantes para as fazendas paulistas" (Giraldelli, 1992).

Naquela época, na Europa, em consequência de guerras contínuas, reflexos das lutas napoleônicas e, principalmente, das campanhas políticas motivadas pela unificação da Itália, a Província de Trento, então território sob o domínio austriaco, foi assolada pela fome e pela falta de trabalho remunerado.

Os fazendeiros começaram, então, a substituir os negros escravos pelos imigrantes europeus através de um sistema de colonato (Vitti, 1988).

No Estado de São Paulo, os escravos foram substituídos pelos imigrantes estrangeiros a partir de 1888. Em Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, os ex-escravos foram empregados como assalariados ou colonos nas fazendas, além de imigrantes estrangeiros, trabalhando pelo sistema de colonato.

3.4. A chegada dos imigrantes

Aquele grupo de imigrantes tirolezes, que deu origem à comunidade tiroleza de Piracicaba, partiu de Gênova no dia 31 de julho de 1877, embarcado no navio "Nord America", aportando ao Rio de Janeiro em 23 de agosto do mesmo ano. Foi uma viagem cheia de riscos, já que a embarcação era muito velha e, a cada passo, parava para reparos em suas máquinas. Conta-se que, na viagem de retorno, o navio afundou com carregamento de café nas costas da África, segundo informações de Guilherme Vitti.

No fim de 1852, foi iniciada a colonização da fazenda Sete Quedas⁷, na cidade de Campinas (interior do Estado de São Paulo) propriedade do Visconde de Indaiatuba, com trabalhadores estrangeiros alemães. Era explorado o

trabalho de escravos negros, no cultivo da cana-de-açúcar, cultura que depois, foi substituída pelo café. As primeiras famílias de alemães iniciaram os seus trabalhos ao lado daqueles escravos. O contrato para os imigrantes estrangeiros era de Parcerias⁸ com duração de 4 anos.

Segundo Giraldelli (1992), o Visconde de Indaiatuba foi pessoalmente à Europa, ao Norte da Alemanha (Holstein), trazendo consigo duzentos estrangeiros, no ano de 1870.

"Em 1876, o Visconde de Indaiatuba retornou à sua proposta, voltando-se para o Tirol-Austriaco e, auxiliado pela empresa JOAQUIM CAETANO PINTO JR & CIA e de alguns colonos como sub-agentes, recebeu várias famílias de tirolezes em suas colônias. (O Visconde de Indaiatuba) afirmou que os tirolezes tiveram às mãos vários exemplares da *Gazeta Italiana*, de vinte e cinco de dezembro de 1876, que se publicava no Rio de Janeiro e na qual estava transcrito o contrato de trabalho que deveriam assinar no Brasil" (Giraldelli, 1992: 25).

Este fato citado acima não é do conhecimento dos tirolezes de hoje da comunidade de Piracicaba. Segundo os moradores dos bairros de Santana e Santa Olímpia, os seus ascendentes imigraram ao Brasil porque foram aconselhados pelos frades Capuchinhos trentinos (Vitti, 1977).

Segundo Vitti (1977) e os moradores dos bairros tirolezes, os únicos que vieram como não imigrantes foram o Sr. Bortolo Vitti e sua esposa, Maria Sartori, porque tinham medo de se tornar escravos ao Brasil. Venderam suas pequenas propriedades no Tirol Austríaco e conseguiram tirar o passaporte, (anexo 02 - passaporte de Bortolo Vitti). Mas, segundo estudos e pesquisas de Grosselli (1990), sabe-se que muitos tinham passaporte e Bortolo Vitti não era o único, embora hoje, na comunidade ninguém mais acredita que outras pessoas, além dos Vitti, tivessem vindo com passaporte.

As famílias trentinas vindas do Tirol foram trabalhar na Fazenda Sete Quedas (Colônia chamada Saltinho) de Joaquim Bonifácio do Amaral, em Campinas-SP. No ano de 1877, chegaram a essa fazenda cinquenta lombardos e cento e vinte e dois tirolezes. Segundo Grosselli (1990), há outras fontes que dizem

ser em número de duzentos e sessenta e seis pessoas, divididas em trinta e duas famílias tirolezas. Giraldelli (1992) diz:

"No ano de 1877, o Visconde de Indaiatuba recebeu mais ou menos cinquenta lombardos e trezentos e cinquenta tirolezes. Segundo o Visconde, essas famílias apresentavam grande moralidades, união e amor ao trabalho. Reconhecia, dessa forma, as maiores vantagens para si, porque a solidariedade de todos trazia a certeza do pagamento integral do débito que, além de acelerar a emancipação do colono, proporcionaria maior garantia ao lavrador" (Giraldelli, 1992: 26)

Na fazenda Sete Quedas, as famílias tinham um contrato no seguinte teor, segundo Vitti (1988a):

"O contrato para trabalharem na fazenda Sete Quedas foi feito nas seguintes bases: prazo de nove anos; trato de cafezais sem ganho, recebendo 500\$000 (quinhentos réis) por alqueires de café colhido; não havendo serviço de capinação, o fazendeiro era obrigado a dar-lhes outras obrigações ou ocupações, pagas por diárias, ou conseguir-lhes trabalhos avulsos em fazendas vizinhas. Os imigrantes tinham além disso, direito ao uso de terras para o plantio de cereais, sem limites e condições, obrigando-se o contratante a fornecer os viveres (gêneros alimentícios) para o sustento das famílias, para posterior desconto depois das colheitas de café" (Vitti, 1988a: 4)

Acabando o contrato de nove anos, apenas as famílias de Bortolo Vitti e uma dos Forti renovaram o contrato por mais um ano. As outras famílias dirigiram-se a várias cidades, como Amparo, Capivari e Piracicaba (cidades próximas à cidade de Campinas). A esta última cidade, dirigiram-se, no ano de 1886, as famílias dos Correr, Stenico, Forti, Cristofolletti, Degaspari e Brunelli, para trabalhar na fazenda Monte Alegre², de propriedade de Joaquim Rodrigues de Amaral. As famílias tirolezas que dirigiram a esta fazenda fixaram-se por cinco anos, até 1892, trabalhando como colonos, onde plantavam

e colhiam cana-de-açúcar (cf. mapa geográfico 3 - Estado de São Paulo).

3.5. A formação da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba

Antes de comentarmos sobre as compras das fazendas pelos tirolezes, que deram origem a comunidade tiroleza de Piracicaba, mostraremos algumas informações histórica e geográfica à respeito, da cidade onde está situada a comunidade em estudo.

Segundo o sociólogo Grosselli, é a única comunidade do Estado de São Paulo com fortes tradição e costumes do antigo Tirol Austriaco.

-3.5.1. - A cidade de Piracicaba-SP

No dia 19 de agosto de 1766, o Capitão-general D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, encarregou Antonio Correa Barbosa de fundar uma povoação na Foz do Rio Piracicaba, no Tiête, a fim de facilitar o transporte de víveres e munições para as tropas da Vila Militar de Iguatemi, recém instalada nas fronteiras do Paraguai, encarregada do policiamento e defesa da zona, de fronteira do País. A povoação foi erguida na margem direita do Rio Piracicaba.

Em 21 de junho de 1774, foi elevada à categoria de Freguesia. Dez anos após, transferia-se para a margem esquerda do Rio Piracicaba, devido ao terreno alto e de melhor qualidade. Em 31 de outubro de 1821, foi elevada à Vila, recebendo o nome de Vila Nova Constituição, em homenagem à Constituição Portuguesa, promulgada naquele ano. Em 24 de abril de 1856, foi promulgada cidade.

No dia 13 de abril de 1877, uma petição de Prudente de Moraes fez mudar o nome da cidade para Piracicaba. Seu significado quer dizer: "lugar onde o peixe chega" ou "lugar onde o peixe para". Piracicaba é uma palavra indígena e foi dada também em homenagem aos muitos índios que ali habitaram.

Piracicaba localiza-se aproximadamente no centro do Estado de São Paulo, em posição Norte-Oeste da Capital. Situada a 540 metros do nível do mar, com latitude de 22º 42'30" e longitude de 47º 38'00". A área do município é de 1.421 Km², tem uma população de 283.540 habitantes - dados fornecidos pelo

IBGE de Piracicaba, no censo de 1991.

Piracicaba, tem cinco distritos: Artemis (com 4.149 habitantes); Ibitiruna (com 1.585 habitantes); Tupi (com 2.441 habitantes); Tanquinho (com 1.008 habitantes) e Santa Terezinha (com 39.989 habitantes). Os bairros de Santa Olímpia e Santana pertencem ao distrito de Santa Teresinha.

Piracicaba tem, hoje, cinquenta e dois núcleos de favelas com, aproximadamente, trinta e cinco mil favelados. Este dado foi fornecido pelo Comitê de Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida de Piracicaba.

Quanto ao aspecto econômico, no início deste século, Piracicaba despontava como grande força agrícola, não só em casa-de-açúcar, mas também, segundo estatísticas de 1900, com a produção de café, que chegou a cinco milhões e quinhentos mil arrobas (além das 650.000 arrobas de açúcar). Em 1910-1912, a área de milho abrangia 250.000 alqueires; a de arroz, também 250.000; a de feijão 40.000 arrobas; e a de cebola 30.000 arrobas; a de batata 5.000 arrobas.

A produção de frutas - como laranja, manga, abacaxi, uva, etc. - chegou a 90 toneladas por ano. A pesca chegava à produção de quatro toneladas de peixes anuais. Era uma cidade próspera.

Segundo estatísticas feita por Pisani (1937), no ano de 1934, os principais agricultores residentes em Piracicaba eram todos originários de Trento - Itália, seus nomes são:

- * Agostinho Forti, residente ao bairro de Santana
- * Angelo Vitti, residente no bairro de Santana
- * Angelo Brunelli, residente em Santa Olímpia
- * Giovanni Forti, residente em Santana
- * Giuseppe Degaspari, residente em Santa Olímpia
- * Luigi Negri, residente na fazenda Negri
- * Sebastiano Degaspari, residente em Santa Olímpia.

A atividade industrial em Piracicaba também foi de grande significativo desenvolvimento. As Indústrias teixeiras Mendes, sob o comando principal de Otávio Mendes, instaladas na cidade, chegaram a fundir mancais de oito toneladas. Posteriormente, essa fundição foi adquirida por Mário Dedini, que expandiu o parque industrial.

Hoje, 1994, a mais importante atividade agrícola de Piracicaba é o

cultivo da cana-de-açúcar (a cidade é um dos maiores centros açucareiros do país, seus principais ramos industriais são a metalurgia, siderurgia, acessórios para usinas e auto-peças. (Fonte: Prefeitura Municipal de Piracicaba e IBGE de Piracicaba - cf. Fig. 4 - mapa geográfico do Município de Piracicaba, SP).

3.5.2. A compra das fazendas

3.5.2.1. - A compra da fazenda Santa Olímpia

Em 1892, os tirolezes, que estavam trabalhando na fazenda de Monte Alegre, conseguem comprar a fazenda de Santa Olímpia, a dezoito quilômetros do centro da cidade de Piracicaba.

Segundo Grosselli (1990), não foi possível encontrar o contrato de aquisição da fazenda de Santa Olímpia, mas pela escritura de compra percebe-se que a dívida de compra era de 57:000\$000 (cinquenta e sete mil réis). Grosselli consultou o 1º cartório de Notas de Piracicaba - Livro de Escritura 129:31, e acredita que uma parte foi paga no ato da aquisição da fazenda (1892). Porém, não foi possível verificar a extensão daquelas terras, nem as condições de pagamentos da fazenda de Santa Olímpia. Havia dez sócios: Virgílio Correr e Luís Correr, filhos de Jacob Correr, Virgílio Stenico, Simão Stenico, Dionísio Degaspari, José Cristofoletti, netos de Jacob Correr e José Forti, um primo irmão da família Correr.

Segundo os nossos informantes, a compra da fazenda de Santa Olímpia tem várias versões. Correr (1982:III), Grosselli (1990), Giraldeili (1992) relataram umas das várias versões contadas pelos descendentes daquele grupo que comprou a fazenda Santa Olímpia:

"As terras de Santa Olímpia eram de propriedade de Luiz de Queiroz..., mas este doou suas terras ao Governo, com a cláusula de ali se instalasse uma escola de nível superior. A proposta aceita, beneficia a cidade com a Escola de grande renome: Escola Agrícola Luiz de Queiroz... Mais tarde, essas terras pertenciam ao Banco do Brasil, penhora de um proprietário falido. Por isso a

fazenda Santa Olímpia ficou conhecida como a fazenda do Banco... Os tirolezes, sendo estrangeiros, foram explorados de mil e uma forma antes de tomarem posse definitiva da terra da fazenda Santa Olímpia" (Correr, 1982: III).

Segundo Grosselli (1990), percebe-se que há muitas falhas nas transações comerciais da compra da fazenda de Santa Olímpia, por este motivo pagaram a fazenda três vezes.

"O primeiro contrato de compra não foi encontrado e fontes diferentes dão dimensões diversas daquela terra. A este propósito referimos quanto foi lembrado pelos habitantes de Santa Olímpia. Afirmam estes que seus pais (aquele grupo de imigrantes de 1877) precisaram pagar a fazenda por três vezes. Pagaram-na uma primeira vez aos antigos proprietários sem subscrever nenhuma passagem de propriedade (coisa muito frequente naquela época - 1892). Quando o antigo proprietário faleceu, os herdeiros quiseram um novo pagamento. Em 19 de novembro de 1895, havia como segundo contraente, a viuva de João Baptista Pinto de Almeida. Um terceiro pagamento, conforme os herdeiros daqueles lavradores, foi efetuado quando estes notaram que a propriedade estava presa a hipoteca. A partir daqueles anos a fazenda Santa Olímpia foi popularmente conhecida como "Banco", isto é credito ao qual os lavradores tirolezes precisaram supostamente pagar o dinheiro para tirar a hipoteca que pesa sobre as terras" (Grosselli, 1990: 379).

Giraldelli (1990), em suas pesquisas, nos revela:

"O grupo de tirolezes obteve informações sobre a venda da fazenda pelos jornais, vieram e gostaram. Não tinham nenhum dinheiro para pagar, mas o patrão fez um negócio de Pai": (o patrão não queria nenhum tostão de entrada, queria que os tirolezes pagassem a fazenda com o café). Quando o café estava beneficiado em Santos, o patrão adoeceu e consta que não houve tempo este assinar a venda da fazenda, sendo que seu filho desfez o negócio e ficou com a

produção do café. Ocorreu aí a primeira perda da fazenda. (Os tirolezes não se conformaram com a perda, e decidiram comprar novamente). Emprestaram do Banco do Brasil para comprar a fazenda com juros de 18%. Essa foi a segunda perda da fazenda que foi hipotecada ao Banco do Brasil e os tirolezes pagaram juros de 18%. Como não conseguiram saldar a dívida, um amigo dos tirolezes o fez. Estes ficaram lhe devendo quatorze contos de réis, a serem pagos como juros. A terceira perda foi quando, em troca do empréstimo efetuado pelo senhor Negri para o pagamento da hipoteca do Banco, foi oferecida uma parte da fazenda Santa Olímpia, hoje fazenda Negri. Com isso, a área da fazenda Santa Olímpia diminuiu para cento e vinte alqueires em sua maioria conservada até hoje" (Giraldelli, 1992: 38).

Segundo os nossos informantes, aqueles lavradores tirolezes levaram anos e anos para saldar suas dívidas, foram roubados e enganados pelos fazendeiros brasileiros que tinham propriedades nos limites da fazenda Santa Olímpia e pelas transações comerciais da compra da fazenda. Muitos dos nossos informantes afirmam que o sofrimento daqueles imigrantes se deve a dois fatores: a pura ingenuidade por não assinarem documentos que comprovassem a compra da fazenda. A causa da credulidade que havia entre eles era a consequência da forte religiosidade que tinham segundo os mandamentos da Igreja Católica. O segundo fator foi o dialeto trentino. Como não entendiam a língua portuguesa, isto dificultava muito as transações comerciais, as compras, etc.

Segundo alguns moradores tirolezes, muitos hectares de terras ficaram para Luigi Negri, que havia ajudado a honrar as suas dívidas. Desta forma, era formada a fazenda Negri, com limites, junto a fazenda Santa Olímpia.

3.5.2.2. A compra da fazenda de Santana

Os Vitti e aquela única família Forti, que haviam renovado o contrato na fazenda Sete Quedas, em Campinas, conseguiram adquirir dinheiro durante os dez anos que trabalharam naquela fazenda, de 1877 a 1887. No ano de 1887, como já

havia acabado o contrato de empregados do Visconde de Indaiatuba, resolveram dirigir-se à cidade de Rio Claro, para adquirirem suas próprias terras. Compraram pequenas terras no sítio chamado Rio Cabeça,¹⁰ em Rio Claro-SP.

No ano de 1892, após cinco anos em Rio Claro, e depois de paga a compra do sítio Rio Cabeça, a família Vitti achou melhor repartir as suas terras. Assim, cada qual teria suas plantações e seus animais. Perceberam, porém, que o resultado seria pior, já que as parcelas seriam muito pequenas.

No ano de 1893, o patriarca da família Vitti, Sr. Bortolo Vitti, ficou sabendo através dos capuchinhos do convento de Piracicaba, que seus parentes tirolezes tinham adquirido uma fazenda, chamada Santa Olímpia, e os capuchinhos informaram-no que havia outra fazenda próxima, que estava à venda.

A fazenda que estava à venda tinha o nome de Fazenda Santa Ana, antiga sesmaria pertencente ao senador Vergueiro e ao Visconde de Valença e, posteriormente, adquirida pelo Barão de Serra Negra¹¹. Em consequência da abolição dos escravos (1888), muitos fazendeiros "quebraram" ou suas fazendas foram hipotecadas, devido à falta de empregados (escravos negros) para a mão-de-obra. A fazenda Santana era uma dessas fazendas.

Bortolo Vitti ficou interessado na fazenda e acabou comprando-a. Segundo Vitti, escreveu em ata a compra da fazenda e todas as suas despesas¹² (esse livro e todos os documentos das famílias tirolezas se encontram nas mãos de Guilherme Vitti, neto de Angelo Vitti). Vide anexo 03 - Reprodução de uma página do livro de contabilidade do ano de 1893.

"I Agosto 1893 compra di Societá la fazenda de Santa Anna. Angelo Vitti e fratelli entrati con denari reis: 7:000\$000 e Francisco Forti entro con denari reis: 3:000\$000" (Vitti, 1993: 9)¹³.

Vitti (1993) nos dá a relação de outras pessoas que emprestaram dinheiro para dar a entrada ao negócio:

"Os irmãos Fontana contribuíram em 3:200\$000 e Romano Forti. 5:000\$000. Só em 1896, aparecem novos empréstimos feitos por seus irmãos de Rio Claro, João Vitti e Albino Vitti e o genro Jacó Cristofoletti. Contribuíram também Benjamin Fontana, Rosa Degas-

pari, Casa Grande, Fernando Coral e José Forti" (Vitti, 1993: 9).

O preço inicial da fazenda de Santana foi de 100:000\$000. No ato, foram pagos 50:000\$000. Assina as escrituras de venda o Sr. Ricardo Augusto Leite de Menezes, como procurador do Barão de Serra Negra. Assinaram pelos compradores: Angelo Vitti, Jorge Vitti e Rosa Cristofoletti, Paulo Vitti, Benjamin Vitti e Elisabete Correr Viti, Jocó Vitti e Jacinto Vitti. Assina a rogos por Angélica Vitti Forti (mulher de Francisco Forti) e Maria Coral (mulher de Jacó Vitti), Luiz Negri. Não assinaram a Escritura: Domingos Vitti e Otávio Vitti por serem menores, (Vitti, 1930: 10).

Hoje, a comunidade tiroleza é formada pelo bairro de Santana (antiga fazenda Santa Ana) com 718 habitantes, pelo bairro de Santa Olímpia (antiga fazenda Santa Olímpia), com 594 habitantes, e pela fazenda Negri, com dez famílias (cf. Fig. 5 - Município de Piracicaba - localização dos bairros tirolezes).

3.6. A Religião e a Cultura na Vida da Comunidade Tiroleza-Trentina de Piracicaba

3.6.1. - A Religião na vida da comunidade

A vida religiosa na comunidade tiroleza-trentina sempre foi muito intensa, desde o início deste século. Dela saíram mais de setenta religiosos entre padres e freiras. A comunidade tiroleza se orgulha muito de seus padres e bispos. Percebemos que quando um informante nos fala a respeito dos padres é como se quisesse estar em seu lugar.

Este respeito pelos padres e freiras vem desde a época da imigração ao Brasil. É uma tradição trazida do Tirol e que foi conservada intacta até os anos de 1970, aproximadamente. Muitos da 1ª, 2ª e 3ª gerações ainda conservam tal tradição.

No início do século, até a década de 1970, a vida religiosa dentro da comunidade era tão parecida com a vida vivida dentro de seminários e de conventos. Alguns de nossos informantes, que frequentaram os seminários, diziam que não sentiam diferença nenhuma entre um lugar e outro. Dentro da

comunidade "tudo era pecado", "tudo era proibido", rezavam muito o terço (de manhã, de tarde e à noite) todos os dias, costume que permanece até hoje. Todos rezam como se estivessem num templo, com voz alta e clara.

A grande influência religiosa da comunidade deve-se a dois fatores: tinham como grande religiosa, catequista e conselheira da comunidade a Maria Stenico¹⁴, que dominou a todos com seus discursos religiosos, com forte moralidade, seguindo a catequese baseada nas Leis do concílio de Trento (1545-1563), seguindo fielmente as ordens do Papa. O segundo fator foi a grande influência dos frades Capuchinhos de Trento/Austria, que chegaram ao Brasil em 1889, e passaram a residir em Piracicaba, em 16 de abril de 1890. Os frades capuchinhos¹⁵ evangelizaram todas as paróquias de Piracicaba e região com um forte catolicismo: romano, clerical, trentino e sacramental (Grosselli, 1990), fortemente influenciado, ainda, pelas Leis do Concílio de Trento.

O caráter religioso e o fator de isolamento nos bairros de Santana e Santa Olímpia fizeram com que os membros da comunidade se tornassem fiéis à Igreja Católica e às suas Leis, Giraldelli (1992) também afirma isto:

"Os tirolezes preocupavam-se em salvaguardar a sua fé e sentiam-se constantemente ameaçados pelas pessoas estranhas chamados de "brasileiros", considerados imorais. Temiam que o contato com essas pessoas sem fé pudesse interferir em seus princípios religiosos, prejudicando os fundamentos morais ensinados aos mais jovens" (Giraldelli, 1992: 44)

Desde Trento, o grupo de imigrantes sempre foi assistido pelos frades capuchinhos trentinos. Os frades orientavam os tirolezes e frequentemente visitavam a comunidade tiroleza, desde 1890. Além de terem vínculos étnicos, conversavam apenas no dialeto trentino, e isso fazia com que parecesse que estavam em Trento, em seu país de origem. Este sentimento foi bem expresso por G. Vitti (1988a).

3.6.2. A música e a banda de 1929

Os tirolezes são pessoas muito alegres, religiosas e que apreciam

festas, a música e o bom vinho de laranja ou de uva feito por eles. Em 1927, festejaram a passagem do cinquentenário da vinda ao Brasil. Isso também contribuiu para iniciarem a construção no bairro Santana de uma capela destinada ao culto, tendo como padroeira, Santa Ana. No bairro de Santa Olímpia, a Igreja Imaculada Conceição foi fundada em 1956. Ao lado direito da igreja, os moradores construíram a Gruta de Nossa Senhora de Lurdes, e ao lado esquerdo, construíram um Calvário, feito com muitos degraus para suas novenas. Os tirolezes inauguraram o Calvário em 11 de novembro de 1945. A igreja sempre foi o centro de atividades da comunidade tirolesa.

Em 1929, os tirolezes de Santana organizaram uma banda de música que, em pouco tempo, tornou-se famosa no município, e era disputada para alegrar festas de capelas de bairros e também acontecimentos políticos, sendo seu primeiro maestro, o Sr. Genaro Donadio.

No ano de 1953, a banda foi extinta, porque houve uma grande redução de seus componentes, os quais, por necessidade de trabalho, foram em busca de emprego na zona urbana, pois já não havia terras suficientes para todos trabalharem na lavoura, (Vitti, 1993).

Hoje, não existe mais a banda de música, porém, existem dois corais: o coral "Stella Alpina" que se apresenta com roupas típicas tirolesas, composto de rapazes e moças, e um outro coral, composto apenas por homens, que costuma cantar músicas tirolesas e músicas em latim, apresentando-se em igrejas, festas e celebrações de Piracicaba e região.

3.6.3. O casamento

Quando uma moça se casava, no dia seguinte, ela usava o traje de mulher casada e respeitada: vestido mais comprido, na canela, um avental amarrado na cintura, sinal de boa cozinheira, e um coque prendendo os cabelos. Estes costumes e trajes, foram trazidos pelos seus antepassados do Tirol-austríaco.

A maioria das pessoas casava-se com seus parentes (José Eraldo tem em mãos documentos que comprovam os casamentos entre parentes de seus ascendentes tirolezes, geralmente, entre primos). Este tipo de comportamento permaneceu na comunidade tirolesa até a década de 70. (Stenicc, 1993). Eles agiam assim porque achavam que era desta forma que podiam exercer a obediência ao Papa e

aos seus Concílios Ecumênicos, pois num dos ensinamentos das Leis do Concílio do Vaticano I (1869-1870), o Papa condenava o modernismo, o racionalismo, o panteísmo, bem como as ideologias sociais, o comunismo, erros relativos à moral cristã, e, por outro lado, proclamava a infabilidade papal, quando define expressamente doutrinas de fé e de costumes. Os imigrantes tirolezes de Piracicaba, cumpriam fielmente tal prescrição, guardando suas famílias do mundo (isoladas em sua comunidade) e venerando o Papa como representantes de Deus na terra.

Na comunidade, sempre houve casamentos entre parentes. Segundo Degaspari, em uma de nossas entrevistas, ele afirma que o principal fator de haver casamentos entre parentes foi causado pela língua:

"Até 1960, aproximadamente, aqui só se falava o dialeto tirolês, a gente entendia o português também, -mas preferia falar o dialeto. Portanto, a solução era namorar alguém que falasse o nosso idioma e que já estava acostumado com as nossas tradições. Você acha que naquela época, alguma moça da cidade ia se acostumar a morar aqui, aprender as nossas tradições e aprender a falar outra língua? A gente queria simplificar as coisas. "

Muitos dos nossos informantes estão casados com primos ou primas. Embora essa situação pudesse causar anormalidades nos filhos, por causa de consequência consanguíneas, a comunidade tiroleza teve muita "sorte" neste aspecto, porque o número de anormalidade segundo levantamento¹⁶ feito nos dois bairros, é considerado um número bastante baixo.

Os próprios moradores mais velhos contam que era preciso se casar e ter muitos filhos. Se evitassem filhos, os frades capuchinhos, que iam ao bairro uma vez por mês para confessá-los, rezar a missa e depois dar a Eucaristia, chamava o casal para interrogá-los e saber o porquê de não terem outros filhos. Esta questão também é mostrada por Giraldeili (1992), numa de suas entrevistas feita com um morador tirolês:

"... porque a lei da Igreja, naquele tempo, era obrigatória, vinham os frades aqui rezar missa, se, por exemplo, você tivesse um filho de um ano e meio e não tinha outro, o padre não dava absolvição.... Assim, era

como que escravo de cristianismo que nossos velhos deixaram pra nois, então era obrigado a ter. E foi, 10, 12, filhos cada um, 13, 14, 15, né praque? Porque falava se não tivesse, se evitasse não dava comunhon. Se eu tivesse passado um ano sem filho queria saber, e se eu tivesse um não tivesse mais, eh! Me sacrifiquei tanto que nem burro por causa dos filhos, não teria me estragado... Fomo criado nois no engano, no começo fomo enganado, e eles diziam que os filhos vinha da tuaia e nois acreditava" (Giraldelli, 1992: 47).

Hoje, o número de filhos por famílias é bem menor: em média dois ou três, mas ainda há famílias com seis, sete ou até mais filhos.

O casamento era celebrado sempre fora do período quaresmal. Ainda hoje, se houver algum casamento para este período, não se realizará nenhuma festa. Fora da quaresma, há muitas festas com a participação de todos os moradores da comunidade, pois quase todos são parentes.

3.6.4. A preocupação com o trabalho e a situação escolar

Quando os primeiros tirolezes chegaram a Santa Olímpia, a cultura dominante era a do café. Hoje, já não existe mais essa plantação na região, tendo sido substituída pela plantação da cana-de-açúcar. Aqueles que não trabalham na lavoura estão empregados nas indústrias de Piracicaba, principalmente na siderurgia e metalurgia, mas não pensam em se mudar para cidade de Piracicaba, preferindo continuar morando nos sítios ou nos bairros tirolezes.

Quanto à situação escolar da comunidade, em época anteriores foi muito complexa. Logo, após 1900, os mais velhos contrataram um professor de italiano para ensiná-los a escrever. Seu nome era Antonio Michelin e, segundo G. Vittí, ele recebia um salário mensal de 40.000\$000 (quarenta mil réis). Na época, o salário mensal dos colonos era de 15.000\$000 (quinze mil réis).

A escola na comunidade tiroleza começou a 18 de março de 1924, com duas classes. No ano anterior, havia um estudo informal com uma classe de estudante que se realizava na casa da família do G. Vittí, em Santana. A escola começou a funcionar na mesma casa, com o nome de "Escola Reunidas de Santana".

Nossos informantes nos contaram que, no final da década de sessenta, os professores proibiram as crianças de falar em dialeto trentino¹⁷, e chamaram todos os pais numa reunião, pedindo a eles que não falasse mais em dialeto trentino com as crianças, porque elas não aprenderiam a língua portuguesa, se os pais só falassem em dialeto com elas. Foi então que teve início a morte do dialeto trentino na comunidade. A atitude daqueles professores era muito preconceituosas e sem base científica. Nada impede alguém de falar uma língua e estudar outra. O problema é pedagógico e não linguístico.

Com o resgate cultural e linguístico que se inicia na década de 80, a comunidade tenta resgatar o idioma de seus pais de origem: para a 4ª e 5ª gerações, o país de origem seria a Itália, portanto, passam a estudar a língua italiana.

Em 1992, a pedido da comunidade tiroleza, o diretor da E.E.P.S.G. "Dr. Samuel de Castro Neves", o Prof. Paulo Luis Regno e Vice-diretora Profa. Maria Dirce Hellmeister, colocaram no curriculum escolar, a língua italiana para os alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau, constando no curriculum como disciplina extra-curricular porque esta disciplina foi oferecida em horário diferente do horário escolar.

Um projeto¹⁸ para o curso de italiano na Escola Estadual dos bairros de Santana e Santa Olímpia, foi enviado pelo diretor à Delegacia de Ensino de Piracicaba.

Tendo a certeza de que a Delegacia de Ensino iria aprovar, o Circolo Trentino di Piracicaba já tinha se encarregado de pedir livros ao Circolo Trentino da Itália. Nos primeiros meses de 1992, a biblioteca da REPSG "Dr. Samuel de Castro Neves" recebeu cinquenta e oito livros italianos, doados pelo Circolo Trentino, da Itália.

O Projeto foi aprovado pela Delegacia de Ensino. A Escola contratou um professor de Italiano, que foi pago pelo Estado. Nos primeiros meses, as classes estavam lotadas de alunos, todos queriam aprender a língua de origem. Mas passado alguns meses, perceberam que a língua que estavam aprendendo não tinha nada a ver com aquela trazida pelos seus "nonno"- foi uma grande decepção! A 4ª e 5ª gerações não queriam aprender o italiano, queriam aprender o dialeto trentino que a 1ª, 2ª e 3ª gerações falavam.

No final de 1992, passado um ano com aulas de italiano para os alunos de 5ª a 8ª série do 1º grau, as entidades, que tinham pedido o curso de italiano,

perceberam que o projeto não tinha dado certo porque muitos dos alunos tinham desistido das aulas de italiano em meados de 1992. Em dezembro de 1992, havia apenas uma classe com seis alunos.

Percebe-se que as raízes culturais da comunidade em estudo estão mais "ligadas" à Austria do que à Itália. E linguisticamente podemos dizer o mesmo, porque, os bilíngues da 1ª, 2ª e 3ª gerações da comunidade tiroleza acabaram influenciando os mais jovens dizendo que a língua italiana não tinha nada a ver com a vida da comunidade tiroleza

3.6.6. Aspecto político: algumas reivindicações dos bairros tiroleses

No início dos anos vinte, os tiroleses pediram melhoramento nos bairros, cuidaram de entrar em contato com os políticos a fim de chamar a atenção dos poderes públicos.

Pediram ajuda ao político, Dr. Samuel de Castro Neves, que na época - em 1922 - era deputado Estadual pelo Partido Republicano.

Dr. Samuel de Castro Neves ajudou-os na medida do possível. Sabia que havia muitas dificuldades no bairro e falta de infra-estrutura. Segundo os nossos informantes, o Dr. Samuel Neves, que era formado em Farmácia, (em 1931, diplomou-se em medicina) cuidava gratuitamente da comunidade tiroleza indo nos sítios da comunidade tiroleza, porque os tiroleses, naquela época, não tinham carros e nem ônibus para transportá-los a cidade.

Naquela época, 1922, Dr. Samuel de Castro Neves tratou de qualificá-los como eleitores, mas isto não foi possível porque não sabiam ler nem escrever em português, falavam somente no dialeto trentino. Eram poucos os que falavam uma ou outra palavra em português. Dr. Samuel ficou surpreso em saber que já tinham se passado quase cinquenta anos de estada no Brasil, já tinham constituído famílias numerosas, mas tinham ainda enorme dificuldade para se expressarem em português. Imediatamente, ele contratou um professor de português para ensiná-los a ler e a escrever em português. Em 1923, foi conseguida uma autorização para se ter uma escola no bairro, conseqüentemente, todos se tornaram eleitores. Segundo alguns informantes, era um orgulho para eles, poderem votar. Disso resultou a longa fidelidade da comunidade tiroleza

ao deputado Estadual, Dr. Samuel de Castro Neves.

Em 1948, o Prof. Guilherme Vitti^{1º} foi eleito Vereador da Câmara Municipal de Piracicaba e 1º secretário da Câmara. Em 1950, levou a luz elétrica aos bairros de Santana e Santa Olímpia.

Em 1989, houve uma reivindicação ao Prefeito Municipal, Sr. Adilson Maluf, feita pela comunidade tirolesa, pedindo para que a estrada principal que liga Santa Olímpia Piracicaba fosse asfaltada, pois havia muitos problemas com o transporte em dias de chuva. Mas nada foi feito para solucionar o problema e até hoje a estrada continua sendo de terra.

No início de 1991, a comunidade tirolesa se organizou para eleger um candidato tirolês a vereador com o objetivo de ter um representante da comunidade tirolesa que pudesse trazer benfeitorias aos dois bairros.

Guido Negri foi eleito nas eleições de outubro de 1992, tornando-se vereador e tendo como seu assessor José Matias Vitti, até 1993. Hoje, seus assessores são Valeri Lucrecia Forti (de Santana) e José Carlos Ortiz (de Santa Olímpia).

O vereador Guido Negri, juntamente com a comunidade tirolesa, traçou algumas metas de trabalho, listando as principais prioridades dos dois bairros tiroleses.

Apesar dos esforços políticos, a comunidade ainda espera soluções para seus problemas de infra-estrutura, até hoje.

3.6.6. As rupturas culturais

A vida na comunidade começou a mudar em 1950, quando compraram caminhões e tratores para ajuda-los na lavoura. Até essa data, o trabalho era feito à moda dos antigos imigrantes. Por causa da compra de caminhões e tratores, com homens mais velhos e os moços passaram a ter um pouco mais de contato com as pessoas da cidade de Piracicaba.

Em 1950, os bairros de Santana e Santa Olímpia receberam a energia elétrica, e toda a comunidade muito se beneficiou com isso. Apareceram na comunidade tirolesa os primeiros rádios. É o primeiro "choque" que a comunidade recebeu. Um fato notável era a grande diferença de linguagem existente entre os locutores das rádios (que são piracicabanos) e a das pessoas que usavam a

linguagem da comunidade tiroleza.

Naquela mesma época, fins da década de 60, houve uma escassez de emprego nos sítios, havendo muita gente para ser sustentada e poucas terras para a lavoura. Por outro lado, na cidade de Piracicaba estava ocorrendo um grande desenvolvimento na industrialização. Muitas firmas estavam se abrindo e dando oportunidade de novos empregos²⁰. Diante disto, os tirolezes mais jovens deixaram o trabalho na lavoura e partiram para o trabalho na cidade.

Para facilitar as vindas e idas dos tirolezes entre Santa Olímpia, Santana e Piracicaba, os irmãos Stenico, percebendo a grande necessidade de transporte coletivo, compraram dois ônibus para transportar os tirolezes. A partir daí (1972), os jovens tirolezes, que foram trabalhar na cidade de Piracicaba, começavam a se interessar por estudar mais, cursando o Segundo Grau e, depois até a universidade. A maioria fez cursos técnicos de Segundo Grau, como por exemplo, enfermagem. Desta forma, os tirolezes começavam a se desinteressar também pelos estudos nos seminários que era uma tradição antiga. Todavia, alguns continuaram seus estudos religiosos, porque perceberam que havia neles vocação pra tal. Em 1970, o número de seminaristas era bem menor que nas décadas de 30 a 60.

Por volta de 1968, também chegam à comunidade tiroleza-trentina as primeiras informações de mudanças na Igreja Católica, feitas pelo Concílio do Vaticano II (1962-1966), sendo Papa João XXIII. Houve um desapontamento muito grande dos mais velhos, não aceitando a Reforma da Igreja e achando que um dia Deus podia punir os homens por não mais temê-lo. O temor a Deus era algo essencial na fé, pois Deus castigava os filhos pecadores. Mas acabaram se conformando com as Novas Leis da Igreja.

Na década de 70, passam a diminuir os casamentos internos na comunidade, porque os tirolezes passaram a conviver mais com outras pessoas não tirolezas, seja no trabalho, seja nos estudos, e isso resultou em novas uniões (casamentos).

Por duas décadas, de 1960 a 1980, os bairros tirolezes ficaram "apagados", esquecidos por todos. Talvez até os próprios tirolezes quisessem isto naquela época, em razões de certas pressões sociais, como o desprestígio do dialeto trentino frente aos piracicabanos, às professoras, às autoridades e até a eles próprios.

Embora deixassem às vezes, a impressão de que queriam ser esquecidos e

deixar de ser tirolezes para se tornarem brasileiros, na verdade, ao mesmo tempo, tinham muitas saudades das décadas de 30, 40 e 50, época em que a comunidade foi muito feliz, apesar das muitas dificuldades financeiras. Percebemos isso no contacto com nossos informantes, e podemos observar o mesmo sentimento na fala de um informante entrevistado por Giraldelli:

"A vida começou a mudar em 1951, quando começaram a comprar caminhão e trator aqui. Antes era aquele trabalho que vinha da antiguidade... Então, não se tinha ligação com ninguém. Ali no ano 1951, alguém começou a comprar caminhão, um trator, aí começou a sair gente... tinha mais comunicação com a cidade, com os bairros, todo lugar... Nós eramos pobres, mas vivíamos a natureza, porque todas as casas tinha lamparina... depois que chegou a energia elétrica vai ser 100% melhoria, mas acabou tudo, porque aí começou o rádio, aí começou a televisão, o modernismo..." (Giraldelli, 1992: 74).

Os tirolezes de Piracicaba foram os únicos que permaneceram em comunidade, preservando toda uma cultura e tradição. Se compararmos os tirolezes de Piracicaba com os de outros Estados do Brasil, como os do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo, do Paraná e de Santa Catarina, percebemos que os tirolezes de Piracicaba são os que têm características mais originais preservadas até hoje inclusive no aspecto físico: são loiros de olhos azuis. Isto se deu em parte ao fato de se casarem com parentes para não perderem os traços étnicos do Tirol - austríaco.

Numa de suas entrevistas, Grosselli nos diz que, na verdade, os tirolezes de Piracicaba são mais típicos do que os próprios tirolezes (trentinos) de Trento (Itália). Em Piracicaba, os tirolezes são mais austríacos do que italianos, conservaram mais os costumes austríacos em suas danças, vestimentas e usam um dialeto mais "puro" do que os tirolezes de Trento, que hoje são italianos e não mais austríacos.

3.6.7. O resgate cultural e linguístico

A partir de 1985, um grupo de tirolezes de Piracicaba se organizou para ir em busca de suas raízes.

No dia 21 de abril de 1987, fundaram o "Circolo Trentino di Piracicaba", reconhecido pelo "Circolo Trentino Nel Mondo, da Itália. A entidade visa a resgatar as raízes culturais das comunidades trentinas ou tirolezas ao redor do mundo, promovendo intercâmbio entre os integrantes com a região de origem e enviando literatura aos imigrantes.

O Circolo Trentino funciona numa pequena casa no bairro de Santana com uma biblioteca de mais de trezentos livros vindos de Trento. Segundo seu vice-presidente, José Eraldo Stenico²², o Circolo tem a finalidade de reunir todos os descendentes da Província de Trento, para preservar sua cultura através da música, da dança-folclórica, do coral, do teatro, e de pratos típicos²³.

O Circolo trentino di Piracicaba possui cerca de dois mil participantes, com idade de sete a setenta anos. Todos os que provarem com documentos a descendência trentina e dominarem fluentemente o idioma italino ou o dialeto trentino, poderão participar do intercâmbio cultural conhecido como "Soggiorno". Trata-se de uma viagem que oferece uma experiência de vinte dias de estudos e passeios, com passagem aérea, hotel e traslado gratuitos. A pessoa poderá conhecer a região trentina, melhorar o conhecimento do idioma, visitar teatros, museus, cinemas, exposições de arte e participar de aulas de geografia, política e literatura nas universidades italianas.

Segundo Giraldeili (1992), um dos objetivos do intercâmbio cultural para Província de Trento oferecido à comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, é o incentivo a volta a Trento para que os trentinos desenvolvam estudos na área agrícola. mas os jovens piracicabanos descendentes dos tirolezes não se interessaram muito por isto. A região trentina produz uva, maçã e morango e oferece aos jovens descendentes cursos de especialização nessa área. Piracicaba está voltada para a produção de açúcar, e essas vantagens não são atraentes.

Pode-se observar que o Intercâmbio cultural com a Província de Trento (Itália) não ocorreu, como um fator político-econômico com os tirolezes de Piracicaba, como o Circolo de Trento imaginou. Porém, o intercâmbio influenciou nos aspectos culturais da comunidade: maior conscientização da

língua italiana, da preservação dos costumes e tradições. Conseqüentemente, a comunidade passou a lutar e a reivindicar por melhores condições de vida, infra-estrutura para os bairros e por uma melhor situação econômica.

O vice-presidente do Circolo Trentino di Piracicaba, em uma de suas entrevistas concedida ao Jornal de Piracicaba, diz que:

"Todo esse resgate da comunidade Tirolesa, em resgatar suas tradições através do teatro, dança, música, canto, idioma - aprender o italino e/ou o dialeto trentino com seus avós é necessário porque um povo que não conhece o seu passado é um povo que não tem cultura e que não tem condições de interpretar o seu presente" (José Eraldo Stenico, entrevista concedida ao Jornal de Piracicaba-SP, em 14 de dezembro de 1991).

Segundo Giraldeffi (1992), o grupo de tiroleses de Piracicaba, está conseguindo manter uma memória viva, através da lembrança de seus velhos, da manutenção de seus hábitos, da língua, de objetos e de fotografias. Cada membro contribui para a permanência das estruturas de vida do passado.

O grupo de dança folclórica de Santa Olímpia surgiu em 1987 com mais de trinta integrantes. Para dançar, os rapazes e moças se vestem com roupas vermelhas, azuis e verdes, características da região do Tirol.

A dança, para os descendentes tiroleses tem outra função, além da estética. Tem um sentido tradicional, de ligar a comunidade aos seus antepassados. A dança atravessa gerações e procura ensinar o proporcionar prazer aos descendentes trentinos.

Há vinte anos atrás, não era preciso criar grupos culturais (dança, coral, teatro) para resgatar as culturas trentinas, porque a cultura do povo tirolês estava no dia-a-dia da comunidade.

O coral "Stella Alpina" foi criado em agosto de 1990²⁴ e conta com mais de setenta e cinco membros tem um repertório variado com músicas religiosas, românticas e da tradição tirolesa, trazida pelos "nonnos", isto é trazidas pelo grupo de imigrantes em 1877. Um dos objetivos do coral é favorecer o resgate da cultura e das tradições dos moradores da comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba.

A música sempre fez parte da vida dos tirolezes de Piracicaba, pois não existe festa sem que algum tirolês comece a cantar as músicas trazidas pelos imigrantes.

O grupo de teatro do bairro de Santa Olímpia é composto de quinze pessoas e, segundo Tarciso Correr, 51 anos, um dos coordenadores do grupo teatral, em entrevista concedida ao Jornal de Piracicaba:

"A manutenção artística é passada de pai para filho na comunidade tirolesa e as manifestações artísticas mantém as tradições do bairro e jamais podem parar, aos grupos de dança, teatro e coral" (Tarciso Correr -entrevista concedida ao Jornal de Piracicaba - Dezembro de 1991).

O teatro, na comunidade de descendentes de tirolezes, além de interpretar os costumes através das peças teatrais, procura estimular a capacidade artística dos jovens que participam do grupo (Degaspari, 1982).

As peças teatrais não são representadas em português, e sim no dialeto trentino. Uma das peças foi a encenação da vinda dos tirolezes ao Brasil (sua chegada à fazenda Sete Quedas, em Campinas) coordenada pelo Padre Daniel Stenico, em 1991.

A comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba sente que precisa redescobrir a sua arte, conservar sua cultura e resgatar sobretudo o dialeto trentino na quarta e quinta gerações, não que estes costumes estejam desaparecendo, mas a presença destes sentimentos e atitudes produzem o crescimento e a manutenção dos costumes tirolezes.

Em 20 de novembro de 1992, o bairro de Santa Olímpia comemorou cem anos da compra da fazenda, que se transformou em bairro. Nesta ocasião, houve um mês de comemoração para relembrar a chegada dos "nonnos" ao Brasil e, especialmente, em Piracicaba. Para finalizar as festas comemorativa ao centenário, os descendentes tirolezes inauguraram um monumento em frente a Igreja Imaculada Conceição (Santa Olímpia) em homenagem aos primeiros tirolezes que deram origem ao bairro tirolês, (vide anexo 08 - fotos).

Em 20 de agosto de 1993, os tirolezes do bairro de Santana comemoraram o centenário da compra da fazenda que deu origem ao bairro de Santana. Na ocasião da última data, no encerramento das festividades do centenário,

inaugurou-se o monumento comemorativo, instalado na bifurcação da estrada que liga o bairro de Santana e de Santa Olímpia à Rodovia Piracicaba/Charqueada, onde se lêem os seguintes dizeres: "BENVENUTI ALLE COMUNITÀ TRENTINE TRENTO - ITALIA"(vide foto no anexo 08).

Notas

1. As citações de Grosselli (1987, 1988 e 1990) e dos autores da coleção de monografias "La Patria d'Origene" são traduções do italiano, feitas por mim.
2. Grosselli (1990) faz a seguinte observação dos imigrantes austríacos que entraram no Estado de São Paulo: uma minoria dos austríacos que imigraram para o Brasil na década de 40 do século passado escolheu (ou foi obrigada a escolher) o Estado de São Paulo. Um número significativo provinha do Império Austro-Húngaro, como os austríacos eram de língua italiana e de língua alemã, foram classificados, em sua chegada, como sendo de origem italiana ou alemã ultrapassando oitente mil imigrantes.
3. Rio dos Cedros também é conhecido como Pomeranos. Bonatti (1968) fez um estudo linguístico dessa região.
4. Nosso grupo de estudo que vive hoje em Piracicaba chegou ao Brasil no ano de 1877, com cento e sessenta e duas pessoas. (Grosselli, 1990:156). Em 1877, imigraram ao Brasil, as famílias Stenico de Romagnano e Vitti, de Cortesano, chegando com o Navio Nord América, de bandeira italiana. Em dezembro de 1881, com o Navio Frankfurt de bandeira alemã, chegavam à Campinas para trabalhar na fazenda Sete Quedas, as famílias Degaspari. (Vide anexo 4 - relação dos imigrantes tirolezes que trabalharam na fazenda Sete Quedas, de propriedade do

Viconte de Indaiatuba). Como a Áustria não permitia a imigração, os que imigraram tiveram que sair do seu país de origem com navios de bandeiras de outros países.

5. A denominação Tirol vem desde 1271 e refere-se aos senhores de Castel Tirol que se chamavam condes do Tirol. O Condado do Tirol tornou-se Land Tirol (Província do Tirol), quando pertencia à Áustria.
6. Bortolo Vitti foi o organizador do grupo de imigrantes tirolezes que vieram ao Brasil - Estado de São Paulo, em 1877.
7. Fazenda Sete Quedas - Propriedade de Joaquim Borifácio do Amaral, Barão e Visconde de Indaiatuba, que nasceu em 1815 e morreu em 1884, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea. -
8. O sistema de parceria idealizado pelo Senador Vergueiro consistia em adiantamento para o transporte e sustento dos colonos durante a viagem, que deveria ser pago dentro de um prazo determinado, com juros de 6% ao ano. Cada família teria a seu cargo um determinado número de pés de café, segundo sua capacidade de cultivo, colheita e benefício. Era permitido o cultivo de mantimentos para a própria subsistência nas terras da fazenda. O produto do café vendido era partido entre colonos e fazendeiro e também as sobras dos mantimentos. As dívidas eram resolvidas por árbitros, (Giraldelli, 1992: 27).
9. A Fazenda de Monte Alegre era de propriedade de Joaquim Rodrigues de Amaral, no ano de 1877. No final do século passado, a fazenda era um engenho de açúcar que oferecia trabalho aos colonos, que plantavam e colhiam a cana. No ano de 1930, o engenho da fazenda se transformou em usina do Grupo Morganti. A fazenda se transformou em bairro com cerca de dez mil pessoas. Por volta de 1964, a usina foi vendida ao Grupo Silva Gordo e entrou em decadência. Em 1974, a usina foi comprada pelo Grupo Ometto que desativou a Usina. Desde 1981, o bairro ficou um lugar esquecido, embora com cem famílias residindo lá. O bairro de Monte Alegre continua com o estilo do século passado: construções antigas de

estilo Inglês, a capela de São Pedro, construída pelo fundador da usina, Pedro Morganti, na década de 30, projetada por arquitetos italianos e decorada pelo pintor italiano Alfredo Volpi. (Dados dos Arquivos da Biblioteca Municipal de Piracicaba).

10. Sítio Rio Cabeça, situado em Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. Hoje, 1994, o sítio é um bairro com o mesmo nome. Em 1892, permaneceram juntos em Rio Claro, as famílias de Giovanni Battista Cristofolotti de Cortesano, os dois irmãos: Giovanni Vitti e Bortolo Vitti com suas famílias e Francisco Forti com sua família. Apenas as famílias de Bortolo Vitti e Francisco Forti dirigiram-se para Piracicaba em 19 de agosto de 1892 e seus descendentes permaneceram juntos até hoje. Os outros tirolezes continuaram morando no sítio Rio Cabeça até o final do século passado e início deste século. Hoje, estão espalhados pela cidade de Rio Claro e já perderam toda a tradição tirolesa, de acordo com entrevista com vários descendentes que hoje vivem ainda em Rio Claro.
11. Barão de Serra Negra - Francisco José da Conceição, nasceu em Piracicaba no ano de 1824 e faleceu em 02 de outubro de 1900. Foi político influente em Piracicaba, grande proprietário fazendeiro. Foi conferido o título de Barão de Serra Negra por D. Pedro II, imperador do Brasil, por ter se dedicado à política do antigo Partido conservador. Ele era o antigo proprietário da fazenda de Santana.
12. Os tirolezes anotavam todas as despesas e lucros, o responsável pelas anotações da fazenda Santana era Angelo Vitti:
- Exemplo: "Dia 7 de novembro - 1893
- | | |
|---------------------------------|---------|
| Comida para camaradas | 24:000 |
| Dinheiro emprestado à sociedade | 200:000 |
| Despesas com camarada | 24:000 |
| Dia 10 de dezembro - 1893 | |
| 1 saco de arroz | 24:000 |
| 1 saco de farinha | 20:000 |
| 1 saco de açúcar | 20:000 |
| Despesas com o camarada | 24:000" |

Toda a linguagem dos livros de anotações está escrito no dialeto trentino com algumas palavras na língua portuguesas (Vitti, 1993: 10).

13. Os tirolezes (Vitti e Forti) compraram as terras da fazenda de Santana no dia 19 de agosto de 1893. Apenas no dia 04 de Setembro de 1893, a família de Bortolo Vitti subscreveu junto a Francisco Forti, chefe da família dos Forti, um contrato com o Barão de Serra Negra pela compra da fazenda.
14. Maria Stenico - nasceu no dia 15 de março de 1866, em Romagnano, Trento/Áustria. Faleceu no bairro da Santa Olímpia, em Piracicaba, no dia 02 de fevereiro de 1947, com oitenta e um anos de idade. Ela era filha de Virgilio Correr, patriarca da família Correr. Foi pessoa de um discurso religioso fortíssimo: era ela quem dava os catecismos, rezava os terços e conseguiu dominar os dois bairros com sua religiosidade, tornando-se "o padre", já que os frades capuchinhos rezavam a missa uma vez por mês no bairro. Quando ela faleceu, deixou uma carta-Testamento e um Testamento Espiritual com a finalidade de que a comunidade continuasse com suas idéias a respeito de Deus e da religião.
15. Segundo o frei Berto (1986), capuchinho, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, em 1887 e 1888, durante sua viagem pela Europa, pediu ao papa Leão XIII, para enviar missionários para catequizar os índios de São Paulo. Algumas fontes afirmam a simpatia do soberano brasileiros em favor da Ordem dos capuchinhos (Grosselli, 1990), ordem religiosa tão rigorosa que era a única capaz de moralizar os brasileiros e catequisar os índios. Certos documentos afirmam a necessidade da fundação da missão trentina no Brasil. "Fundação no Império dos Colégios destinados ao Noviciado desta Ordem" e outras afirmam a missão trentina para formação de Noviciados, missionários para os índios.
16. Fizemos um levantamento a respeito de anormalidades congênitos juntamente com o Circolo Trentino di Piracicaba e com moradores da comunidade tiroleza-trentina. Os moradores que nos ajudaram são da 19,

2º e 3º gerações. Também entrevistamos os mais jovens. Percebemos nesse levantamento que o número é relativamente pequeno. No bairro de Santa Olímpia há apenas um caso de síndrome de Down e cinco pessoas surdas-mudas e, em Santana, há dois casos de síndrome de Down e sete pessoas surdas-mudas. Mas, desde o começo do século até os anos 1970, era grande o número de mortes prematuras (antes de as crianças completarem o nono mês de gestação, ou nos primeiros anos de vida). Não sabemos exatamente quais foram as causas destas mortes, se foram por causa dos casamentos entre parentes ou pela desnutrição causada pelo grande número de filhos que havia em cada família ou por motivos desconhecidos. Todos os nascimentos eram feitos em casa e, muitas vezes, havia partos difíceis. As "nonas" não conseguiam fazê-los e, conseqüentemente, as crianças acabavam morrendo e, às vezes, até a mãe da criança morria. Podemos verificar claramente este aspecto na carta-Testamento de Maria Stenico, como quando fala sobre as mortes das mães que morreram nos partos, o caso de sua nora e de outras pessoas.

17. Nossos informantes quando se refere ao dialeto trentino eles dizem: "*dialeto tirolés*", porque eles não reconhecem seu dialeto sendo trentino, mas sendo o dialeto tirolés.

18. De acordo com o Decreto Nº 29.499, de 05 de janeiro de 1989, a Resolução SE Nº 28, de 27 de janeiro de 1989, esta Unidade Escolar, por ser uma EEPSG e estar localizada na Zona rural do município de Piracicaba, tem a possibilidade de desenvolver projetos de enriquecimento curricular... A escola atende aos bairros de santana, Santa Olímpia e Fazenda Negra, cuja população é formada quase que exclusivamente por descendentes de tirolezes, que aqui se instalaram há mais de 100 anos... Com o passar do tempo, também, começa a desaparecer os costumes, as tradições e até o uso do dialeto que os primeiros tirolezes trouxeram para cá, devido às influências locais. A escola, conjuntamente com as entidades existentes na comunidade (Associação de bairro de Santa Olímpia e Circolo Trentino di Piracicaba), vem tentando, na medida do possível, resgatar a memória desse povo... O Projeto de Enriquecimento Curricular proposto,

envolvendo Curso Básico de italiano, tem por objetivo:

- Promover a integração da escola com a comunidade, atendendo a um anseio desta;
- propiciar oportunidade da aprendizagem de noções da língua italiana aos interessadas para:
- ampliarem o seu grau de conhecimento;
- terem condições de se comunicarem com os seus conterrâneos italianos;
- terem a possibilidade de realizar trabalhos de pesquisa sobre os costumes, tradições dos seus ancestrais, consultando livros escritos em italianos".

(Projeto de Enriquecimento Curricular, enviado em 16/02/1992, à Delegacia de Ensino de Piracicaba - Projeto elaborado pelo diretor da Escola - Prof. Paulo Regno).

19. O Prof. Guilherme Vitti - um dos nossos informantes - nasceu em 25 de julho de 1915, na fazenda de Santana, hoje bairro de Santana. Foi seminarista durante dez anos, abandonando o seminário em 1940. Foi eleito vereador da Câmara Municipal e 1º Secretário da Câmara, no ano de 1948. Hoje, continua trabalhando no Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba e é considerado Historiador da História dos tirolezes de Piracicaba-SP.
20. Empresas como: Caterpillar, Copersucar, Dedini, Mausá e outras.
21. O Seminário Seráfico São Fidélis foi fundado pelos frades capuchinhos de Trento, no ano de 1928, em Piracicaba. Anteriormente, o seminário funcionava em Taubaté, o qual foi fundado em 5 de julho de 1896, sendo transferido para Piracicaba no ano de 1928. Em 1930, havia trinta e nove seminaristas que futuramente seriam frades capuchinhos, todos descendentes de tirolezes, nascidos na comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba. Todos os anos, havia um grande número de rapazes que se destinavam ao seminário dos capuchinhos ou dos estigmatinos de Rio Claro, hoje em Santa Bárbara-SP. (Berto, 1984).

22. José Eraldo Stenico, 31 anos, advogado, foi o vice-presidente do Circolo Trentino di Piracicaba, de 1990 a 1992.
23. Os tirolezes de Piracicaba têm uma culinária bem particular. Entre seus pratos preferidos está a polenta. Um dos pratos favoritos de toda a comunidade é canerdeli, polenta con pollastro (polenta com frango), radice, crauti, cucagna (tipo de polenta consumida na 30 feira de carnaval). Todas estas comidas são sempre acompanhadas de um bom vinho de laranja ou de uva, fabricados pelos membros da comunidade.
24. Em 1991, a Prefeitura Municipal de Piracicaba e empresas particulares doaram uma verba à comunidade para confecção de roupas: saias, chapéus, suspensórios, lenços e diversos acessórios que completam o traje típico nas apresentações do Coral "Stella Alpina".

CAPÍTULO 4

DESCRIÇÕES FONOLÓGICAS

4.1. Introdução

Neste capítulo, serão apresentados, resumidamente, as principais características dos sistemas fonológicos das variedades lingüísticas da fala da comunidade tirolese-trentina de Piracicaba, ou seja, o dialeto trentino (italiano), o dialeto caipira (português) e a variedade a que chamamos de *misturada*.

O objetivo de descrever o dialeto trentino é caracterizar um tipo de fala dos velhos e fornecer elementos para se entender melhor a formação da variedade *misturada*, que nada mais é do que português local, influenciado fortemente pelo dialeto trentino.

A apresentação do dialeto caipira tem como objetivo mostrar qual a variedade portuguesa da região foi usada pela comunidade. Constitui, ainda, a base sobre a qual outras variedades se formaram.

Por fim, a variedade *misturada* representa o uso mais comum dentro da comunidade e seu traço distintivo mais notável, sobretudo, pelos de fora.

Com as descrições fonológicas destas três variedades, é possível traçar um quadro bastante preciso dos sistemas fonológicos atuantes na fala da comunidade tirolese-trentina. Além disto, serve de referências para ajudar futuras pesquisas e pesquisadores, mostrando um ponto de partida já bastante claro, delimitado e elaborado.

4.2. Dialeto Trentino

4.2.1. Dialeto da Itália

Na Itália, por um lado, fala-se o italiano *standard* que é uma variedade de prestígio, usada, por exemplo, nos livros e nos meios de comunicação, e por outro, um grande número de *dialeto*s. O que tradicionalmente alguns chamam

de *dialeto*, nada mais é do que uma língua independente do italiano propriamente dito, como no caso do bielês, etc. Esse uso popular do termo dialeto é evitado nesta tese. Quando se fala em dialeto do italiano, refere-se àquelas variedades que, de fato, pertencem à língua italiana.

Segundo Frosi e Mioranza (1983), na Itália, o processo histórico unificou sob um mesmo patrimônio lingüístico, uma configuração geográfica bem delimitada de grandes ou pequenas comunidades lingüisticamente uniformes. Assim, uma classificação geo-lingüística de caráter geral estabelece três grupos dialetais:

- os dialetos setentrionais do norte da Itália;
- os dialetos centro-meridionais do centro e do sul do país;
- os dialetos toscanos, falados na região da Tosca.

A divisão dos dialetos (Veja Figura 6 - mapa dos dialetos italianos), às vezes, apresenta algumas diferenças entre os autores. Alguns, por exemplo, separam o dialeto romano (romanesco) dos demais (Dardano e Trifone, 1985).

Além dos dialetos e do italiano standard, existem pequenas áreas na Itália, com um modo de falar muito peculiar. Além disto, encontram-se, ao norte, pequenas comunidades que falam o alemão, e ao sul, comunidades que falam o grego. Outro fator curioso é o deslocamento de parte de um dialeto de uma região para outra. Assim, o dialeto piemontês, como o nome indica, é um dialeto típico do norte. Porém, é encontrado também em pequenas comunidades no sul do país.

O dialeto ladino, localizado nos Alpes Domilíticos, província de Belluno no Vêneto e na província de Trento, no Alto Ádige, também tem um interesse no estudo do dialeto trentino vindo ao Brasil. Esse dialeto ainda é muito usado no Vale de Fassa, na região de Trento.

Para a presente pesquisa, há um interesse particular nos dialetos do norte da Itália, de onde vem o dialeto trentino. Dentro deste tipo de interesse mais geral, deve-se destacar o interesse no estudo dos dialetos vênéticos e lombardos (Canepari, 1979; Dardano e Trifone, 1985, Frosi e Mioranza, 1983 e Sobrero, 1991 - cf. Fig. 7 - mapa localizando a região de Trento e vizinhos).

Os dialetos do norte costumam ser divididos em:

- dialetos galo-itálicos

- dialetos vênéticos
- dialetos istrianos

Cada grupo de dialetos compreende um conjunto de dialetos e cada dialeto tem, ainda, suas variedades regionais específicas. Assim, o dialeto trentino é uma variedade do dialeto vênético. Há, porém, quem considere o dialeto trentino como uma variedade do dialeto lombardo, com forte influência do dialeto vênético (Frosi e Mioranza, 1983, p. 89; Sobrero, 1991, p. 10).

O dialeto trentino é do tipo galo-italico com fundo germânico e vênético, abrangendo diversas variantes subdialetais, que correspondem às formas faladas nos distritos de Trento: Lavis, Cembra, Civezzano, Vezzano, Pergine, Levico, Valsugana, Tesino, Primiero e Canalsambovo. A respeito do dialeto trentino, Bonatti diz:

"Todos os subdialetos e co-dialetos do trentino, porém, têm em comum uma estrutura latina com uma fonética semelhante. Giulio Tomasini apresenta algumas características comuns a estas formas regionais do trentino. Todos têm a tendência a pronunciar com intensidade e clareza a sílaba tônica, atenuando sensivelmente as átonas. Todos têm, ainda, uma característica que não se encontra nos demais dialetos italianos. É a terminação dos vocábulos em consoantes oclusiva e fricativa surda. Há, ainda, em comum, a distinção entre fricativa côncava ápico-pós-dental e fricativa côncava fronta-álveo-palatal com caráter fonêmico dentro do sistema. E muitas regiões trentinas, encontramos o arredondamento das vogais anteriores altas e médias" (Bonatti, 1968: II, 2 - cf. Fig. 8 - os co-dialetos trentinos).

4.2.2. A Fonologia do Dialeto Trentino usado pela comunidade de Piracicaba

4.2.2.1. Fonemas Consonantais

O Sistema fonológico do dialeto trentino usado pela comunidade de Piracicaba apresenta os seguintes fonemas consonantais: / p, b, t, d, k, g, m, n, ñ, ŋ f, v, s, z, ʃ, ž, l, λ, r/. Estes fonemas correspondem ao sistema

consonantal do dialeto trentino que existe na Itália.

a) *Oclusivas*

Os fonemas oclusivos /p, b, t, d, k, g/ realizam-se da seguinte forma:

/p, b/	[p, b]	oclusivas bilabiais surda e sonora
/t, d/	[t, d]	oclusivas dentais surda e sonora
/k, g/	[k, g]	oclusivas velares surda e sonora

Exemplos:

/`pei/	[`pei]	pei	(pés)
/`but/	[`but]	but	(broto)
/`tavela/	[`tavela]	tavelar	(conversar)
/`dɔpio/	[`dɔpio]	dopio	(dobro)
/`kōr/	[`kōr/	cōr	(coração)
/`geto/	[`geto]	gheto	(confusão)

O fonema /k/ apresenta um alofone palatoalveolar africado surdo diante de /i/, como mostra o exemplo abaixo:

Exemplos:

/`kiave/	[`tʃiave]	chiave	(chave)
/tʃiu`tʃiata/	[tʃiu`tʃiata]	ciuciata	(bonequinha)

A respeito das africadas no dialeto trentino da Itália, Bonatti, faz o seguinte comentário:

"As africadas palatais alveolares /tʃ, dʒ/ são consoantes raras no dialeto trentino em Trento. Giulio Tomasini, em sua obra "Profilo Linguistico delle Regione Trentina" (1960: 89 - Trento) diz que as africadas são mais comuns na zona urbana. Quando os falantes da zona rural querem apresentar-se dentro do padrão urbano, em

sociedade, pronunciam como africadas palatais alveolares /tʃ, dʒ/ um som que normalmente realizam como fricativas dentais /s, z/. É completa dizendo que, na zona urbana, se processa o mesmo fenômeno, o que indica a baixa freqüência das africadas como norma da língua" (Bonatti, 1968: III, 6).

O comentário de Tomasini parece um pouco estranho quando comparado com o que acontece na fala da comunidade tirolese-trentina de Piracicaba. Mais adiante, encontraremos a ocorrência da africada [dʒ], como alofone de /ʒ/.

b) nasais

Há quatro fonemas nasais /m, n, ñ, ŋ/, que se realizam com os seguintes alofones:

/m/	[m]	nasal bilabial sonora
/n/	[n]	nasal dental sonora
/ñ/	[ɲ]	nasal palatal sonora
/ŋ/	[ŋ]	nasal velar sonora

Exemplos:

/mate'lot/	[mate'lot]	matelot	(menino)
/'nugola/	[ˈnugola]	nugola	(nuvem)
/se'ñar/	[se'ñar]	segnar	(assinar)
/'raŋ/	[ˈraŋ]	ragn	(aranha)

c) Fricativas

São fonemas fricativos /f, v, s, z, ʃ, ʒ/, cujos alofones são os seguintes:

/f, v/	[f, v]	fricativas lábio-dentais surda e sonora
/s, z/	[s, z]	fricativas alveolares surda e sonora
/ʃ, ʒ/	[ʃ, ʒ]	fricativas palatoalveolares surda e sonora

Exemplos:

/`fym/	[`fym]	füm	(fumaça)
/`vetʃio/	[`vetʃio]	veccio	(velho)
/`sɔrg/	[`sɔrg]	sorg	(rato)
/`zölf/	[`zölf]	zolf	(enxofre)
/`ʃiyf/	[`ʃiyf]	ciüf	(tapete)
/`žiatʃ/	[`žiatʃ]	giac	(gelo)

A fricativa palatoalveolar sonora /ž/ apresenta um alofone africado palatoalveolar sonoro diante de /i/, como mostra o exemplo abaixo:

Exemplo:

/`žiɔven/	[`džiɔven]	giovan	(jovem)
-----------	------------	--------	---------

Nos dialetos vênéticos, as fricativas alveolares surda e sonora /s, z/ realizam-se como africadas alveolares surda e sonora [ts, dz]. Em posição inicial de palavras, porém, ocorre apenas [dz]. No dialeto trentino da comunidade de Piracicaba, encontram-se as mesmas realizações. Neste caso, ocorre variação livre entre os alofones fricativos e africados, sobretudo no início de palavras, como mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

/`zio/	[`dzio]	[`zio]	zio	(tio)
/`zyke/	[`dzyke]	[`zyke]	zucher	(açúcar)
/`zukon/	[`dzukōn]	[`zukōn]	zucon	(teimoso)

d) Vibrantes

O dialeto trentino de Piracicaba apresenta apenas um fonema consonantal vibrante /r/, cujo alofone é um tepe alveolar sonoro.

Exemplos:

/ˈtɛra/	[ˈtɛra]	tera	(terra)
/ˈrɛtʃia/	[ˈrɛtʃia]	recia	(orelha)
/ˈrɔt/	[ˈrɔt]	rot	(quebrado)

Frosi e Mioranza fazem a seguinte observação a respeito das vibrantes nos dialetos do norte da Itália:

"Gerhard Rohlfs afirma que os dialetos do norte da Itália não possuem a vibrante geminada. De acordo com as características gerais do desenvolvimento fonético setentrional, em toda a Itália setentrional, /rr/ sofre degeminação em /r/ (exemplos: *téra*, *guèra*, *tòre* - Rohlfs, 1966: 336). Num estudo sobre os dialetos vênéticos, Alberto Zamboni diz: "No que diz respeito, enfim, a /r/, tem-se, em geral, uma vibrante simples dental, ao passo que o *standard* possui uma vibrante múltipla" (Zamboni, 1974: 14)" (Frosi e Mioranza, 1983: 97).

No dialeto trentino de Piracicaba, o fenômeno da degeminação das consoantes duplas atinge também os demais casos, comumente encontrados no italiano *standard*. Os falantes não fazem mais a distinção entre consoantes longas (geminadas) e breves (não geminadas).

Exemplos:

/ˈan/	[ˈan]	an	(ano)
/ˈstɛla/	[ˈstɛla]	stela	(estrela)
/ˈtuto/	[ˈtuto]	tuto	(tudo)

e) Laterais

Ocorrem dois fonemas laterais /l, λ/ com os seguintes alofones.

/l/	[l]	lateral alveolar sonora
/λ/	[λ]	lateral palatal sonora

Exemplos:

/ˈluni/	[ˈluni]	luni	(segunda-feira)
/sbaˈɫar/	[sbaˈɫar]	sbagliar	(errar)

Em posição final de sílabas, encontra-se a ocorrência de uma lateral alveolar velarizada, cujo status fonológico é de uma variante posicional do fonema /l/.

Exemplo:

/ˈzölf/	[ˈzölf]	zölf	(enxofre).
---------	---------	------	------------

4.2.2.2. Fonemas Vocálicos do dialeto trentino de Piracicaba

O sistema vocálico do dialeto trentino de Piracicaba apresenta vogais orais. A ocorrência de vogais nasalizadas é alofônica. O sistema apresenta também vogais anteriores arredondadas, como se mostrará abaixo.

As vogais nasalizadas ocorrem precedendo uma consoante nasal. Todas as vogais orais, neste contexto, podem ocorrer na forma nasalizada.

Os fonemas vocálicos orais são: /i, e, ε, a, ɜ, ɔ, u, y, ö/. Seus alofones são indicados, a seguir:

/i/	[i]	vogal anterior fechada, não arredondada
/e/	[e]	vogal anterior meio-fechada, não arredondada
/ε/	[ε]	vogal anterior meio-aberta, não arredondada
/a/	[a]	vogal central baixa
/ɜ/	[ɜ]	vogal central meio-aberta, não arredondada
/ɔ/	[ɔ]	vogal posterior meio-aberta, arredondada
/o/	[o]	vogal posterior meio-fechada, arredondada
/u/	[u]	vogal posterior fechada, arredondada

Exemplos:

/`piöva/	[`piöva]	piöva	(chuva)
/`ert/	[`ert]	ert	(subida)
/`sbërla/	[`sbërla]	sberla	(tapa)
/`fa/	[`fa]	far	(fazer)
/`3s/	[`3s]	as	(tábua)
/`v>k/	[`v>k]	voc	(voz)
/so`leva/	[so`leva]	soleva	(aliviar)
/`tut/	[`tut]	tut	(tudo, todo)
/`fym/	[`fym]	füm	(fumaça)
/`kör/	[`kör]	cör	(coração)

O sistema fonológico vocálico do dialeto trentino da comunidade de Piracicaba é semelhante ao apresentado por Bonatti (1968: III, 7), com a única exceção do fonema /y/ que não ocorre no dialeto trentino descrito por Bonatti.

Uma ocorrência alofônica característica é o ensurdecimento das vogais fechadas quando em posição átona final de palavras, como se mostra a seguir:

Exemplos

/`töi/	[`töi]	töi	(ei, você!)
/`beu/	[`beu]	beu	(bebido)

Nos dialetos do grupo lombardo e vêneto, a forma morfológica das palavras apresenta a queda de uma vogal final que, comumente, é encontrada no italiano standard. Tal regra, todavia, não se aplica quando a vogal é /a/. Frosi e Mioranza fazem o seguinte comentário:

"A característica geral da maior parte dos dialetos galo-itálicos (menos o Ligure) é a queda das vogais finais, as quais se extinguem todas com exceção da vogal /a/. Numa abordagem sobre as características dos dialetos lombardos, G. Devoto e G. Giacomelli afirmam que, normalmente, estes dialetos perdem as vogais finais, exceto -a " (Frosi e Mioranza, 1983: 99)

Como se pode bem observar nos exemplos reunidos abaixo, no dialeto trentino da

comunidade de Piracicaba, os itens lexicais acabam por consoante e não por vogais, com exceção da vogal /a/.

Exemplos:

/`far/	[`far]	far	(fazer)
/`fam/	[`fam]	fam	(fome)
/`fym/	[`fym]	fùm	(fumaça)
/`fök/	[`fök]	föc	(fogo)
/`an/	[`an]	an	(ano)

A regra acima, contudo, não se aplica a todos os itens lexicais, sendo uma idiosincrasia lexical. Veja os exemplos abaixo:

/`luni/	[`luni]	luni	(segunda-feira)
/`geto/	[`geto]	gheto	(confusão)
/`tʃiave/	[`tʃiave]	chiave	(chave)
/`tuto/	[`tuto]	tuto	(todo)
/`zyke/	[`dzyke]	zucher	(açúcar)
/`zio/	[`dzio]	zio	(tio)

4.3. Dialeto Caipira

O dialeto caipira representa a variedade de português em uso na região de Piracicaba onde se localiza a comunidade tiroleza-trentina. Trata-se de uma variedade em uso também pela comunidade tiroleza-trentina, seguindo o modelo dialetal em uso na região piracicabana. A cidade de Piracicaba tem cinco distritos: Artemis, Ibitiruna, Tupi, Tanguinho e Santa Terezinha. Santa Olímpia e Santana são bairros rurais do distrito de Santa Terezinha.

O dialeto caipira, na fala dos membros da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, é natural e comum porque convivem em grande parte de seu tempo - no trabalho, por exemplo - com bairros afastados do centro da cidade, como com o bairro de Santa Terezinha, e convivem, também, com os piracicabanos usuários do dialeto caipira da região.

O dialeto paulista - várias formas, inclusive uma que representa a norma culta da região - convive com o dialeto caipira, na fala de pessoas com escolaridade de alto nível. Como se trata de uma variedade do português do Brasil, o dialeto caipira apresenta traços comuns com outros dialetos, sobretudo traços estigmatizados, como o enfraquecimento da lateral palatal transformando-se em glide ou até mesmo em vogal anterior alta, formando hiato com a vogal anterior.

Amaral (1976: 47) faz o seguinte comentário a respeito dos sons do dialeto caipira comparados com os do dialeto paulista em geral:

"Os fonemas do dialeto caipira são, em geral, os mesmos do português, se não levarmos em conta ligeiras variantes fisiológicas, que sempre existem entre povos diversos e até entre frações de um mesmo povo; variantes essas de que, pela maior parte, só a fonética poderia dar uma notação precisa"

Apresenta-se, a seguir, uma descrição sucinta do sistema fonológico do dialeto caipira, baseada sobretudo na obra de Rodrigues (1974) e em observações feitas durante a presente pesquisa. É importante ter sempre em mente o fato de o dialeto caipira apresentar variantes morfológicas que fazem com que os segmentos das palavras apresentem pequenas variações quando comparados com os segmentos que comumente costumam formar palavras em português. Veja alguns exemplos, a seguir:

fumu	em vez de	fomos
drento		dentro
chorano		chorando
memo		mesmo
cafanhoto		gafanhoto
zibóia		jibóia
cuspo		cuspe
ansim		assim
pobrema		problema
Peracicaba		Piracicaba
alembrar		lembrar

avoar	voar
arrepetir	repetir
amarrrom	marrom

4.3.1. A Fonologia do Dialeto Caipira da região de Piracicaba

Apresenta-se, a seguir, os fonemas do dialeto caipira da região de Piracicaba com seus principais alofones. Algumas realizações alofônicas ou variantes que são reconhecidas como marcas típicas deste dialeto, serão apresentadas mais adiante num item separado.

4.3.1.1. Fonemas Consonantais

a) Oclusivas

Os fonemas /p, b, t, d, k, g/ realizam-se da seguinte forma:

/p, b/	[p, b]	oclusivas bilabiais surda e sonora
/t, d/	[t, d]	oclusivas alveodentais surda e sonora
/k, g/	[k, g]	oclusivas velares surda e sonora

Exemplos:

/ˈpata/	[ˈpata]	(pata)
/ˈbɔta/	[ˈbɔta]	(bota)
/taˈtu/	[təˈtu]	(tatu)
/ˈnada/	[ˈnada]	(nada)
/ˈkada/	[ˈkada]	(cada)
/ˈgata/	[ˈgata]	(gata)

Os alofones [t, d] costumam ocorrer com mais ou menos retroflexão na fala de certos indivíduos.

b) Nasais

Os fonemas nasais consonantais /m, n, ñ/ apresentam os seguintes alofones:

/m/	[m]	nasal bilabial sonora
/n/	[n]	nasal alveodental sonora
/ñ/	[ɲ]	nasal palatal sonora

Exemplos:

/ˈmata/	[ˈmata]	(mata)
/ˈnata/	[ˈnata]	(nata)
/ˈleña/	[ˈleɲa]	(lenha)

A oposição fonológica ocorre apenas em contexto de início de sílaba. Em final de sílaba ocorre um arquifonema nasal /N/ que pode ocorrer como uma consoante nasal ou pode ser apenas a marca de nasalização da vogal precedente.

Como acontece em outros dialetos do português, quando ocorre uma consoante nasal em final de sílaba diante de uma oclusiva, a nasal toma o lugar de articulação da oclusiva, tornando-se homorgânica.

No dialeto caipira é mais comum a realização do arquifonema nasal como sinal de nasalização da vogal precedente do que como uma consoante nasal em final de sílaba.

Exemplos:

/ˈkaNpu/	[ˈkãmpu]	[ˈkɔ̃pu]	(campo)
/ˈkaNtu/	[ˈkãntu]	[ˈkɔ̃tu]	(canto)
/ˈbaNku/	[ˈbãŋku]	[ˈbɔ̃ŋku]	(banco)

c) *Fricativas*

os fonemas fricativos /f, v, s, z, ʃ, ž/ realizam-se com os alofones indicados a seguir:

/f, v/	[f, v]	fricativas labiodentais surda e sonora
/s, z/	[s, z]	fricativas alveolares surda e sonora
/ʃ, ʒ/	[ʃ, ʒ]	fricativas palatoalveolares surda e sonora

Exemplos:

/ˈfatu/	[ˈfatu]	(fato)
/ˈvaka/	[ˈvaka]	(vaca)
/ˈsapu/	[ˈsapu]	(sapo)
/ˈmeza/	[ˈmeza]	(mesa)
/maˈʃadu/	[maˈʃadu]	(machado)
/ˈʒelu/	[ˈʒelu]	(gelo)

Há queda da fricativa alveolar surda nas formas de plural dos nomes, uma vez que a regra de concordância para este dialeto indica que só o primeiro elemento mais à esquerda deve ficar com o morfema de plural /S/. Os demais ficam sem a marca de plural /S/, típica de muitos dialetos do português, principalmente da norma culta. Talvez por analogia, há uma tendência a queda de /S/ também em outros tipos de palavras, quando em posição final de palavra, sobretudo diante de pausa.

Exemplos:

(/uS ˈɔmeNS traˈbaʎaN/) [uˈzɔmi tɔ aˈbaja] (Os homens trabalham)

(/ˈvamuS/) [ˈvɔ̃mu] (vamos)

(/ˈfomuS/) [ˈfũmu] (fomos)

Encontra-se no dialeto caipira - talvez mais freqüentemente do que em outros - uma alternância entre a fricativa labiodental sonora e a oclusiva bilabial sonora. Tal alternância ocorre tipicamente em algumas palavras, mas parece que não ocorre em outras.

Exemplos:

/vamuS/	[ṽmu]	[b̃mu]	(vamos)
/va'sora/	[va'soɫa]	[ba'soɫa]	(vassoura)
/važeN/	[važi]	[baži]	(vagem)
/veSpa/	[vespa]	[bespa]	(vespa)
/bi'λeti/	[bij'eti]	[vij'eti]	(bilhete)

porém,

/vaka/	[vaka]	e não ocorre	[baka]	(vaca)
/vi'ažeN/	[vi'aži]	e não ocorre	[bi'až]	(viagem)

d) Laterais

Os fonemas laterais /l, λ/ são realizados com os alofones indicados a seguir:

/l/	[l]	lateral alveodental sonora
/λ/	[λ]	lateral palatal sonora

Exemplos:

/galu/	[galu]	(galo)
/gaλu/	[gaλu]	(galho)

Assim como as oclusivas alveodentais, a lateral alveodental pode ocorrer com maior ou menor grau de retroflexão na fala de certos indivíduos.

A realização do fonema lateral palatal com um alofone lateral palatal é raro. O mais comum é a realização de um alofone do tipo glide anterior [j] ou de uma vogal anterior alta [i]. Neste último caso, podem ocorrer hiatos entre o [i] e as vogais adjacentes.

Também é comum a realização da lateral palatal como uma lateral alveodental seguida de glide [j].

Exemplos:

/ˈgɐλ u/	[ˈʔalju]	[ˈgɐ-i-u]	[ˈgaj-u]	(galho)
/aˈguλ a/	[aˈgulja]	[aˈgu-i-a]	[aˈguja]	(agulha)
/ˈteλ a/	[ˈtelja]	[ˈte-i-a]	[ˈtejt]	(telha)

e) Vibrantes

Há dois fonemas vibrantes /x, r/ que se realizam com os alofones abaixo:

/x/	[x]	fricativa velar surda
/r/	[r]	tepe - vibrante simples alveodental

Exemplos:

/ˈxatu/	[ˈxatu]	(rato)
/ˈkaru/	[ˈkaru]	(caro)

A oposição fonológica só é encontrada no contexto intervocálico. Nos demais, ocorre neutralização da oposição, com a ocorrência apenas do fonema /r/.

Os dois alofones [x, r] ocorrem somente ocasionalmente. O mais comum é a ocorrência de uma neutralização entre os dois fonemas vibrantes, tendo como alocfone típico, uma consoante retroflexa sonora [ʁ]. Somente através de uma pesquisa mais detalhada seria possível dizer se a ocorrência de /x, r/ é um fato atual do dialeto ou se representa um esforço para usar uma outra variedade da língua portuguesa, por exemplo, uma norma culta própria do Estado de São Paulo. O mesmo acontece com ocorrências de africadas palatoalveolares surda e sonora diante de [i], como em [leitʃi] (leite), [dʒia] (dia).

Exemplos:

/vaˈsoura/	[vaˈsora]	[vaˈsoʁa]	(vassoura)
/ˈkarta/	[ˈkarta]	[ˈkaʁta]	(carta)
/ˈmar/	[ˈmar]	[ˈmaʁ]	(mar)
/kaˈxiɲu/	[kaˈxiɲu]	[kaˈʁiɲu]	(carrinho)

Uma característica marcante do dialeto caipira é a realização de uma vibrante retroflexa em final de sílaba em palavras que, em outros dialetos, encontra-se um fonema lateral alveodental ou um glide velar arredondado.

Exemplos:

/fuˈnir/ (/fuˈnil/)	[fuˈniw]	[fuˈniɔ]	(funil)
/ˈartu/ (/ˈaltu/)	[ˈawtu]	[ˈaɔtu]	(alto)
/ˈmar/ (/ˈmal/)	[ˈmaw]	[ˈmaɔ]	(mal)
/ˈbardi/ (/ˈbaldi/)	[ˈbawdi]	[ˈbaɔde]	(balde)
/aˈnɛr/ (/aˈnɛl/)	[aˈnɛw]	[aˈnɛɔ]	(anel)

O fonema vibrante simples e seu alofone correspondente que é a consoante retroflexa é encontrado também como segundo segmento de grupos consonantais que, em outros dialetos, apresenta uma lateral alveodental, como mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

/ˈkraru/ (/ˈklaru/)	[ˈkɔaɔu]	(claro)
/ˈkrubi/ (/ˈklubi/)	[ˈkɔubi]	(clube)
/ˈpraŋta/ (/ˈplaŋta/)	[ˈpɔʒta]	(planta)

Em palavras com mais de uma sílaba, sobretudo em formas verbais do infinitivo, no dialeto caipira, não costuma ocorrer o fonema vibrante em final de palavra, como mostram os exemplos abaixo:

/kaˈta/	[kaˈtar]	[kaˈta]	(catar)
/muˈλɛr/	[muˈλɛr]	[ˈmujɛ]	(mulher)
/arˈtur/	[arˈtur]	[aɔˈtu]	(Artur)

f) Africadas

Encontra-se atualmente no dialeto caipira da região de Piracicaba a

realização de africadas palatoalveolares em palavras que - em outros dialetos - apresentam a seqüência de /t/ ou /d/ mais /i/. Tal configuração fonológica é mantida no presente estudo, mas o resultado fonético pode trazer a ocorrência de uma africada diante da vogal [e] em sílaba átona final de palavras. A ocorrência da africada é sempre opcional e parece ser mais comum com a forma surda do que com a sonora.

Exemplo:

/ˈleiti/ [ˈleitʃi] ou [ˈleitʃe] (leite)

Algumas palavras trazem uma africada palatoalveolar como variante opcional dos alofones [ʃ, ʒ], como mostram os exemplos a seguir:

Exemplos:

/ʃaˈpɛw/ [tʃaˈpɛw] [ʃaˈpɛw] (chapéu)
 /ʒaˈnɛla/ [dʒaˈnɛla] [ʒaˈnɛla] (janela)

4.3.1.2. Fonemas Vocálicos

g) Sistema Vocálico

O sistema vocálico do dialeto paulista é muito semelhante ao sistema vocálico do português do Brasil, sobretudo do dialeto paulista. Os fonemas vocálicos apresentam restrições de ocorrência de acordo com a tonicidade das sílabas, como já mostrou Mattoso Câmara em seus estudos sobre a fonologia do português do Brasil.

Os fonemas vocálicos com seus principais alofones são apresentados a seguir:

/i/	[i]	vogal anterior fechada (alta)
/e/	[e]	vogal anterior meio-fechada (média alta)
/ɛ/	[ɛ]	vogal anterior meio-aberta (média baixa)

/a/	[a]	vogal anterior aberta (baixa)
/ɔ/	[ɔ]	vogal posterior meio-aberta arredondada (média baixa)
/o/	[o]	vogal posterior meio-fechada arredondada (média alta)
/u/	[u]	vogal posterior fechada arredondada (alta)

Exemplos:

/ˈfita/	[ˈfita]	(fita)
/ˈpera/	[ˈpeɔa]	(pera)
/ˈfesta/	[ˈfesta]	(festa)
/ˈkaza/	[ˈkaza]	(casa)
/ˈbɔta/	[ˈbɔta]	(bota)
/ˈbolu/	[ˈbolu]	(bolo)
/ˈsuku/	[ˈsuku]	(suco)

Em posição átona, sobretudo postônica, ocorre variação entre as vogais meio-fechadas e fechadas. Foram escolhidas as vogais fechadas na representação fonológica por ser o caso mais comum na língua portuguesa. No entanto, no dialeto caipira é muito comum o uso das vogais meio-fechadas, principalmente, em final de palavra.

Exemplos:

/ˈbolu/	[ˈbolu]	[ˈbolo]	(bolo)
/ˈverdi/	[ˈveɔdi]	[ˈvede]	(verde)

Seguindo uma tradição de análise proposta por Mattoso Câmara, a nasalidade vocálica é interpretada fonologicamente como sendo uma seqüência de vogal oral mais um arquifonema nasal /N/. As vogais não mudam sua qualidade básica ao se nasalizarem, exceto a vogal aberta que se torna uma vogal meio-aberta e central [3].

Exemplos:

/ˈtinta/	[ˈtĩta]	(tinta)
----------	---------	---------

/ˈdeNti/	[ˈdēte]	(dente)
/ˈkaNta/	[ˈkãta]	(canta)
/ˈkoNtu/	[ˈkõto]	(conto)
/ˈfuNdu/	[ˈfũdo]	(fundo)

No dialeto caipira encontram-se ditongos e tritongos como ocorre, em geral, no português. Estes segmentos também sofrem reduções ou são formados, seguindo as mesmas regras do português em geral. Alguns exemplos são apresentados abaixo:

/ˈpouku/	[ˈpoko]	(pouco)
/ˈkaiʃa/	[ˈkaʃa]	(caixa)
/kaˈdeira/	[kaˈdeɐa]	(cadeira)
/ˈpeiʃi/	[ˈpeʃe]	(peixe)
/xaˈpaS/	[ɐaˈpajs]	(rapaz)
/ˈnɔS/	[ˈnɔjs]	(nós)
/ˈluS/	[ˈlujs]	(luz)

A variação entre [ei] e [e] ocorre só diante de /r/ ou de /ʃ, ʒ/. A variação entre [ai] e [a] só ocorre diante de /ʃ, ʒ/. Todavia, a variação entre [ou] e [o] ocorre sem ser previsível pelo contexto do som que o precede ou sucede nas palavras. No dialeto caipira, as formas monotongadas são mais comum e típicas do que as formas com ditongos, nestes contextos mencionados acima. Em sílaba tônica de final de palavra, quando ocorre o /S/, a ditongação é a forma de uso mais comum.

É raro a formação de ditongos nasais, oriundos de seqüências fonológicas compostas de vogal oral mais arquifonema nasal. O comum é a ocorrência de uma vogal nasalizada, sem ditongo e sem consoante. Em sílaba átona de final de palavras, realiza-se tipicamente uma vogal oral, como mostram os exemplos abaixo:

Exemplos:

/ˈpeNti/	[pēte]	(pente)
/viˈažeN/	[viˈažẽ]	(viagem)

/a'leN/ [a'l̃ei] (além)

Merecem destaque dois tipos de ocorrência da nasalidade vocálica. Em sílabas átonas de final de palavra, nas formas verbais, em lugar do ditongo nasal [ãw], ocorre uma vogal posterior fechada [u] que pode ou não ser nasalizada. Por outro lado, formas fonológicas que têm a seqüência /oN/ - que costumam ter como alofone o ditongo nasal [õw] -, apresentam, no dialeto caipira, o ditongo nasal [ãw], como se vê nos exemplos abaixo:

Exemplos:

/a'jaraN/ [a'jaõo] (acharam)

/fi'zeraN/ [fi'zeõo] (fizeram)

/'boN/ ['bãw] (bom)

/'soN/ ['sãw] (som)

4.4. Variedade *Misturada*

Como já foi dito antes, o que chamamos de variedade *misturada* é uma variante do dialeto caipira, na qual foram introduzidas algumas regras fonológicas próprias, oriundas da influência trazida do dialeto trentino para o português. Como esta variedade não é trentino, nem dialeto caipira, para não confundir os sistemas, foi destacada e rotulada de variedade *misturada*.

É importante notar que - como se tem dito várias vezes - nesta variedade do dialeto caipira, ocorrem muitos itens lexicais trentinos, substituindo ou convivendo com termos correspondentes do português. Encontram-se também muitas formas lexicais modificadas, quer por influência de regras fonológicas próprias desta variedade, quer como um processo geral, aliás, encontrável também em outras formas dialetais do português do Brasil, sobretudo naquelas estigmatizadas pela sociedade.

Apresenta-se abaixo uma descrição sucinta do sistema fonológico desta variedade *misturada*, a qual pode ser comparada com as descrições feitas para o

dialeto trentino e com a do dialeto caipira, para se observar como esta variedade é, de fato, uma variante do dialeto caipira com fortes influências do dialeto trentino.

4.4.1. Fonemas Consonantais

a) Oclusivas

Os fonemas oclusivos são /p, b, t, d, k, g/.

Exemplos:

/ˈpɔrta/	[ˈpɔrta]	(porta)
/ˈbarko/	[ˈbarko]	(barco)
/ˈtuda/	[ˈtuda]	(toda)
/kaˈʃoxo/	[kaˈʃoru]	(cachorro)
/ˈgato/	[ˈgatu]	(gato)

As africadas [tʃ, dʒ] ocorrem como alofones de /t, d/ diante de /i/.

Exemplos:

/ˈtia/	[ˈtʃia]	(tia)
/ˈdia/	[ˈdʒia]	(dia)

b) Nasais

Há três fonemas nasais consonantais, que são: /m, n, ñ/.

Exemplos:

/makaˈxauN/	[makaˈrõ]	(macarrão)
/ˈnada/	[ˈnada]	(nada)
/ˈleña/	[ˈleña]	(lenha)

Ocorre neutralização dos lugares de articulação das consoantes nasais em posição final de sílaba, dando origem a um arquifonema /N/. Nestes casos, quando a nasal encontra-se diante de um oclusiva velar no início da sílaba seguinte, ocorre a realização de um alofone nasal velar [ŋ], homorgânico à oclusiva. Este alofone ocorre também depois de /a/ em final de palavras diante de pausa.

Exemplos:

/ˈbaŋko/	[ˈb ɔ̃ŋ ko]	(banco)
/ˈlaŋ/	[ˈl ɔ̃ŋ]	(lá)

c) Fricativas

Os fonemas fricativos são os seguintes: /f, v, s, z, ʃ, ʒ/.

Exemplos:

/ˈfada/	[ˈfada]	(fada)
/ˈvaka/	[ˈvaka]	(vaca)
/siˈnema/	[siˈnema]	(cinema)
/eˈzato/	[eˈzatu]	(exato)
/kaiˈʃtɛ/	[kaiˈʃtɛ]	(caixote)
/ʒaˈnela/	[ʒaˈnela]	(janela)

Por causa da regra de concordância que não marca com /S/ todos os nomes e que não ocorre nas formas verbais, algumas palavras ficam reduzidas de um fonema, nestas circunstâncias.

Exemplos:

/oS meˈninoS/	[uz meˈninu]	(os meninos)
/ˈnɔS viˈɛmoS/	[ˈnɔz viˈɛmu]	(nós viemos)

Na variedade *misturada*, encontra-se um fenômeno também apontado por Bonatti (1968) para a fala dos pomeranos de Santa Catarina. Trata-se do uso das fricativas palatoalveolares /ʃ, ʒ/ em contextos morfológicos de palavras do português em que se esperaria a ocorrência das fricativas alveolares /s, z/ e vice-versa. Na prática, isto acontece muito mais com as fricativas surdas do que com as sonoras.

Exemplos:

/si'nema/	[si'nema]	[ʃi'nema]	(cinema)
/sa'xafo/	[sa'rafo]	[ʃa'rafo]	(sarrafo)
/sa'lauN/	[sa'lõ]	[ʃa'lõ]	(salão)
/bo'xaʃa/	[bo'raʃa]	[bo'rasa]	(borracha)

d) Laterais

Há dois fonemas laterais: /l, λ/, com os alofones abaixo:

/l/	[l]	lateral alveodental sonora
/λ/	[λ]	lateral palatal sonora
	[li]	lateral alveodental seguida de glide vocálico
	[i]	glide anterior fechado

Exemplos:

/ˈlata/	[ˈlata]	(lata)
/ˈgaλo/	[ˈgaλu]	(galho)
	[ˈgaliu]	[ˈgaiu] (galho)
/ˈmiλo/	[ˈmiliu]	[ˈmiu] (milho)

e) Vibrantes

São encontrados dois fonemas vibrantes: /x, r/.

/x/ [x] fricativa velar surda
 /r/ [r] tepe alveodental sonoro

Exemplos:

/ka'xosa/ [ka'xosa] (carroça)
 /'sera/ ['sera] (cera)

O fonema /x/ é encontrado apenas nas últimas gerações na fala de indivíduos que tem nível alto de escolaridade. Para os falantes sem alto nível de escolaridade, existe apenas o fonema /r/. Este fato, certamente, mostra uma influência do dialeto trentino no português da comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba. No entanto, em algumas palavras, — ocasionalmente, chega-se a ouvir um [x]. Curiosamente, não se tem observado sistematicamente o uso da consoante retroflexa na fala da comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba. Todavia, como acontece com o [x], ocasionalmente, em certas palavras, ouve-se de alguns indivíduos, o emprego da consoante retroflexa, sobretudo em final de sílaba.

Exemplos:

/ka'xosa/ [ka'rosa] (carroça)
 /ga'xafa/ [ga'rafa] (zarrafa)
 /'buxo/ ['buru] (burro)
 /sor'vete/ [sor'vete] [soq'vete] (sorvete)
 /kar'pir/ [kar'pi] [kaq'pi] (carpir)

Como acontece em muitas variedades do português, ocorre a queda do fonema /r/ em sílaba tônica final de verbos e até de algumas palavras que não são verbo.

Exemplos:

/fa'zer/ [fa'ze] (fazer)
 /me'λ > r/ ['miɔ] (melhor)

4.4.2. Fonemas Vocálicos

Os fonemas vocálicos da variedade *misturada* segue o sistema vocálico do português e tem realizações alofônicas semelhantes às do dialeto caipira, com uma ou outra peculiaridade. Como acontece com o português, os fonemas vocálicos se distribuem de acordo com o padrão acentual da língua. A variedade em estudo comporta também vogais orais e nasalizadas. Estas últimas ocorrem alofonicamente, sendo nasalizadas por uma consoante no início da sílaba seguinte, ou por um arquifonema nasal, travando a sílaba.

São os seguintes os fonemas vocálicos do dialeto *misturado*: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/.

Ocorrências de alofones orais:

Exemplos:

/ˈpia/	[ˈpia]	(pia)
/ˈmes/	[ˈmes]	(mês)
/ˈbɛlo/	[ˈbɛlu]	(belo)
/ˈsala/	[ˈsala]	(sala)
/ˈsɔ/	[ˈsɔ]	(só)
/ˈbolo/	[ˈbolu]	(bolo)
/ˈlua/	[ˈlua]	(lua)

Ocorrências de alofones nasalizados:

/ˈliNda/	[ˈlĩnda]	(linda)
/ˈlima/	[ˈlĩma]	(lima)
/ˈteN/	[ˈtẽi]	(tem)
/ˈbaNko/	[ˈbãŋ ko]	(banco)
/ˈtoNbo/	[ˈtõmbu]	(tombo)
/ˈmuNdo/	[ˈmũndu]	(mundo)

Como acontece comumente em português, encontra-se uma regra de alçamento vocálico em sílabas postônicas. Esse alçamento atinge as vogais meio-fechadas

que se tornam fechadas. Em alguns itens lexicais, encontra-se, às vezes, um alçamento em sílaba tônica, da vogal posterior meio-fechada.

Exemplo:

/ˈkomo/ [ˈkomo] [ˈkumu] (como)

Os falantes de português costumam substituir a qualidade vocálica do [a], quando se acrescenta o timbre nasal. Esta vogal, que ocorre oralmente como uma vogal anterior aberta (ou baixa), passa a ter a qualidade vocálica de uma vogal central meio-aberta [ɜ] e nasalizada.

Como tal regra de centralização do [a] não ocorre em italiano (Frosi e Mioranza, 1983: 339), é comum ouvir na pronúncia do português por descendentes de italianos a não mudança de timbre da vogal [a] quando nasalizada. Na pronúncia da comunidade tiroleza-trentina também não se aplica a regra de centralização do [a] quando nasalizado.

Exemplos:

/ˈbaŋko/ [ˈbãŋ ko] (banco)
/taˈmaŋko/ [taˈmãŋ ko] (tamanco)

Outra característica da pronúncia da variedade *misturada* é a realização alofônica do ditongo nasal /auŋ/ com o alofone [õ], em vez do ditongo nasalizado [ɜu]. Este fato, certamente, revela uma influência das regras fonológicas do dialeto trentino na pronúncia da variedade *misturada*.

Exemplos:

/koraˈsauŋ/ [koraˈsõ] (coração)
/ˈpauŋ/ [ˈpõ] (pão)
/boˈtauŋ/ [boˈtõ] (botão)

A redução do ditongo /auN/, quando átono, realizando-se como uma vogal posterior fechada (nasalizada ou não), é uma regra comum das falas estigmatizadas do português do Brasil e acontece comumente na comunidade tiroleesa-trentina de Piracicaba.

Exemplos:

/rou'baruN/	[rou'baru]	(roubaram)
/a'ʃarauN/	[a'ʃaru]	(acharam)

CAPÍTULO 5

A LINGUAGEM DA COMUNIDADE TIROLESA-TRENTINA DE PIRACICABA

Nos capítulos anteriores, foi apresentada uma visão geral da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, destacando sua formação e história. Foram apresentados também pequenos resumos dos sistemas fonológicos do dialeto trentino e caipira, considerados básicos e formadores da variedade lingüística usada pela comunidade. Além disto, já no capítulo 1, foram formuladas uma série de perguntas cujas respostas constituíram o objeto da presente pesquisa. Algumas delas já foram respondidas em capítulos anteriores. Neste capítulo, será dada atenção especial aos aspectos fonológicos da variedade lingüística em uso pela comunidade. Deste modo, pretende-se contribuir um pouco para a descrição da linguagem da comunidade.

Além de apresentar o sistema fonológico da fala da comunidade, procurar-se-á trazer informações a respeito de alguns tópicos como a definição da variedade que as crianças adquirem atualmente, as diferenças entre gerações e até entre a fala de Santa Olímpia e Santana. Deste modo, pretende-se definir a situação de bilingüismo e algumas variáveis sociolingüísticas que determinam os usos da linguagem na comunidade. Finalmente, será considerada a perspectiva futura da atual situação lingüística naquela comunidade.

5.1. Algumas características da variedade adquirida pelas crianças

A geração mais nova - ou 5ª geração - é formada pelas pessoas com menos de vinte anos. São os que estão mais em contacto com os mais velhos. Moram, estudam e trabalham nas fazendas. Geralmente, as crianças menores não trabalham. Vivem a vida da comunidade mais intensamente, sobretudo, convivem com os velhos. Esta convivência com os velhos é mais fechada dentro da comunidade, lhes permite adquirir uma variedade de fala que é usada quer na

comunicação com os mais velhos, quer com os pais e com os da mesma geração. As crianças, em geral, ficam obrigadas a mudar de registro a todo instante, dependendo do interlocutor. Com os velhos bilingues propriamente ditos, precisam interagir simpaticamente participando de um contexto de fala próprio dos velhos. Com os amigos da mesma idade, há outras opções, inclusive o uso escolar do português padrão.

A 4ª geração, constituída dos pais destas pessoas, como vimos antes, num determinado momento (de 1960 a 1980), decidiu deixar de lado o dialeto trentino e tentar usar exclusivamente o português. Foram os membros da comunidade que sofreram uma influência mais forte neste sentido a partir da ação da escola na comunidade. Assim, estas duas gerações, já não podem mais ser consideradas falantes do dialeto trentino, mas apenas usuários sobretudo de um pequeno léxico trentino, incorporado numa linguagem portuguesa.

-A título de ilustração, citaremos alguns exemplos a seguir mostrando o que se disse acima. Numa redação livre, um aluno da 8ª série, com 13 anos, em 1987, escrevia o seguinte:

"Madónega, que ghetto fazé tuda a lição, dona. Magari non consiga".

(isto é, "Nossa Senhora, que chato fazer toda a lição, professora. Talvez eu não consiga".

Na verdade, é muito comum, dentro da comunidade, ouvir palavras do dialeto trentino, ou do português modificadas para se parecerem com palavras italianas, em frases da língua portuguesa faladas por todas as gerações. Este é um uso da linguagem que une mais intimamente as gerações mais antigas com as mais novas, fazendo uma espécie de fala comum a todas as gerações. Assim como para os mais novos, a linguagem dos mais velhos é uma concessão, para os mais velhos, este modo *misturado* de falar é uma concessão para serem simpáticos linguisticamente com os mais novos. Curiosamente, para os mais novos, este modo de falar *misturado* é a variedade típica da comunidade que adquirem como falantes nativos, além, do português padrão que estudam na escola.

Esta situação fica reforçada com a volta mais consciente e intensa dos antigos costumes e tradições, como vimos antes. Com o fato de a comunidade assumir sua identidade de maneira mais consciente, tradições que estavam se

perdendo voltaram a ter grande importância e entre elas, deve-se colocar o cuidado com a linguagem.

Depois do uso de vocábulos *diferentes* em meio ao português que falam, um outro traço muito marcante, saliente e forte na fala *misturada*, é o uso da vibrante simples (isto é, o tepe) em lugar da múltipla. Essa é uma marca do dialeto trentino com relação ao italiano e foi transportada para o português, uma vez que o português tinha, como o italiano, uma oposição entre as duas formas de R - que, assim, ficou neutralizada.

Exemplos: /karosa/ em vez de /kaxosa/
 /rato/ em vez de /xata/

É bom lembrar que a variedade de português em uso na comunidade é o dialeto caipira da região (além do conhecimento da norma culta - dialeto paulista - através da escola). No dialeto caipira também ocorre freqüentemente a neutralização dos Rs, mas em favor de um alofone retroflexo. Portanto, a comunidade tinha dois motivos para usar a neutralização dos Rs. A escolha do alofone, porém, veio marcar a fala da comunidade como diferente da fala da região.

Como na fala ocorre a neutralização, no início dos estudos (e às vezes até mais tarde), os alunos costumam fazer muita confusão na escrita, trocando a grafia de R por RR e vice-versa.

Exemplo: "... olhou para tras do murro, e vio aque belo ..."
 (Aluno da 7ª série, 1988).

Uma outra marca saliente que distingue a fala da comunidade tirolesa da variedade usada na região é a maneira como falam o ditongo nasal [ãw] do português. Na fala da maioria das crianças (e demais membros) em lugar do alofone [ãw], ocorre a realização de uma vogal posterior meio-baixa arredondada e nasalizada, ou seja, [õ]. Tem-se observado que quando uma pessoa quer imitar a fala de um imigrante italiano, entre outras coisas, usa o alofone [õ] em lugar do [ãw] do português. O motivo para isto vem da fala dos imigrantes, como acontece na comunidade tirolesa.

Exemplos: [no] em vez de [nãw] (não)
 [entõ] em vez de [entãw] (então)

Já menos saliente, mas ainda com certo destaque, encontra-se na fala da comunidade o uso de uma vogal baixa, levemente anteriorizada e nasalizada, em lugar de uma vogal meio-baixa, centralizada e nasalizada, típica do português. Ou seja, na fala da comunidade, não ocorre o fenômeno de centralização da vogal baixa nasal do português. Este também é um traço usado para caricaturizar a fala de imigrantes.

Exemplos: [bãŋ ko] em vez de [bãŋ ku] (banco)
 [tãntõ] em vez de [tãntu] (tanto)

Estes são os traços mais salientes que marcam a fala portuguesa da comunidade, como sendo diferente da variedade em uso na região. Fora o vocabulário típico do dialeto trentino, os traços fonológicos, de certo modo, são comuns a todas as falas *misturadas* típicas de imigrantes italianos.

5.2. O dialeto caipira com influência do dialeto trentino

Como foi dito anteriormente, deve-se reconhecer que há diferentes variedades lingüísticas na comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, dependendo da geração a que pertence o indivíduo. Por um lado, tem-se uma situação de bilinguismo (italiano trentino e português caipira) na primeira e segunda geração; na terceira e quarta gerações o dialeto caipira prevalece sobre o trentino, mas importa deste um grande número de expressões e vocábulos. A convivência das duas variedades acabou formando uma terceira, bem típica da quinta geração em que ocorre uma *mistura*, como se disse antes. Esta mistura significa que falam o português com sotaque caipira modificado com algumas regras próprias, como nos exemplos apontados no item anterior. É preciso notar ainda que, às vezes, encontram-se pessoas que tendem a ter uma fala mais sobrecarregada de elementos trentinos ou menos, dependendo da situação de uso e do interlocutor. Em conversa com os mais velhos, nota-se um

aumento no uso de elementos trentinos na fala, ao passo que numa conversa com estranhos, há uma certa contenção. Somente uma pesquisa muito minuciosa poderia estabelecer com precisão os graus de variação que são apontados aqui apenas como um indicador sociolinguístico controlando o uso da variação da fala.

Convém lembrar mais uma vez que a variedade do dialeto trentino que é encontrada na fala da comunidade de Piracicaba remonta à fala do final do século passado dos imigrantes que vieram para o Brasil. Nestas ocasiões costuma-se notar que acontece uma espécie de fossilização, mostrando depois de bastante tempo (um século, no caso) formas arcaicas, quando comparadas com a situação atual do dialeto de origem. Este fato tem perturbado um pouco a situação de alguns membros da comunidade que têm tido a oportunidade de voltar a estudar o italiano e até de estar em contacto direto com a comunidade italiana de origem, através de promoções feitas pelo *Circolo Trentino*. Eles já não sabem se a fala dos antigos é melhor ou não do que a fala dos atuais trentinos italianos. Fato semelhante tem sido registrado no caso da imigração japonesa. O japonês falado por imigrantes que vieram para o Brasil no fim do século passado soa como arcaico aos ouvidos dos atuais falantes do Japão.

O próprio dialeto caipira tem se modificado ao longo dos tempos - como é natural. A cidade de Piracicaba cresceu muito em pouco tempo e a situação lingüística atual já não atribui ao dialeto caipira a tranquilidade de uso que tinha antigamente, passando a ser considerado mais estigmatizado do que antes. Esta situação se complicou ainda mais com a imensa influência atual dos meios de comunicação. A própria cultura caipira virou *country*, a modinha caipira virou música sertaneja e a vida já não é mais a mesma.

Nisto tudo, a escola tem uma influência grande que só é minimizada pela volta consciente às tradições e costumes que passaram a prestigiar a comunidade como sendo algo até certo ponto *exótico*. À medida que mais pessoas levam seus estudos até o Segundo e Terceiro Graus, o uso do dialeto caipira vai cedendo lugar a uma variedade de prestígio do dialeto paulista, mesmo dentro da comunidade.

Parece que a tendência futura será não ter mais falantes bilingues, mas apenas falantes que usam - quando acharem conveniente - aquela variedade misturada de trentino com caipira que lhes deu o prestígio de serem

diferentes.

5.3. Diversidade de uso das variantes nas diferentes gerações.

Como se observou antes, para se ter um retrato fiel do uso das variantes nas diferentes gerações seria preciso conduzir uma pesquisa quantitativa e em larga escala, que ainda não foi feita. Algumas observações abaixo, no entanto, além de contribuir para a formação deste quadro, pode servir de ponto de partida para uma pesquisa futura quantitativa.

Os exemplos abaixo referem-se apenas ao que acontece com o português falado pelos membros da comunidade e não contempla a maneira como é falado o dialeto trentino pelos antigos, quais as variantes que apresenta internamente e com relação ao estágio atual deste dialeto do italiano. Esta é uma outra pesquisa interessante que se deveria fazer.

5.3.1. Uso do tepe alveodental

Nas três primeiras gerações, ocorre de maneira sistemática a neutralização da oposição entre o R forte e fraco do português. Esta neutralização também é encontrada na quarta e quinta geração, porém, como forma opcional, uma vez que encontra-se também o uso da fricativa velar surda como alofone do R forte.

[karosa]

[kaxosa]

(carroça)

Como se viu, este fato tem influência quer do dialeto trentino, quer do caipira.

5.3.2. Uso das fricativas palatoalveolares

Na fala das pessoas das três primeiras gerações ocorre a realização de

alofones fricativos palatoalveolares [ʃ e ʒ] em contextos de palavras em que o português usa apenas as fricativas alveolares [s e z] como alofones. Já nas quarta e quinta gerações não se encontra mais as formas palatoalveolares nestes contextos.

[ʃalõ] [salõ] (salão)

A regra que usa o alofone palatoalveolar é, sem dúvida, uma influência do dialeto trentino na fala do português.

5.3.3. Uso do monotongo [õ] em lugar do ditongo nasal [ãu].

A realização-com a forma do monotongo [õ] em vez do ditongo nasal [ãu] em palavras do português ocorre na fala de todas as gerações. Nas três primeiras como uma regra obrigatório, nas duas últimas como uma regra opcional que varia com o uso do ditongo nasal [ãu].

[korasõ] [korasãu] (coração)

O uso desta regra de alofonia deve-se, certamente, à influência do sistema fonológico do trentino agindo sobre a fala do português.

5.3.4. Vocalização da lateral palatal

Embora este seja um traço bem evidente da fala da comunidade, representa, na verdade, uma regra de variação alofônica encontrada em muitos dialetos do português. É uma marca típica do dialeto caipira. Nesta regra, a lateral palatal realiza-se como uma vogal anterior alta ou levemente mais baixa e centralizada que acaba formando o glide de um ditongo a vogal precedente. Tal regra provoca uma reestrutura do esquema silábico das palavras, criando após o ditongo recém-formado uma sílaba iniciada por vogal. Em todas as gerações, encontra-se também a realização de uma lateral alveodental seguida de um ditongo crescente formada com um glide com qualidade

vocálica de uma vogal anterior e alta como descrita acima. Esta regra também é encontrada em muitas variedades do português.

[a-gui-a] [a-gu-lia] [a-gu-**λ**a] (agulha)

Todas as gerações usam a forma vocalizada e a que tem a lateral alveodental. Porém, na quarta e quinta gerações, encontra-se também a lateral palatal.

5.3.5. A não centralização da vogal baixa nasal

Em português, quando a vogal baixa [a] se nasaliza, muda sua qualidade, tornando-se uma vogal baixa (mais precisamente, vogal meio-baixa), porém, central [ɐ̃]. Isto ocorre também no dialeto caipira. Todavia, na fala da comunidade tirolesa-trentina, é típica a ocorrência de uma vogal [a] mais uma consoante nasal em vez da nasalização e centralização do [a]. Esta regra de alofonia, por ser muito diferente das regras do português, chama muito a atenção, mesmo porque o português tem muitas palavras em que ocorre o contexto de aplicação desta regra.

[tamaŋ ko] [tam **ɐ̃**ŋ ko] (tamanco)

Esta regra provém da influência do dialeto italiano sobre o português. Aqui também nota-se que a forma italiana ocorre tipicamente nas três primeiras gerações, mas ocorre como variante opcional nas quarta e quinta gerações.

5.3.6. Alçamento vocálico opcional

Alguns dialetos do sul do Brasil, por exemplo, não costumam usar uma regra de alçamento vocálico que torna as vogais meio-altas [e, o] em vogais altas [i, u] quando em posição postônica, sobretudo se final de palavra. Mas, muitos dialetos do Brasil usam esta regra. No dialeto paulista e no dialeto caipira tal regra ocorre. Porém, na fala da comunidade, por influência do dialeto italiano, nem sempre se vê aplicada a regra de alçamento vocálico, o

que contribui para diferenciar o português falado por eles da variedade falada na região. O não uso da regra é mais típico nas três primeiras gerações.

[tomate]	[tomati]	(tomate)
[mato]	[matu]	(mato)

Talvez por influência desta regra de alofonia, a realização monotongada do ditongo [ou] soe aos ouvidos das pessoas de fora da comunidade como sendo muito marcada. Ou seja, nas três primeiras gerações o uso da forma monotongada em vez do ditongo [ou] é uma regra obrigatória e a fala imprime uma duração longa demais aos ouvidos das pessoas de fora da comunidade. Lembra um pouco a distinção de vogais longas e breves do italiano, embora, em português, não haja contexto fonológico para sua aplicação. Na quarta e quinta gerações, esta característica está bastante reduzida e a ocorrência opcional do monotongo e do ditongo acontece como nos dialetos do português da região.

Estes são alguns fatos mais notáveis, salientes e, às vezes, peculiares que se pode observar na fala da comunidade, vistos de acordo com a geração a que pertence o falante. De um modo geral, como se viu, as três primeiras gerações se diferem das duas últimas. Alguns fatos são exclusivos e outros são compartilhados por estes dois grupos.

5.4. Uso de variantes em diferentes situações sociais

Os falantes das três primeiras gerações podem ser considerados bilíngues, tendo o trentino e o dialeto caipira como línguas maternas. Isto os leva a usar muito frequentemente o dialeto trentino dentro da comunidade. As duas outras gerações têm apenas o português como língua materna e, portanto, tem o dialeto trentino como uma língua aprendida na vida da comunidade, que usam mais para entender os mais velhos do que para falarem.

O dialeto trentino ainda é encontrado em uso no dia-a-dia da comunidade por causa da presença dos velhos. Ocorre muito dentro de casa (como era de se esperar), nas festas das igrejas de Santa Olímpia e de Santana, no jogo de boche e nos bares da comunidade. Fora da comunidade, não falam o dialeto

trentino, mas, dependendo da geração, um português mais ou menos *misturado*.

A escola privilegia o português. Houve uma tentativa de ensinar italiano, mas não deu certo, porque o italiano padrão, obviamente, não é a mesma coisa que o dialeto trentino. A comunidade gostaria de resgatar o dialeto trentino, se possível fazendo das novas gerações falantes nativos e não italiano padrão. Como já vimos antes, apesar da atitude da escola, através das redações e da leitura, encontra-se farto material de erros que revelam traços típicos da fala da comunidade.

A permanência do dialeto caipira como variedade do português em uso na comunidade deve-se ao fato de a comunidade desenvolver uma intensa atividade rural numa região em que se fala o dialeto caipira sobretudo na zona rural. Contribui também para isto o fato de muitas pessoas da comunidade terem que trabalhar fora, na zona rural e urbana, entrando em contacto com pessoas que são falantes do dialeto caipira. Estas pessoas, como as demais da região, seguem a evolução natural do dialeto caipira e falam como qualquer outra pessoa da região.

Como a comunidade tem produzido textos no dialeto trentino ou numa variedade do português usada tipicamente pela comunidade, muitos têm acesso a este material, que leem e comentam. O fato de estar escrito, ou seja documentado, imprime um valor à variedade lingüística que passa a ser vista como um modelo. Coisas esquecidas são lembradas desta forma, e isto contribui para a manutenção das formas lingüísticas exóticas da comunidade. Embora não se tenha feito nenhuma pesquisa séria a respeito, a variedade do dialeto trentino que aparece nestas obras, certamente, devem trazer traços peculiares, como formas arcaicas mencionadas anteriormente.

5.5. Respondendo às perguntas iniciais do estudo

Os fatos apresentados até agora e comentários feitos mostram um quadro da situação lingüística - e particularmente da situação fonológica - da fala da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba. Estes dados foram coletados tem em vista algumas perguntas feitas no início dos trabalhos e apresentadas no capítulo 1. Agora, está na hora de formular algumas respostas.

5.5.1. Há uma situação de bilinguismo?

Para responder a esta pergunta é preciso distinguir o comportamento lingüístico dos membros da comunidade divididos em gerações, como fizemos. A primeira e a segunda gerações são falantes bilingues típicos do dialeto trentino do italiano e do dialeto caipira do português. Já na terceira geração, o bilinguismo parece ser também uma realidade inicial da vida das pessoas, mas que aos poucos foi cedendo lugar para o português e uma forma misturada de português com italiano que vinha se formando deste a primeira geração. A quarta e quinta gerações já não é mais formada por bilingues, como as três primeiras. O dialeto trentino é usado para entender os mais velhos e não mais para ser falado. Funciona como uma espécie de língua estrangeira. Para estes falantes, o português é a língua nativa. — —

Não é raro encontrar numa conversa uma *mudança de código* em que os interlocutores usam ora uma língua, ora outra (trentino ou português), ou ora uma variedade, ora outra (variedade *misturada*, português caipira ou norma culta do português da região). A mudança de código é espontânea e ocorre sem modificações especiais no desenrolar do discurso, como pausas especiais, mudança de entoação, etc. Esta mudança de código costuma acontecer quando os interlocutores pertencem a gerações diferentes.

A comunidade se serve, às vezes, do fato de dominar duas línguas, ou de usar uma variedade de português carregada de expressões desconhecidas das demais pessoas (léxico trentino) como estratégia comunicativa, com o objetivo de isolar da interação lingüística pessoa de fora da comunidade. Para os de fora, a conversa passa a ser estranha e incompreensível. Tal atitude, às vezes, revela apenas uma forma de exibicionismo, sobretudo nas festas, ocasião em que aparecem muitas pessoas de fora nos festejos da comunidade. De acordo com depoimentos, este modo de falar que isolava as pessoas de fora nas conversas dos membros da comunidade foi muito estigmatizado na época das primeiras gerações, contribuindo para um isolamento da comunidade — que talvez fosse o que ela queria, e, sem dúvida, tornando-a antipática aos vizinhos.

Com relação à situação de bilinguismo, segundo depoimento das pessoas, até a década de 60, só se falava o dialeto trentino na comunidade. Esta

situação mudou porque no final dessa década, os professores da escola obrigaram os alunos a falar apenas português, mesmo fora da escola, achando que o dialeto trentino interferia na aprendizagem da língua portuguesa, atrapalhando os estudos dos alunos. Esta é uma atitude preconceituosa desses professores que não sabiam ensinar uma língua sem destruir uma outra. Além disto, trouxe o complexo de culpa, fazendo os alunos se sentirem menores porque falavam uma variedade estigmatizada pela sociedade. A autoridade da escola foi muito forte e mudou a vida da comunidade.

5.5.2. Quais os traços fonológicos mais diferenciadores da variedade de português usada pela comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba?

Deixando de lado o dialeto trentino propriamente dito e o português falado à moda das pessoas da região, a fala da comunidade tirolesa-trentina apresenta características próprias, sobretudo fonológicas, que chamam a atenção de quem vem de fora. A primeira impressão que se tem é que se está diante de uma língua estrangeira, às vezes. Isto acontece quando o discurso vem muito sobrecarregado de itens lexicais oriundos do dialeto trentino e, portanto, desconhecidos dos falantes do português. Aos poucos, reconhece-se que se trata de português, mas de um português com alguns traços peculiares. Como vimos acima, os traços mais salientes neste sentido de diferenciar a variedade de português da comunidade da falada na região são oriundos de regras encontradas no sistema fonológico do dialeto trentino com correspondência ou não no italiano padrão. Mais do que um conjunto grande de regras diferentes, o que chama a atenção é o fato de as regras alofônicas atuantes nesta variedade atingirem um número grande de palavras da língua, as quais têm um contexto favorável à aplicação destas regras. Por exemplo, há duas regras que apresentam alofones diferentes para a ocorrência da vogal baixa nasalizada e para o ditongo [ãu]. Em português, estes dois contextos ocorrem com muita frequência e, portanto, tornam a regra muito saliente na fala.

Em resumo, os traços fonológicos mais salientes na fala *misturada* da comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba são:

a). Uso exclusivo do tepe alveodental, neutralizando a oposição entre R forte e R fraco.

b). Uso das fricativas palatoalveolares como alofones das fricativas alveolares em início de sílaba.

c). Uso do monotongo nasalizado [ɔ̃] como alofone de /auN/ em substituição ao alofone [ãu], mesmo em sílaba tônica.

d). Vocalização da lateral palatal, regra que é comum a vários dialetos do Brasil. Trata-se de uma forma estigmatizada pela sociedade em geral, revelando fala de pessoas sem escolaridade ou "caipiras".

e). A não centralização da vogal /a/ quando ocorre em contexto de nasalização /aN/, mesmo que esteja em sílaba tônica - contexto em que a centralização é obrigatória no português.

f). Alçamento vocálico opcional das vogais meio-altas /e, o/. Embora tal regra ocorra em alguns dialetos do português do Brasil (dialetos do Sul), tal regra no contexto do português da região de Piracicaba soa estranho. Neste caso, esta regra mostra uma influência da língua italiana sobre o português.

Como a variedade de português neste caso é o dialeto caipira sobre o qual ocorrem algumas modificações como as apontadas acima, na fala da comunidade tirolesa-trentina encontram-se outros traços fonológicos que podem parecer diferentes aos falantes de outras variedades do português. É bom notar que o dialeto caipira por ser uma variedade estigmatizada pela sociedade em geral compartilha de alguns traços comuns a outros dialetos estigmatizados. Por exemplo, a não ocorrência da marca de plural em algumas palavras, como em "viemu" em vez de "viemos"; a queda da nasalização e a redução de ditongos em formas como "acharu", "viage" em lugar de "acharam", "viagem", ou ainda o alçamento de vogais meio-altas em sílaba tônica, em certas palavras do tipo "cumu" em vez de "como", etc.

Uma visão resumida e mais abrangente dos sistemas fonológicos contemplados nos comentários pode ser vista no capítulo 4 desta tese.

5.5.3. Há interferências de um dialeto em outro?

Com relação a uma possível influência do português no dialeto trentino,

na atual pesquisa, não é possível fazer nenhuma afirmação, uma vez que não foi feito nenhum estudo neste sentido. É possível que tenha havido algum tipo de influência sobretudo na fonologia e no léxico, espelhando aquilo que aconteceu com o português com relação ao dialeto trentino.

Com relação ao português, como já se disse antes, nota-se uma influência clara, principalmente na fonologia e no léxico. Outras influências, como a do dialeto caipira na variedade padrão e vice-versa, acontece o que comumente se costuma encontrar nestas ocasiões. A sociolinguística tem mostrado muito bem este tipo de interferência de uma variedade em outra através de estudos elaborados da variação linguística. Para os objetivos desta tese, tal estudo não tem muito interesse, podendo ser contemplado em pesquisas futuras.

Anteriormente, já se mostrou alguns fatos que revelam interferências de um dialeto em outro na fala da comunidade. A seguir, serão apresentados, a título de ilustração, alguns dados lexicais e sintáticos, como informações preliminares para um pesquisa mais elaborada nestas áreas.

Um traço característico é o uso do pronome reflexivo em situações estranhas ao português, mas comum nos dialetos italianos. Este uso é, às vezes, usado para caricaturizar a fala italiana de emigrantes.

Exemplo: "Dona, hoje eu me consigo a tirar um dez na prova"
(aluno da 6ª série, 1987)

Uma outra marca de origem italiana em geral vem com um problema de regência, como no exemplo abaixo:

Exemplo: "Amanhã non venho na escola, porque vou do médico"
(fala de aluno)

Em italiano se diz "Io sono andato dal medico" e no dialeto trentino, "vago dal medico", mas em português se diz "vou ao médico". Nota-se também na fala da comunidade que raramente aparece a preposição "de" sem a contração com os artigos definidos (o, a), mesmo quando se esperaria tal ocorrência. Tal uso pode ser atribuído ao fato de se ter como preposição "de" no dialeto trentino a palavra "dal", ou seja, interpretaram o português "da" como uma forma não contraída de preposição mais artigo, mas de preposição simples.

Ainda se nota na fala da comunidade que, às vezes, alguns falantes aplicam ao português uma regra semelhante à do italiano na formação de plural, trocando a vogal final da palavra por [i], ou simplesmente acrescentando a vogal [i]. Veja alguns exemplos abaixo:

Exemplos:	[kazai]	em vez de	"casas"
	[biki]	em vez de	"bicos"
	[mei]	em vez de	"meses"

Algumas palavras trentinas são usadas sistematicamente em lugar das correspondentes portuguesas, como "magari" (de difícil tradução, significando, em geral, algo contraditório, diferente, surpreendente, etc.), "laica" - que significa "preguiça", etc.

Exemplos: "Magari, por favor"
(fala de aluno da 7ª série, 1987)

"Hoje em dia eles têm laica..."
(fala de aluno)

5.5.4. Variantes sociolingüísticas que atuam na fala da comunidade

Como vimos nos comentários feitos até aqui, há várias variáveis de formação que caracterizam a fala da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba como tal. As duas variáveis mais importantes são: o fator geracional - que divide a comunidade em cinco gerações dos nascidos no Brasil, e o fator geográfico de origem, mostrando que os membros da comunidade de Santa Olímpia vieram de uma região do Trento (Romagnano) e os membros de Santana vieram de outra região (Cortezano). Neste último caso, a questão lingüística ficou menos influenciada pelas diferenças do que outros aspectos da cultura e da vida da comunidade.

Nas últimas décadas, a variável escolaridade tem tido uma importância cada vez maior, como já se comentou antes. As três primeiras gerações não puderam estudar além das primeiras séries. As duas últimas conseguem chegar à

faculdade, embora o mais comum seja completar o I Grau apenas.

Variáveis do tipo sócio-econômicas não se mostraram relevantes na atual pesquisa. A variável sexo só tem importância pelo fato de as crianças adquirem a linguagem em maior contacto com as mães, as quais, por sua vez, costumam usar em casa a fala *misturada*, típica da comunidade.

O dialeto trentino tem como domínio apenas as situações mais particulares e em conversas mais íntimas da vida da comunidade. Em outras ocasiões, o domínio é do português (*misturado* ou não), como a igreja, a escola, o trabalho, lugares públicos, etc.

Nota-se - como não podia deixar de ser - que há variações (até de mudança de código) no uso da linguagem em situação formal e informal.

Uma característica da linguagem da comunidade (encontrada também entre outros imigrantes italianos), é um uso comum de palavras de baixo calão (palavrões), em situações sociais em que não se esperariam tais palavras como, por exemplo, em redações escolares. Alguns destes palavrões nada mais são do que blasfêmias, costume que como é sabido foi duramente combatido por Mussolini na Itália.

Exemplos: can de l'ostrega, ostiaria, ostione, ostiamenta,
osticiete (referências à hóstia sagrada)
zio turco (referência ao "deus turco")
porco cane, porco bestia, porccone, porco turco,
porco pret, (xingamentos)
io cane (usado em substituição a "dio cane")

A questão do uso dos palavrões e de xingamentos numa comunidade extremamente religiosa é um fato curioso que mereceria uma pesquisa específica.

5.5.5. A Fala de Santa Olímpia é diferente da fala de Santana?

Como vimos, a comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba é formada por duas fazendas vizinhas ou bairros: Santa Olímpia e Santana. Os imigrantes que

formaram estas fazendas vieram do antigo Tirol austriaco, ou seja, da região do Trento (atual Itália). Entretanto, as famílias de Santa Olímpia vieram da região de Romagnano e as de Santana da região de Cortezano. Estas duas regiões integravam o Tirol ou o Trento, mas tinham pequenas diferenças entre si, inclusive do ponto de vista do uso de variantes lingüísticas. Esta é a razão pela qual se observa que os falantes das duas fazendas se distinguem às vezes, quer pelo uso exclusivo de certos termos, quer pelo uso de alguns traços fonológicos peculiares. Como o sentimento de raiz, de origem é muito forte neste tipo de comunidade, as diferenças por menores que sejam entre um grupo e outro são preservadas como formas de definir melhor a própria identidade. A lembrança dos "nonnos" mantém estas diferenças atuantes o mais possível. Portanto, as diferenças lingüísticas mais notáveis são encontradas naqueles elementos que lembram mais de perto as variantes do dialeto trentino de origem. Por exemplo, em alguns itens lexicais trentinos, nota-se que em Santa Olímpia ocorre o uso de uma fricativa palatoalveolar ou alveolar, ao passo que o mesmo item é falado com uma africada pelos membros do bairro de Santana. Em outros casos, ocorre uma fricativa alveolar surda na fala de Santa Olímpia, mas uma fricativa palatoalveolar na fala de Santana.

Exemplos:

Santa Olímpia	[ʒo]	[zo]	("arrumar cozinha")
	[laveʒɔti]	[lavezɔti]	("caldeirão pequeno")
	[vaska]		("tanque de roupa")
Santana	[dʒo]		("arrumar cozinha")
	[lavedʒɔti]		("caldeirão pequeno")
	[vaʃka]		("tanque de roupa")

Uma outra observação digna de nota refere-se ao fato de os membros de Santa Olímpia terem interagido há mais tempo e em maior intensidade com a comunidade vizinha, sobretudo urbana e ter, além disto, procurado atingir graus mais elevados de escolaridade. Santana procurou ficar mais fechada em si, dedicando-se quase exclusivamente à vida agrícola dentro da fazenda. Em razão disto, nota-se que a variedade de português usada pelos membros de Santa Olímpia apresenta diferenças com relação aos de Santana. A escolaridade marca

bem a diferença em alguns casos, sobretudo quando se trata de um uso da língua portuguesa em conversas com pessoas de fora da comunidade. Poder-se-ia dizer que, de certo modo, encontra-se um uso mais freqüente da norma culta regional do português entre falantes de Santa Olímpia do que entre os falantes de Santana. Neste segundo caso, o dialeto caipira da região prevalece.

5.5.6. A fala da comunidade mudou historicamente?

A resposta a esta pergunta é sim, como vimos no exposta anteriormente. Os imigrantes vieram com duas variedades do dialeto trentino: a de Cortezano e a de Romagnano. Aqui começaram a aprender o português caipira rural. No começo se fecharam, tendo o português apenas como uma língua "estrangeira" para contacto com a comunidade externa. Com o tempo, as crianças passaram a ser bilingues: falavam o dialeto trentino e o português. A partir de então, começa a se formar uma variedade de português, a que chamamos de *misturada*, formada basicamente pelo português, com influências do dialeto trentino (sobretudo, do léxico e de alguns traços fonológicos). Finalmente, com a escolaridade, surge na comunidade o uso de uma outra variedade de português, representada pela norma culta padrão da região (dialeto paulista atual).

Como já mencionamos várias vezes antes, não foi possível investigar o grau de variação que o dialeto trentino sofreu nestes cem anos de vida isolada na comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba.

5.5.7. O futuro da atual situação lingüística

Dada a história e a situação lingüística atual, a tendência seria dizer que a comunidade, com a morte dos velhos, acabará falando apenas o português, deixando de lado, aos poucos, não só os traços fonológicos incorporados na variedade *misturada*, como também os itens lexicais trentinos. Este parece ser o futuro mais lógico do desenrolar dos fatos. Mas, na verdade, não é tão predizível assim.

Após um movimento de ruptura com as tradições e forma lingüísticas dos

antigos, acontecida com os membros da terceira e quarta gerações, começou recentemente um movimento oposto de resgate das tradições, usos e costumes, incluindo aí a questão lingüística. Com os festejos do centenário da imigração, este sentimento de resgate tornou-se ainda mais forte. Muito tem contribuído para isto também a ação do Circolo Trentino de Piracicaba, formado e orientado pela sede central na Itália. O Circolo Trentino, situado em Santana possui uma biblioteca com mais de quinhentos livros escritos na língua italiana, adquiridos recentemente. Em fevereiro de 1994, o Rotary de Trento enviou a Santa Olímpia, como presente do centenário de fundação do bairro, cento e trinta toneladas de livros italianos, para a formação de uma biblioteca que incentivasse os descendentes dos imigrantes a manter viva a língua italiana, bem como os costumes e usos. A própria escola, localizada na divisa das duas fazendas, recebeu da Itália, em 1992, uma coleção de livros italianos que despertou grande interesse nos alunos do I Grau.

Além dos livros, a comunidade tem recebido filmes e revistas da Itália através da ação do Circolo Trentino Nel Mondo, com sede em Trento. Esta organização tem procurado manter as comunidades de imigrantes trentinos do mundo unidas através de revistas, informações, livros e até patrocinando viagem de visita à terra de origem.

Esta nova situação que está acontecendo agora pode ser um fator que faça com que o dialeto trentino continue firme e forte para muitos membros mais jovens da comunidade. Não é de se admirar se o bilingüismo volte a ser encontrado na fala de muitas pessoas das novas gerações.

5.5.8. O rumo de futuras pesquisas

Esta tese representa um estudo preliminar da linguagem da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, privilegiando os aspectos fonológicos mais salientes. Trata-se de uma pesquisa fruto da observação e interpretação de dados, além da busca de informações relevantes na literatura pertinente, principalmente com relação à história.

Uma situação como a que se encontrou presta-se a um trabalho de pesquisa sociolingüístico mais sofisticado, do tipo quantitativo. Foi possível, num primeiro momento, desvendar um pouco a complexidade lingüística da fala da

comunidade, mas somente um estudo em profundidade poderia definir melhor os detalhes.

Mesmo no campo fonológico há muito o que pesquisar, como a definição de uso das variantes encontradas em função de parâmetros sociolingüísticos tratados com maior rigor. Além da fonologia, outras áreas da gramática estão abertas, esperando por pesquisadores. De todas, talvez a morfologia encontre na linguagem da comunidade um campo fértil para pesquisa e análise lingüística.

O presente trabalho acabou privilegiando a fala *misturada*. Portanto, as outras variantes lingüísticas, quer do português, quer do italiano permanecem aguardando estudos futuros.

Um outro aspecto interessante seria um estudo de depoimentos da memória cultural e lingüística dos membros mais velhos da comunidade.

Finalmente, a comunidade tem produzido um rico e vasto material escrito onde se pode encontrar elementos interessantes para a compreensão da realidade e do uso da linguagem na comunidade.

Uma comunidade deste tipo apresenta uma riqueza cultural própria, além da linguagem, mas uma preocupação com estas coisas já está fora dos domínios da Lingüística.

5.5.9. Textos escritos

Em vários momentos foi mencionado o fato de muitas pessoas da comunidade terem escrito sobre a própria história e costumes, usando o dialeto trentino, o italiano ou o português. Por outro lado, encontra-se farto material em cartas, bilhetes e mensagens, nos quais se pode ver o uso do dialeto trentino. Hoje, as pessoas já não escrevem mais no dialeto trentino e o material escrito representa documento de antigos parentes. Porém, ao lado do português padrão, há um uso comum, no dia-a-dia, da variedade *misturada* (no anexo 7, apresentam-se alguns exemplos de textos escritos por membros de todas as gerações).

Como este material é muito rico e esta tese não pretende explorar em detalhe esta questão, apresentar-se-ão a seguir apenas alguns trechos de diversos tipos de textos e de informantes para ilustrar este assunto.

- (1) Cara Morosa - Ti escribo choesta leterena per saver sitestai bene perque (corrigido para perche) me gracia al Dio estugo molte bene Voleria saver choande te Vinhe chive a me cá perche temai dit che te esteve chi 20 di allora nuriem em sim ala eseata a parlar com la maestra per veder sela mi ranjava em laoro per mi allora saria molto bene perche estarem sempre em cema che che saria Má se no la l'ol ne maridam e nom ai nostri paesi che le a Trento elavia porci troam laoro nassea che fusa a sapar le Visite del Zio Jacinto esemo ator gio la Va per far el Visit espero che tuti sia comi Dio vol chiau

(Carta de Vitti Jacinto, escrita em 19.07.1990. O autor tem 80 anos, pertence à primeira geração e mora em Santana. Faleceu em 1992).

- (2) En sabo, l'Angel, nella botega, voleva comparse gaveta. L'om che vendeva, gh'a lascia veder en casseten de taglia.

- No, no, - ho dit l'Angel - De quel fil là.

- ah!... Barbante?

- Birbante to nona! Scopia for l'Angel

- Te lascio ben naz com en pugn... porco bestia!... Per sorte gh'era li n'om che saveva en puch de italian, se no. No se sa come la averia ruada. N'altra volta ei voleva comparse formai. El brasilier ha entendù "formão" che vol dir scarpel. Come no i s'entendeva, la scomencià a lasciarghe veder altre robe.

- No, no! l'è quest, no l'è quest dizevan ei tirolesi. L'altro ntendeva:

- Não é queijo, não é queijo.

- Che vol dir proprio formai. L'è de quel li, madoma mia!

- Ma come? se dizeve:

- Não é queijo, não é queijo!

E così via con altri casi da far rider

(história verídica contada por Guilherme Vitti, 78 anos, segunda geração. Pertence ao bairro de Santana. Esta história aparece em apêndice na obra de Grosselli, 1990. Vitti publicou uma tradução em 1993).

- (3) "Des de deze ani que la oro, som estraca" (Otilia Vitti, 66 anos)
 "Som estufo de lavrar" (Hemenegildo Vitti, 66 anos)

"Mi laoro el di entrec" (Matilde Stenico Vitti, 50 anos)

"Vago passear em la cita tude el di" (Valdir Geremias Vitti, 44 anos)

(exemplos de frases escritas por membros da terceira geração)

- (4) Cara Maestra -Te escribo coesta leterena per saver se testai bene perque mi gracia al Dio estago bene. Voleria saver quando te venhi a troarne chive a Trento perque te maudit che quando te gavevi le to fene tevenhu chi 20 di allora nariem su perle montanhe e veder la nefis peque li em Brasile ma ave mai nest. e dopo nariem al lago de Garda che le posto piu bel de li Italia e dopo nariem a Verona a veder la chiesa de San Gaspere Betoni e dopo nariem a Padoa en la chiesa de San Antonio e dopo nariem em Venesa e dopo venhemm a me ca nefe vem em bel banho gisnavem begoi e tute le menstre costume em bom bucher de vint e vona not.

(carta de Marlene Vasca, escrita em 19.07.1990. A autora tinha 31 anos e pertence à quarta geração e é do bairro de Santana).

- (5) Passando nervoso e esquifo na Câmara - No dia dezesseis de agosto, fomos até a Câmara dos Vereadores resolver o projeto sobre o asfalto. O ônibus saiu as dezenove horas com um punhado de gente. Na viagem todos tchatcheravam sobre o estchase que iria sair. Chegando lá, todos entravam na bendita Câmara conversando parecendo mais um bando de baitaca. Quando começou o falatório sobre o asfalto deu uma paita! Um vereador tchatcherava e não ruava pu da dir su longa. Com muita laica, fique estufa de sentir a dir su e sai. Tava um gueto! La chapada! Tanto estchase de 9 quilômetros que os poretos dos de Santa Olímpia e Santana ganharam só 5 quilômetros. E se el vol anca! Voltamos para casa estufos, com massa fam e sono. Quem tutti quer, tutti perde. La chapada!

(redação de Fabiana e de Caroline, alunas da 8ª série do I Grau, em 18 de agosto de 1993)

- (6) O menino que tinha laica - Era uma vez, um menino que tinha muita laica. Num dia muito bonito, a mãe dele falou:
- Meu filho, vai lá em cima comprar um pacote de macarão.
 - Aí que brute vai você.
 - Vamos comigo, filho. Não seja laicão, se não eu vou ficar com brute de

ir sozinho.

- Então vamos, mãe. Só que eu estou com laica e não vou ajudar trazer as coisas.

Noi viemo embora de noite e a minha mãe falou lavar jó. Ai mãe ficou com brute pediu para a minha irmã parar de fazer bulo e mali e vir ajuda-la. (redação de Mateus Vitti, da 3ª série do I Grau, em agosto de 1993).

(7) Em la domenega Dona Maria recebeu em sua casa li só parenti. So fiola, se preparou para ajuda-la en lá cozinha. Ela lavou zo. Quando secava os ordenhi quebrou alguns plate. Sua mãe, sem ficar rabiosa disse:

- Naltra volta tome mai cuidado.

(redação de Mateus, aluno do Ciclo Básico do I Grau, em agosto de 1993)

- Como se pode observar, os textos acima ilustram um pouco a situação lingüística da comunidade tiroleza-trentina de Piracicaba, mostrando como ainda convive uma forma do dialeto trentino e uma variedade de português *misturado*. Esta é apenas uma pequena amostra de um conjunto grande de dados que foram colhidos para a realização da presente pesquisa. Os comentários feitos anteriormente ajudam a entender a situação lingüística. Estudar os textos escritos, como já se disse, seria um bom projeto de pesquisa a ser realizado futuramente.

CAPÍTULO 6

CONCLUSÕES

Esta dissertação de mestrado é o resultado de uma investigação preliminar sobre a situação lingüística da comunidade de tirolezes de Piracicaba. O interesse por esta pesquisa começou quando a autora passou a trabalhar na escola da comunidade como professora de português. A curiosidade e o desejo de melhorar o ensino de português daqueles alunos foi a motivação inicial.

Para poder realizar um trabalho melhor, a autora decidiu voltar a estudar, fazendo o curso de mestrado em lingüística, a fim de se preparar melhor para a pesquisa. Desde o começo, foram feitas anotações a respeito da fala da comunidade. A prática de produção de textos espontâneos, livres, em que os alunos podem usar livremente a linguagem do dia-a-dia para escrever o que quiserem mostrou-se uma excelente fonte de informações a respeito da linguagem da comunidade.

Posteriormente, foram feitas gravações em vídeo e em gravador comum. As informações foram se avolumando e definindo os rumos da pesquisa e da tese. Dois elementos se mostraram particularmente importantes: as características fonológicas e o léxico. Porém, para se entender melhor estes aspectos, foi preciso fazer um estudo mais abrangente, de caráter sociolingüístico, que mostrasse, em primeiro lugar, que língua ou que dialeto constituía a linguagem da comunidade.

Depois de muito investigar, descobriu-se que a situação lingüística era bastante complexa. A pesquisa mostrou que era preciso caracterizar a fala das pessoas em função da geração (idade) a que elas pertenciam. Assim, ficou-se sabendo que a primeira e segunda gerações (dos nascidos no Brasil) são constituídas por pessoas realmente bilíngues, falantes do dialeto trentino (italiano) e do dialeto caipira (português). Na terceira e quarta gerações a língua italiana começou a ficar de fora da vida das pessoas que, agora, não viviam fechadas nas fazendas, mas tinham muitos contactos e até emprego na cidade. A quinta geração vive um momento especial de resgate das tradições e

costumes da comunidade, inclusive do ponto de vista lingüístico, causado pela comemoração do centenário da imigração e de fundação do bairro.

Talvez o fato mais interessante do ponto de vista lingüístico seja o surgimento dentro da comunidade de uma variedade de português - a que chamamos de *misturada* - que se caracteriza por ter muitas palavras de origem trentina misturas nas frases do português e por ter, ainda, algumas regras particulares de realização alofônica, diferenciando, deste modo, a variedade local do português da vizinhança.

Como convivem pessoas desde a primeira geração até a quinta, encontra-se na fala da comunidade uma variedade de dialetos. Os avós falam em trentino, os pais falam o dialeto caipira e os filhos misturam as duas variedades lingüísticas. Há ainda quem sabe italiano padrão e quem sabe e usa a norma culta do português da região.

Dentro de casa, dependendo da iniciativa dos mais velhos, a fala realiza-se numa variedade ou noutra, geralmente em trentino ou na variedade *misturada*. O mesmo acontece nos diversos lugares e eventos que acontecem dentro da comunidade. Com relação ao mundo exterior, prevalece o uso do português, quase sempre na variedade caipira da região. O dialeto trentino e a variedade *misturada* são usados, às vezes, para fazer com que pessoas estranhas à comunidade não entendam o que está sendo falado.

O modo de falar trentino é visto pelos falantes da região com certo desprezo, como fala de pessoas que querem se exibir. O uso do dialeto caipira torna-os mais simpáticos aos vizinhos, mas, como, geralmente, vem sobrecarregado de expressões trentinas, essa variedade acaba também sendo muito estigmatizada. Além disto, é preciso ressaltar o fato de vir junto com a linguagem muitos usos e costumes de uma cultura que não corresponde exatamente aos usos e costumes da região, o que contribui ainda mais para isolar a comunidade e fazer com que os vizinhos os considerem estranhos na região. Por exemplo, o uso de formas de xingamento - tão comuns na fala da comunidade - mostra um uso da linguagem que incomoda muito quem não está acostumado com isto. Por todas estas razões, apesar do apego às tradições, a comunidade se vê duplamente estigmatizada lingüisticamente: no uso da variedade dialetal italiana e no da portuguesa. Esta situação torna-se constrangedora e tem levado muitos membros da comunidade a procurar uma variedade de fala de

prestígio na região, ou seja, a norma culta do dialeto paulista atual.

Na última década, porém, surgiu um movimento de resgate da identidade e dos costumes da comunidade. Isto aconteceu por causa das festas de centenário da imigração, da ação do Circolo Trentino e de um certo movimento atual no mundo de valorização das comunidades minoritárias. Muitos aspectos da vida da comunidade - inclusive a linguagem - que eram considerados estranhos passaram a ser considerados exóticos, folclóricos, etc. Isto tem ajudado também a mudar um pouco a maneira preconceituosa com que os vizinhos encaravam a vida na comunidade tiroleza-trentina.

Para se poder entender melhor a realidade lingüística da comunidade foi preciso reconstruir sua história. Para isto em muito contribuíram alguns trabalhos já feitos e uma pesquisa específica em livros de história, em documentos e através do depoimento de muitas pessoas da comunidade e de fora dela.

Foi a partir dos estudos sobre a história e a origem geográfica que surgiu uma dúvida sobre uma possível diferença nos dialetos de origem dos imigrantes. Embora todos viessem do Tirol austriaco - atual Trento italiano, as famílias que formaram a fazenda Santa Olímpia vieram de Romagnano e as de Santana de Cortezano, exceto uma ou outra família proveniente de outros lugares. Estudando os dialetos italianos, ficou evidente que na região do Trento havia diferenças dialetais e que tais características poderiam ter vindo com os imigrantes. Não foi feito um estudo sistemático do dialeto trentino nesta tese, mas de sua influência no português falado pela comunidade. Entretanto, foram constatadas algumas diferenças na fala de Santa Olímpia com relação à de Santana, e estas diferenças, na verdade, são provenientes de diferenças que já existiam entre a fala de Romagnano e de Cortezano.

Um estudo mais detalhado do dialeto trentino, certamente vai mostrar que esta variedade do italiano que veio para o Brasil no final do século passado manteve muitas características que acabaram se transformando na terra de origem. Um fato curioso neste sentido pode ser encontrado em depoimentos de pessoas da comunidade que escrevem ou que vão visitar o Trento e depois voltam comentando que as pessoas de lá acham que eles usam uma linguagem antiga, própria dos *nonnos*, como eles dizem.

Para resumir as conclusões a que esta pesquisa chegou, pode-se destacar o que segue:

Existe uma situação de bilinguismo que, por um lado, contempla a coexistência da língua italiana (dialeto trentino) e da língua portuguesa (dialeto caipira), e, por outro, em acréscimo a isto, apresenta uma variedade peculiar da língua portuguesa usada pela comunidade, a que chamamos de *misturada*. Como conhecimento cultural adquirido através de escolaridade, encontra-se também o italiano padrão e a norma culta do português da região.

Com relação à variedade *misturada*, as principais características são apresentadas a seguir.

- uso muito freqüente de vocábulos trentinos em frases do português
- neutralização da oposição fonológica entre o R forte e o R fraco, ocorrendo apenas o R fraco.
- não centralização da vogal baixa [a] quando nasalizada. A nasalização nos contextos fonológicos do tipo /vN/ (vogal mais nasal na coda) típica do português em geral, não ocorre frequentemente, acontecendo apenas uma vogal oral seguida de uma consoante nasal.
- ocorrência do alofone [õ] para o ditongo nasal /auN/.
- em algumas palavras, ocorre uma distribuição diferente das vogais abertas e fechada, ocorrendo mais frequentemente a troca das fechadas pelas abertas.
- sintaticamente, há ainda como fatos dignos de nota, a formação do plural de certas palavras que é feita às vezes à moda italiana, com a terminação /i/ e não com /s/.
- encontra-se um uso não contemplado pelo português de inúmeras formas verbais reflexivas, ou portadoras de pronomes pleonásticos.
- menos freqüente é o uso de formas de regência do italiano transportadas para o português.
- a base desta variedade *misturada* é o dialeto caipira para alguns falantes, mas pode ser também algumas formas do dialeto paulista, encontradas na região, para outros falantes ou, em situações diferentes de fala. A primeira ocorrendo mais dentro da comunidade e a segunda mais fora dela.
- um outro traço típico da fala da comunidade é o uso de formas de xingamento em contextos de admiração e não apenas de atitude hostil.

Finalmente, é preciso dizer que muitos dados não puderam ser contemplados na presente pesquisa. Muita coisa precisa ser melhor pesquisada. E há muito a ser feito até se atingir uma descrição completa da realidade lingüística desta comunidade. Mas isto será objeto de pesquisas futuras, se Deus quiser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abercrombie, David (1967) *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Agard, F. e Pietro, R. (1973) *The Sounds of English and Italian*. Chicago: University of Chicago Press.
- Amaral, Amadeu (1976) *O Dialeto Caipira*. São Paulo: Editora Hucitec.
- Amaral, José Bonifácio do (1952) "Introdução ao Trabalho Livre em Campinas", in: *Monografia Histórica do Município de Campinas*. Rio de Janeiro:
- Bastos, P. e Silva, F. (1948) *História do Brasil*.
- Benedicto, Marcos e Estequei, Marilei (1991) "Um Pedaco do Tirol em Piracicaba - a Cultura e a Comunicação dos Tiroleses de Santana e Santa Olímpia". Piracicaba: Unimep; monografia do Curso de Comunicação Social (Jornalismo).
- Berto, Frei Nelson (1980) "Capuchinhos de São Paulo - Pastoral Missionária 1890". Penápolis: manuscrito não publicado.
- Berto, Frei Nelson (1984) "Capuchinhos em Piracicaba - Igreja Sagrado Coração de Jesus". Penápolis: manuscrito não publicado.
- Berto, Frei Nelson (1986) "Província dos Capuchinhos de São Paulo". Penápolis: manuscrito não publicado.
- Berto, Frei Nelson (1987) "Província dos Capuchinhos de São Paulo - dados sobre estudos e formação". Penápolis: manografia não publicada.
- Berto, Frei Nelson (1988) "Capuchinhos no Largo São Francisco 1897-1909 e Missões no Litoral Paulista 1896-1897". Penápolis: manuscrito não publicado.
- Bonatti, Mário (1968) "O Dialeto Trentino de Pomeranos - um estudo de antropologia lingüística". Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena: Tese de Doutorado.
- Bonatti, Mário (1974) "Aculturação Lingüística numa Colônia de Imigrantes Italianos de Santa Catarina, Brasil (1875-1974)". Blumenau: Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí.
- Bosi, Eclea (1987) *Memória e Sociedade: Lembranças dos Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Ed. e Editora da USP, 2ª edição.

- Bulzoni, (1976) *Gli Studi di Fonetica e Fonologia*. Roma: Publicazioni della Società di Linguistica Italiana.
- Cagliari, Luiz Carlos (1977) "An Experimental Study of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese". Edinburgh: Edinburgh University. Ph.D. Thesis.
- Cagliari, Luiz Carlos (1981) "Elementos de Fonética do Português Brasileiro". Campinas: UNICAMP - IEL, Tese de Livre Docência.
- Cagliari, Luiz Carlos (1989) *Alfabetização e Pobreza*. São Paulo: Editora Scipione.
- Câmara, J. Mattoso, Jr (1953) *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- Câmara, J. Mattoso, Jr (1987) *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Câmara, J. Mattoso, Jr (1988) *Problemas de Linguística Descritiva*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Canepari, Luciano (1979) *Introduzione alla Fonetica*. Torino: Einaudi.
- Ciurletti, G. (1990) *La Patria d'Origine - Gli 800 Anni del Principato di Trento*. Trento: Casa Editrice Panorama, vol. 5.
- Correr, Pe. José Lino (1982) "Uma História Verdadeira", in *Lar Católico*. Cromos de I a XII (Atualmente o Jornal chama-se *Opinião*).
- Costa, Iara Bemquerer (1990) "O Verbo na Fala de Camponeses - um estudo de variação". Campinas: UNICAMP - IEL, Tese de Doutorado.
- Dardano, M. e Trifone, P. (1985) *La Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli Editore.
- Degaspari, Francisco (1982) "Recordando a Nossa História". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Dittmar, Norbert (1976) *Sociolinguistics - a critical survey of theory and application*. London: Willimer Brother Ltd.
- Downes, William (1984) *Language and Society*. London: Fontana Paperbacks.
- Elias, Cecílio Netto (1988) *Arco, Tarco, Verva - as delícias do refinado dialeto caipiracicabano*. Editora Joruês, vol. 1, 3ª edição.
- Elias, Cecílio Netto (1990) *Arco, Tarco, Verva - as delícias do refinado dialeto caipiracicabano*. Editora Joruês, vol. 2.
- Fasold, Ralph (1974) *The Study of Social Dialects in American English*.

- Englewood Cliffs: Prentice Hall, Inc.
- Foucault, Michel (1972) *Arqueologia do Saber*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Foucault, Michel (1979) *L'Ordre du Discours*. Paris: Lalliward.
- Frosi, V. e Mioranza (1983) *Dialetos Italianos*. Caixias do Sul: Editora da Universidade de Caixias do Sul.
- Furst, Ute Bärnest (1989) "Manutenção e Mudanças Lingüísticas no Município de Panambi - um estudo qualitativo e quantitativo". Campinas: UNICAMP - IEL, Dissertação de Mestrado.
- Giraldelli, Sandra (1992) "Santa Olímpia e Santana: trajetória social e memória". Campinas: UNICAMP - IFCH, Dissertação de Mestrado.
- Gorfer, A. (1986) *La Patria d'Origine - il bel Trentino*. Trento: Casa Editrice Panorama.
- Goulart, Maurício (1949) *A Escravidão Africana no Brasil (das origens à extinção do tráfico)*. São Paulo: Livraria Martins Editora. -
- Groff, Lionello (1982) *Dizionario Trentino-Italiano*. Trento: Casa Editrice G.B. Monauni.
- Grosselli, Renzo (1986) *Vincere o Morire - parte I Santa Catarina 1875-1900*. Trento: Ed. Provincia Autonoma di Trento.
- Grosselli, Renzo (1987) *Colonie Imperiali nella Terra del Caffè - contadini trentini (Veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane, Parte II - Espírito Santo - 1874-1900*. Trento: Ed. Provincia Autonoma di Trento.
- Grosselli, Renzo (1989) *Dove Cresce l'Araucaria - dal Primiero a Nova Tyrol - contadini trentini (Veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane - Paraná 1874-1940*. Trento: Ed. Provincia Autonoma de Trento.
- Grosselli, Renzo (1990) *Da Schiavi Bianchi a Coloni, um projeto per la Fazendas - contadini trentini (Veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane*. Trento: Ed. Provincia Autonoma di Trento.
- Hill, A. (1974) *Aspectos da Lingüística Moderna*. São Paulo: Editora da USP. 2ª edição.
- Iriarte, Lazaro (1985) *História Franciscana*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Labov, Willians (1972) *Sociolinguistics Patterns*. Pensylvania: University of Pensylvania Press.
- Labov, Willians (1978) "The Non-standard English of Negro and Puerto Rico Speakers". Philadelphia: (Regional Survey).

- Labov, Williams (1980) *Locating Language in Time and Space*. New York: Academic Press.
- Leone, Maria Miné Paiva (1993) "Sob o Olhar dos Capuchinhos - a ação missionária dos capuchinhos *trentinos* em Santana e Santa Olímpia". São Paulo: PUC-SP, Dissertação de Mestrado.
- Lopes, Edward (1987) *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Editora Cultrix, 10ª edição.
- Mattei, Luigino (1987) *Tesori d'Arte nel Trentino*. Trento: Casa Editrice Panorama.
- Mattei, Luigino (1988) *La Patria d'Origine - vovi di poesia del trentino*. Trento: Casa Editrice Panorama.
- Mattei, Luigino (1989) *La Patria d'Origine - prodotti e piatti tipici*. Trento: Casa Editrice Panorama.
- Mattei, Luigino (1988) *La Patria d'Origine -- canti e racconti (espressioni popolari del Trentino)*. Trento: Casa Editrice Panorama.
- Mioni, Alberto M. (1987) *Fonematica Contrastiva*. Bologna: Patron Editore.
- Neme, Mário (1938) "Piracicaba no Século XVIII", in *Revista do Arquivo Municipal de Piracicaba*.
- Neme, Mário (1939) "Um Município Agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba", in *Revista do Arquivo Municipal de Piracicaba*.
- Orlandi, Eni Pulcinelli (org.) (1987) *Palavra, Fé e Poder*. Campinas: Editora Pontes.
- Pereira, Cassio (1986) "Aspectos Históricos da PROCASP (Província dos Capuchinhos de São Paulo) - Alguns aspectos históricos dos Frades Menores Capuchinhos de São Paulo". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Pike, Kenneth Lee (1947) *Phonemics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Pisani, Salvatore (1937) *Lo Stato di San Paolo Nel Cinquentenario dell'immigrazione*.
- Prezotto, E. & Vieira, M. (1991) "Resgate da Memória e Transformações Culturais de uma Comunidade Rural Italiana: o caso de Santana". Campinas: manuscrito não publicado.
- Pride, J.B. and Holmes, Janet (1972) *Sociolinguistics*. London: Penguin.

- Primiero, Frei Fidelis M. de (1940) "Capuchinhos em Terras de Santa Cruz, nos Séculos XVII, XVIII e XIX - apontamentos históricos". São Paulo: manuscrito não publicado.
- Rodrigues, Ada (1974) *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo: Editora Ática.
- Rafaelli, Umberto (1981) *Proverbi del Trentino*. Firenze:
- Romaine, Suzanne (1989) *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell Ltd.
- Sobrero, Alberto (1991) "Dialetti in Italia" - Progetto Argentina - Istituto della Enciclopedia Italiana.
- Silva, Francisco (1937) *História Geral*. São Paulo: Editora Ática.
- Silva-Corvalán, C. (1989) *Sociolinguística - Teoria e Análises*. Madrid: Editorial Alhambra.
- Stenico, José Eraldo (1993) "Árvore Genealógica das Famílias Tirolesas de Santa Olímpia". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Stenico, Maria (1939) "Carta Testamento" e "Testamento Espiritual" (documentos que se encontram nas mãos de seus descendentes, em Santa Olímpia - Piracicaba).
- Tarallo, Fernando (1985) *Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática.
- Tarallo, Fernando (1989) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas: Editora Pontes e editora da UNICAMP.
- Tarallo, Fernando e Alkmin, Tânia (1987) *Falares Crioulos - línguas em contacto*. São Paulo: Editora Ática.
- Tomellin, Victor (1986) *Pedagogia do Silêncio: o tamanho do medo*. Campinas: Editora Papyrus.
- Torres, Maria Celestina (1975). *Aspectos da Evolução da Propriedade Rural de Piracicaba no Tempo do Império*. Piracicaba: Academia de Piracicaba de Letras.
- Trudgill, Peter (1974) *Sociolinguistics - an introduction*. London: Harzell Watson & Viney Ltd.
- Vermes, G. & Boutet, J. (org.) (1989) *Multilingüismo*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Vitti, Guilherme (1977) "En contadin de Meano che s'ha fat bon brasiliano: Centenario dell'imigrazione dei tirolesi del Municipio di Piracicaba - Brasile 1877-1977" (texto romanceado, não publicado, apresentado como

apêndice na dissertação de Grosselli, 1990).

- Vitti, Guilherme (1988a) "Imigrantes Tiroleses no Município de Piracicaba - Estado de São Paulo - Brasil". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Vitti, Guilherme (1988b) "Histórico das Famílias Vitti e Forti, do bairro de Santana". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Vitti, Guilherme (1990) "Dicionário do Dialeto Trentino da Comunidade Tirolesa de Piracicaba". Piracicaba: manuscrito não publicado.
- Vitti, Guilherme (1993) *Esperança de uma Vida Nova - 100 anos de Santana 1893-1993*. Piracicaba: Shekinah Editora e Gráfica.

PERIÓDICOS:

A Província (jornal de Piracicaba)

Atlas Histórico Mundial. Instituto Cartográfico Castiglione, Editora Formar Ltda.

Jornal de Piracicaba - artigos

O Diário (jornal de Piracicaba)

Trentini nel Mondo. Associazione Trentini nel mondo aderente alla F.U.S.I.E., Trento, Itália (revista mensal)

M A P A S

Autor do mapa Geográfico: LEONI, Giulio
(Cf. GORFER, 1986:15)

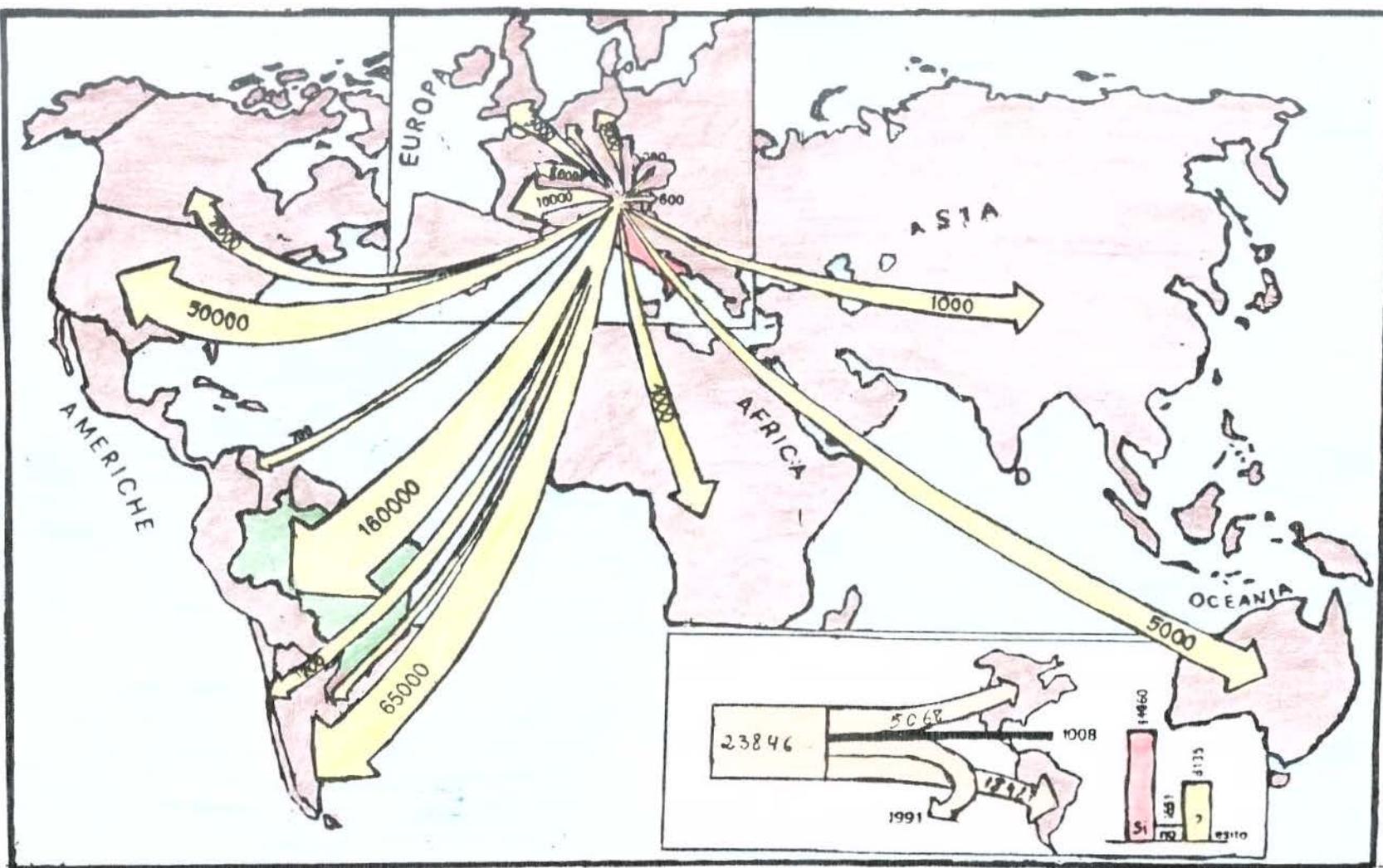


FIG. 01 - A emigração trentina para os cinco Continentes.

"Dos vinte e três mil oitocentos e quarenta e seis imigrantes, (1870 a 1889) para o Continente Americano, mil e oito morreram na travessia, mil novecentos e noventa e um voltaram para a terra de origem, quatorze mil e sessenta conseguiram uma boa posição de vida nova e um mil seiscentos e cinquenta e um encontraram dificuldades de adaptação." (Cf. GORFER, 1986:15)

Fig. 02 - Mapa geográfico do Brasil: localização dos Estados brasileiros onde há colônias trentinas.





Mapa geográfico do Estado de São Paulo - Brasil. Em destaque cidades de onde vieram os tirolezes que deram origem à comunidade tiroleza de Piracicaba: Campinas (1877-1888) e Rio Claro (1888-1893) - famílias Vitti e Forti; Piracicaba (1886 até hoje) primeiramente, vieram as famílias Stenico, Correr, Cristofoletti, Degaspari, Brunelli e, em 1893, vieram as famílias Vitti e Forti de Rio Claro e esse juntaram aos outros tirolezes, formando a comunidade tiroleza de Piracicaba.

Fig. 03 - Mapa geográfico do Estado de São Paulo - Brasil. Em destaque as cidades de Piracicaba, Rio Claro e Campinas.

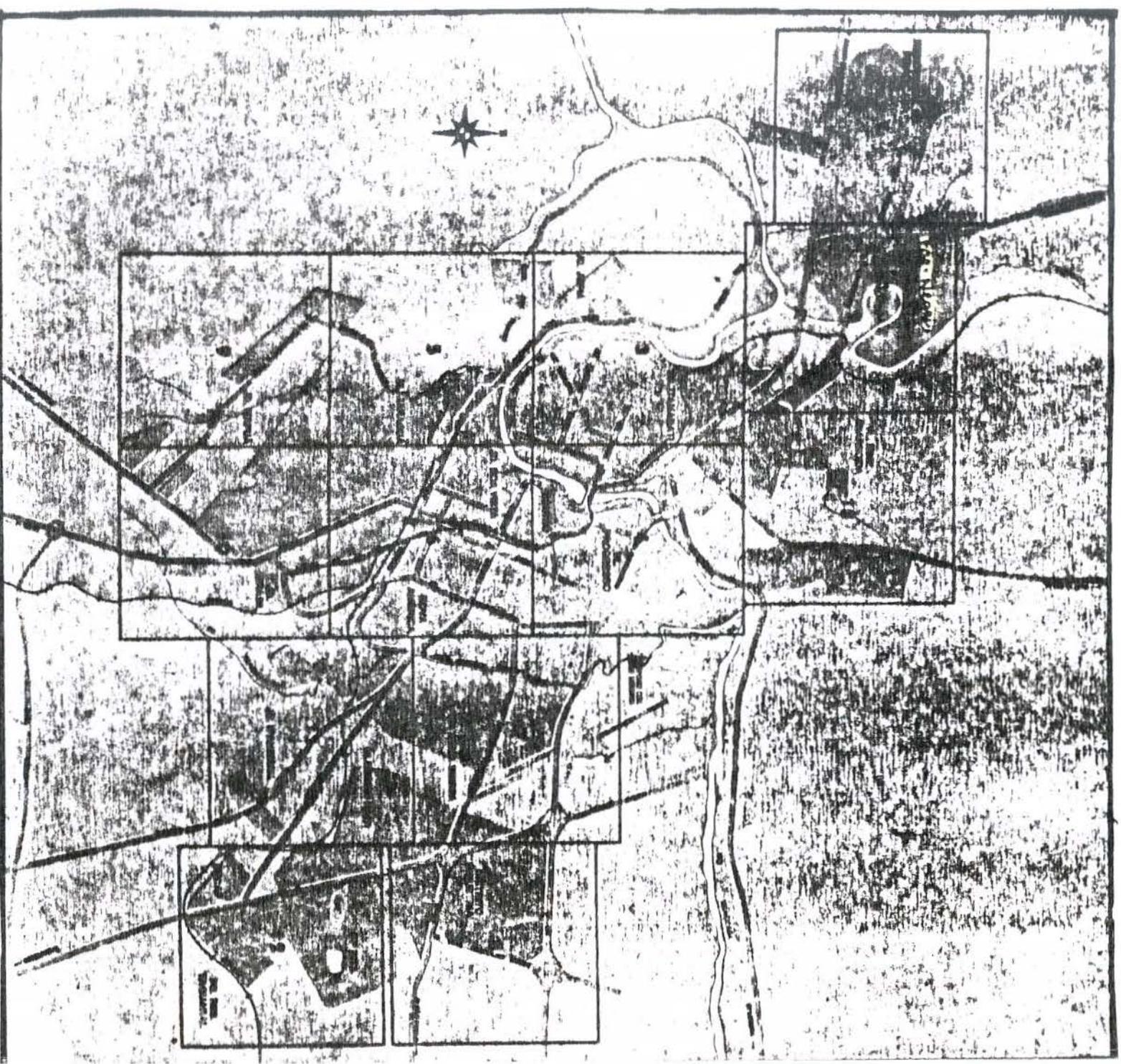


FIG. 04 - Mapa geográfico da cidade de Piracicaba-SP.

Fig. 05 - Mapa geográfico da cidade de Piracicaba, em destaque os bairros de Santana e Santa Olímpia.

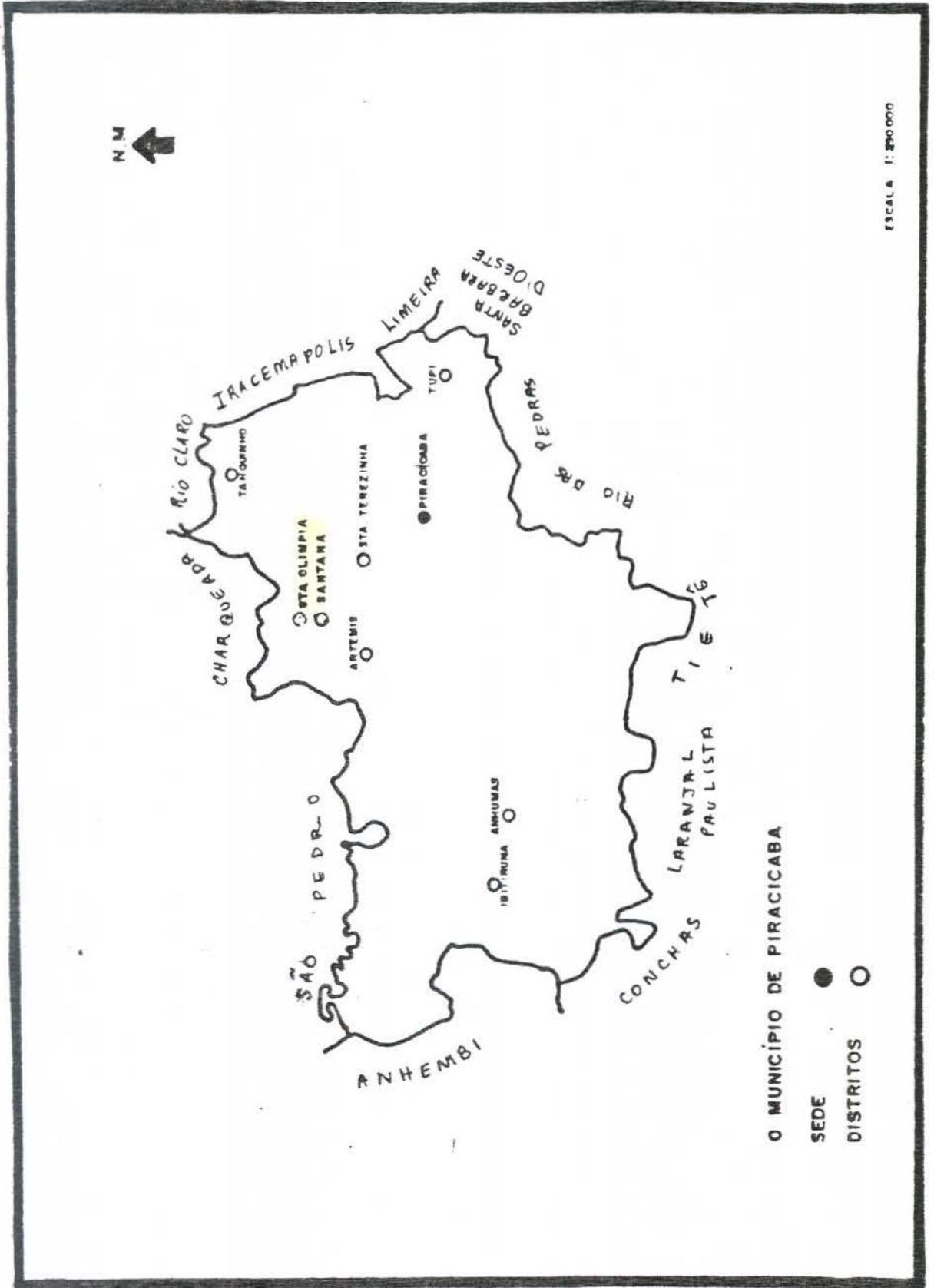


Fig. 06 - Mapa geográfico da Itália, com subdivisões dos dialetos italianos, (Cf. SOBRERO, 1991: 13).

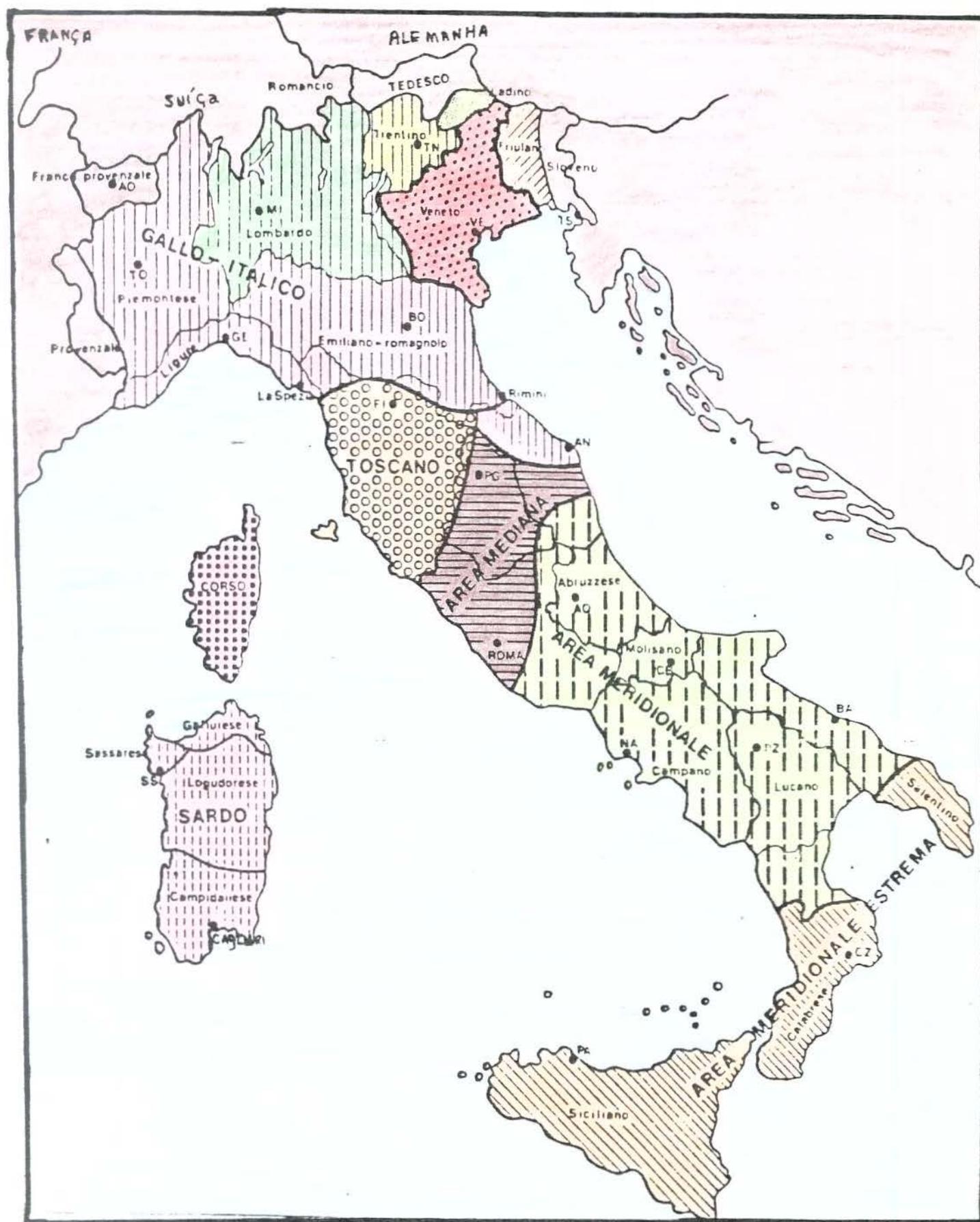


Fig. 07 - Mapa geográfico da região de Trento e vizinhos.

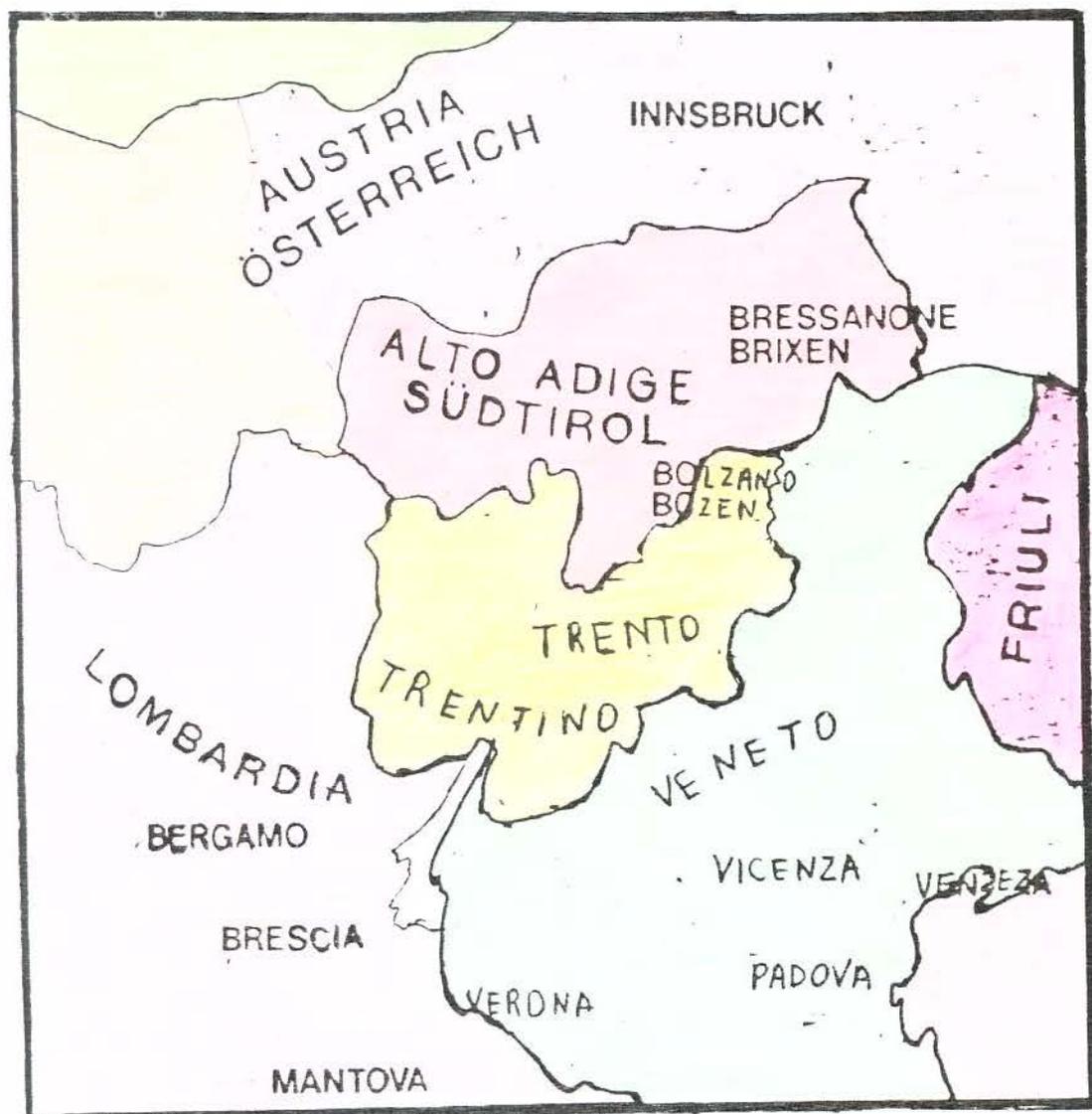
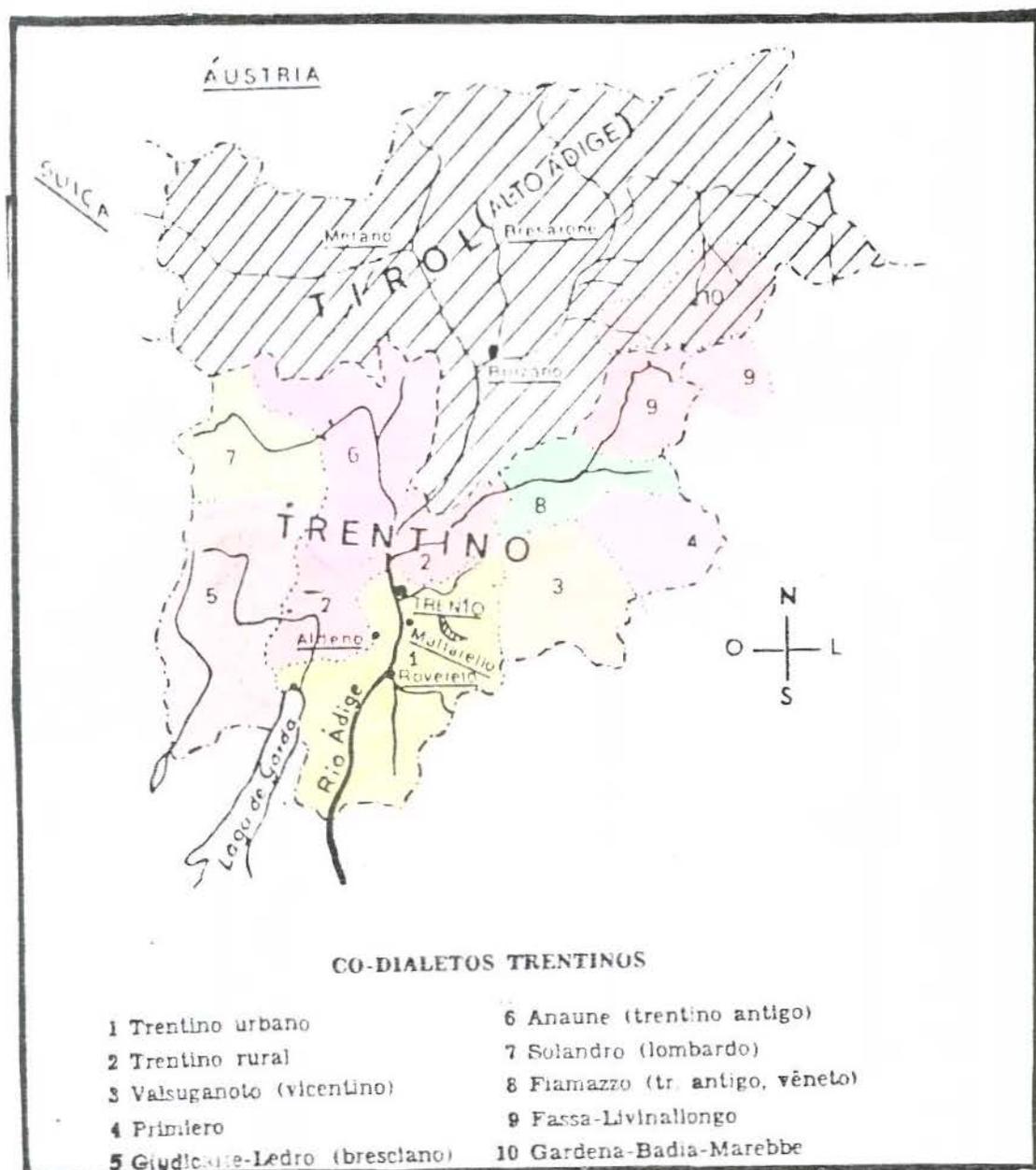


Fig. 08 - Mapa geográfico de Trento, classificando os co-dialetos trentinos, (Cf. BONATTI, 1968: II 3).



Geograficamente o Tirol do sul ou Tirol meridional e a parte a norte do Brennero, onde se encontrava a Capital Inabbruck, Tirol do Norte passou a se chamar, em 1926, Província de Trento e Província de Bolzano.

Todavia a denominação bilingüe reconhecida à província de Bolzano pela República Italiana com o primeiro Estatuto especial de autonomia (1948) foi Alto Adige-Tiroloer Etschland (Território tiroles no Adige), e foi transformada com as modificações estatutárias de 1971 em Alto Adige-Südtirol. A denominação Südtirol (Tirol meridional) é portanto a denominação oficial em alemão só da província de Bolzano. (Cf. MATTEI, 1990)

A N E X O S

Anexo 01 - Artigos da Revista "Trentini Nel Mondo" - Trento/Itália. Algumas Colônias Trentinas do Brasil que mantêm até hoje suas tradições.

Trentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.E.

10

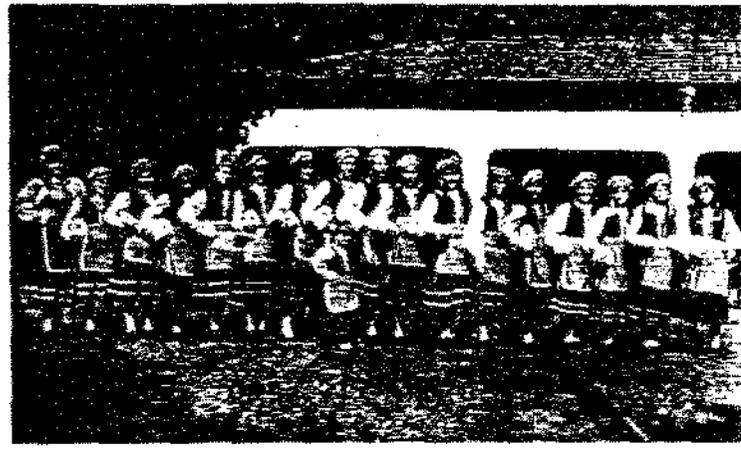
VITA DEI CIRCOLI

Cento anni di Santana - Piracicaba (Brasile)

NUOVA SERIE
ANNO XXXVI
OTTOBRE 1993
Sped. in abb. postale - Gruppo III
Pubbl. inf. al 70%



Gruppo folkloristico giovani - Santana - Piracicaba (Brasile) - agosto 1993



Gruppo folkloristico infantile - Santana - Piracicaba (Brasile) - agosto 1993

nei giorni 20, 21 e 22 agosto scorso i discendenti dei trentini originari da Cortesano di Trento nel 1877 festeggiarono il 1° centenario di fondazione del riose chiamato Santana.

tutti i residenti di Santana lavorarono uniti e si dedicarono a preparare quanto necessario per la festa.

Simbolo del centenario un piccolo mazzo di fiori, e le note della canzone «Quel zolin di fiori» e con la frase «Speranza di una vita nuova» che ricorda tutte le addizioni dei loro antenati con le loro opere, sogni, realtà, speranze collegati al presente e proiettati al futuro.

L'ideatore della frase è il sig. Jorge Luis e del simbolo è la signora Dirce este Vitti.

Nella serata di apertura della festa del centenario, presenti varie autorità civili religiose fra le quali mons. Moacir Vitti, Vescovo ausiliare di Curitiba e presidente dei trentini di Santana, il Vescovo di Piracicaba, il Sindaco di Piracicaba, il dr. Bruno Fronza e il sig. Camillo Stedile in rappresentanza dell'Associazione Trentini nel Mondo.

Il prof. Guilberme Vitti presentò il suo libro «Esperança de una vida nova» che rivive la storia di Santana dall'inizio ad oggi con la vita e le tradizioni della valle locale, con un dizionario delle parole, verbi e coniugazioni del dialetto tino parlato dagli abitanti.

Per il coreografo lo scrittore locale Lino Vitti presentò il suo libro «Plantando contos sendo Ramos» e l'Inno dedicato al popolo di Santana che venne cantato dalla banda del riose, diretta dal maestro Jair Vitti.

Una solenne S. Messa venne celebrata dal Vescovo di Piracicaba con la presenza di moltissimi fedeli. La domenica 22 agosto venne inaugurato il Monumento al crocevia, ideato dal mons. Moacir José Vitti e da altri figli di questa comunità.

L'artista del plastico è stato il sig. Osvaldo Peron.

Il pannello composto in mosaico, riporta le date del centenario di Santana (1873-1993) e di Santa Olimpia (1892-1992) celebrato lo scorso anno.

Sul pannello le indicazioni delle due località sono segnalate da due frecce opposte.

La parte superiore a forma d'arco e sormontata da un triangolo, riporta la scritta «Benvenuti alle comunità trentine», lo stemma dell'aquila di Trento e la scritta «Trentino - Italia».

Durante la festa del centenario erano pure presenti il gruppo folcloristico di Curitiba, venuto appositamente in pullman per iniziativa di quel Circolo trentino a 500 km, il Gruppo di Santa Olimpia, le Bande musicali dell'Unione Parrocchiale di Piracicaba e Sertãozinho.

La commemorazione è stata ottimamente organizzata in tutti gli aspetti anche economici, con ottimi piatti di carne, pollo, crudi e varie altre specialità accompagnate da ottimo vino.

Una collaborazione fattiva della festa venne data anche da industria locali che hanno contribuito sia con il materiale e il lavoro, sia con il sostegno finanziario.

Si è vista la partecipazione di moltissima gente sia dei due Paesi interessati che di altre località come Piracicaba, Rio Claro, S. Paulo e molte altre.

Congratulazioni per l'ottima riuscita e auguri per il futuro di queste belle comunità neo-trentine.

Bruno Fronza



Corale infantile - affilia di Sant'Anna - Santana - Piracicaba (Brasilia) - agosto 1993



Giovani rappresentando i costumi nensi trentini Santana - Piracicaba (Brasilia) - agosto 1993

TRENTINI nel MONDO

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.E.

5 MAGGIO 1994
ANNO XXXVII

TRENTINI NEL MONDO

NOTIZIE IN BREVE

Santa Olimpia - Brasile

È deceduto a Santa Olimpia il 27 novembre 1993 padre **Jacob Stenico** di anni 75, figlio di Giovanni e Rosa Vini.

Era entrato a far parte della congregazione dei padri Stigmatini nel 1944, il 9 luglio prossimo avrebbe fatto i 50 anni di sacerdozio. Fu professore di musica e fu parroco a Santa Olimpia per 20 anni.

Amatore delle feste del Circolo Trentino di Santana e Santa Olimpia, durante le quali amava molto cantare canzoni italiane e trentine soprattutto, in ricordo della terra dei suoi avi, che amava molto.

Un momento molto emozionante si è avuto durante i suoi funerali quando hanno cantato «Va' Pensiero» la sua canzone preferita.

Ci ha lasciato il suo esempio e la semente che ha piantato darà sicuramente dei buoni frutti. Il suo passaggio tra di noi non sarà mai dimenticato, fu un sacerdote che ha saputo vivere bene la sua vocazione.

Comunità trentina di Santana, Santa Olimpia
e Circolo Trentino di Piracicaba



Trentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.E.

7

VITA DEI CIRCOLI

NUOVA SERIE
ANNO XXXVI
LUGLIO 1993

Sped. in abb. postale - Gruppo III
Pubbl. inf. al 70%

Santa Teresa - Brasile



Un momento della festa

Il Circolo Trentino di Santa Teresa ha organizzato una festa italiana-trentina nei giorni 25-26-27 giugno per il 18° anno di colonizzazione italiana di tenezi, lombardi e trentini che sono la maggioranza con il 70%.

Alla festa erano presenti cinque cori: Coro Trentino, Coro Italiano, Arcobaleno di Rio de Janeiro, Collatina e Morilandia.

Componenti del Coro folcloristico del Circolo Trentino e membri del Comitato



Trentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.

12

VITA DEI CIRCOLI

NUOVA SERIE

ANNO XXXV

NOVEMBRE 1992

ped. in abb. postale - Gruppo III

pubbl. inf. al 70%

Rodeio



La magna festa dei trentini-brasiliani - La Sagra a Rodeio il Circolo coinvolge tutta la comunità e si veste con costumi tipici in omaggio alla associazione «La Trentini nel Mondo» e alla Provincia autonoma di Trento - Sfilata settembre '92



Il Circolo Trentino di Rodeio non solo ha recuperato le tradizioni ma incentiva le nuove generazioni ad aderire al programma culturale dalle loro origini. Sfilata '92 - La Sagra



La Sagra '92 - Carreiras del Vin - Il Gruppo Folkloristico accompagna, canta e distribuisce il primo vino della Vinicola San Michele (quello fatto a Rodeio) secondo il Progetto di Cooperazione in Brasile dell'Associazione e della P.A.T.

Dall'11 al 20 settembre u.s. si è svolta a Rodeio - Brasile la Sagra '92 - una manifestazione organizzata dal Circolo Trentino di Rodeio in collaborazione con il Comune. Una festa molto ben riuscita coronata da allegria, emozione e fratellanza fra i molti trentini-brasiliani della Val d'Inajay dello Stato di S. Catarina.

Hanno preso parte alla Sagra 48.000 persone, questa festa è riconosciuta come quella che maggiormente coinvolge un grande numero di persone non solo per cantare, mangiare e ballare, ma organizza anche un programma culturale con lo scopo di mantenere e recuperare il dialetto, l'aspetto più importante per caratterizzare un ufficio e di continuità e generazioni trentine.

'rentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.E.

10

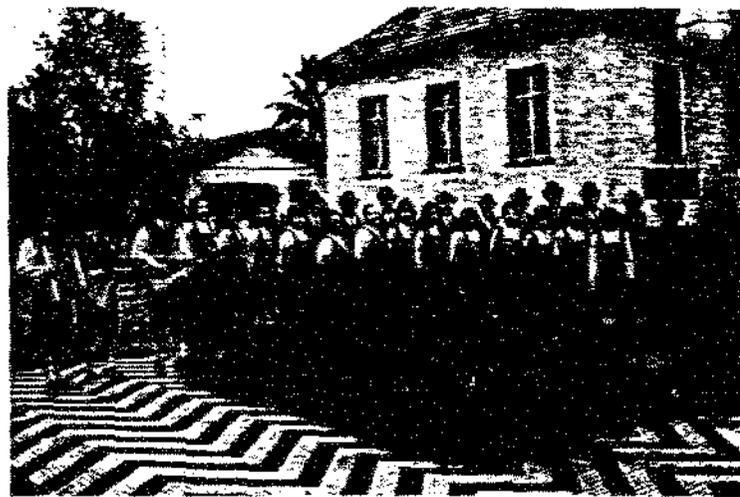
10ª SERIE
L. XXXVI
AGOSTO 1993
in abb. postale - Gruppo III
| inf. al 70%

VITA DEI CIRCOLI

Rio dos Cedros - Brasile



Il gruppo folkloristico Colibri, con la maestra Mariatx Longo, Rio dos Cedros, Santa Catarina (Brasile) del Circolo Trentino



Il gruppo folkloristico Compagni Trentini del Circolo Trentino di Rio dos Cedros, Santa Catarina, Brasile



A sinistra il sindaco Walmor Lenzi e signora Neusa Lenzi, 1ª principessa Kathia Alvina Perini e a destra Luciane Jaqueline Ferrari Curt, 2ª principessa Ana Clara Marchetti. In alto la 1ª Regina Trentina di Rio dos Cedros

Il 10 luglio scorso si è svolta a Rio dos Cedros la 4ª elezione della «Regina Trentina», manifestazione durante la quale viene prescelta la più bella ragazza dell'anno selezionata tra le bellissime candidate tutte di origine trentina (quest'anno le concorrenti erano 16). Il Ginnasio sportivo messo a disposizione per la festa era quasi piccolo per contenere l'enorme folla presente, soprattutto moltissimi giovani, segno questo anche del grande lavoro svolto dal Circolo Trentino per avvicinare la gioventù e far conoscere e amare loro le nostre tradizioni culturali. Nel discorso di apertura della manifestazione, il presidente del Circolo Trentino Osvaldo Osti, ha detto fra l'altro... «il popolo che coltiva e mantiene le sue tradizioni, la sua cultura e i suoi costumi è un popolo felice e allegro, che ama la sua terra e la sua famiglia come ama la sua Patria».

Per la cerimonia hanno lavorato con grande passione Ana Clara Marchetti, Alcides Kreizer e Eloi Cipriani, componenti della direzione del Circolo nel settore cultura e divulgazione. Della giuria facevano parte anche rappresentanti dei Circoli Trentini e di Comunità tedesche e brasiliane vestiti con i costumi tradizionali per dare un tono più folkloristico alla festa. Regina per il 1993 è stata eletta: Luciane Jaqueline Ferrari Curt, 1ª principessa: Vandete Pedrelli Klug, 2ª principessa: Kathia Alvina Perini. Erano presenti molte autorità: il sindaco Walmor Lenzi e signora, il vice sindaco Custodio Bona e signora, il presidente della Camera dei consiglieri Humberto Luiz Lenzi e molti altri.

La manifestazione ha avuto l'appoggio dell'Amministrazione pubblica e la partecipazione di tutte le Comunità di Rio dos Cedros. A tutti quelli che hanno collaborato e si sono prestati per la buona riuscita di questa festa va il nostro ringraziamento di cuore. Ci hanno pure rallegrato con le loro musiche la Banda Clarins d'Argento di Timbò e un'orchestra con musica italiana e trentina fino alle quattro del mattino. Arrivederci al prossimo anno!

Osti Osvaldo

Trentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO A'DERENTE ALLA F.U.S.I.E.

9

VITA DEI CIRCOLI

NUOVA SERIE
ANNO XXXVI
SETTEMBRE 1993
Sped. in abb. postale - Gruppo III
Pubbl. inf. al 70%

Rio do Oeste (Brasile)



Si è svolta a Rio do Oeste nel mese di luglio la 7ª Festa della polenta. L'enorme polenta naturalmente è stata gustata assieme a salame, formaggio, pollo, e annaffiata con molto vino (San Michele di Rodicio). Erano presenti rappresentanti di tutto lo Stato e anche da Rio Grande do Sul.

Paraná San Paolo, oltre ai Gruppi folcloristici dei Circoli di Santa Catarina che hanno partecipato a una grande sfilata per le vie della città.

Ha fatto da contorno alla festa anche un'esposizione delle «vacche d'latte».

Rio do Oeste

Si è svolto recentemente a Rio do Oeste il I° incontro delle Corali dello Stato di Santa Catarina riscuotendo un enorme successo.

Hanno partecipato alla rassegna le Corali di Taió, Laurentino, Rio do Oeste, Rio do Sul, Rio dos Cedros e Jaraguá do Sul.

Nella foto: la prima casa in muratura di Rio do Oeste di proprietà della



Trentini nel mondo

MENSILE DELL'ASSOCIAZIONE TRENTINI NEL MONDO ADERENTE ALLA F.U.S.I.E.

ento
onçalves
rasile)

VITA DEI CIRCOLI

1

NUOVA SERIE

ANNO XXXVI

GENNAIO 1993

Sped. in abb. postale - Gruppo III

Pubbl. inf. al 70%

Tutto bonita a festa de recepção promovida da pelas famílias Franza de São Valentim de Bento Gonçalves, que na última reunião dos salões de festas da Associação Trentini se reuniram com o intuito de homenagear os predecesores.

As famílias Franza e Zortea descendentes de italianos e radicados em São Valentim em novembro do ano passado no município se uniram para o evento que contou entre os convidados a presença do Sr. José Alberici Filho, diretor-presidente da Vinícola Aurora, Sr. Dalcyr Salton, presidente do Conselho de Administração da Vinícola Aurora, Sr. Synton Giovanni, esposa Beatriz, diretor da Farina SA, Sr. José Zortea, Lucindo Copat, esposa, Leonel Giordani e esposa e outros.

Em nome das famílias Franza homenageou o escritor e poeta Remy Valduga que congratulou-se com o evento e muito espantado pela integração vivenciada organizada pelos Srs. Luiz Franza e José Franza Filho com apoio do Circolo Trentini de Bento Gonçalves presidido pelo jovem Cesar Nanni Cini. O evento foi animado pelas cantorias os Vinhedos de São Valentim e Trentini de Bento Gonçalves que cantaram alegres canções italianas.

Por último e agradecendo as honras de que foi alvo, falou o Sr. Franza expressando sua satisfação pelo encontro de familiares e amigos, destacando o progresso cultural, a evolução, o progresso e desenvolvimento de Bento Gonçalves e acreditaram nesta maravilhosa terra do vinho e dos vinhos. Na verdade pelo amor e carinho humano dos filhos desta terra descendentes de italianos. Saúdo a todos e agradeço. Finalizou o evento homenageando Bruno Franza. Pais gente amiga...

San Valentin si è svolta una bella serata organizzata da Luiz Franza nel settembre scorso. L'appoggio del Circolo di Bento Gonçalves, presieduto da Cesar Nanni Cini a San Valentin in una sala del magazzino-cantina a sera in onore di 150 persone di nome Franza, residenti nella zona quasi tutti lavoratori come coltivi vignaioli e operatori nel settore del vino.



Tutte queste persone sono originarie da due famiglie Franza provenienti da Civezzano, emigrate in Brasile nel 1875.

La serata era stata organizzata in occasione dell'arrivo del presidente dell'Associazione, Bruno Franza, ed erano pure presenti José Alberici, direttore, presidente della Vinicola Aurora Dalcyr Salton, presidente del Consiglio d'amministrazione della Vinicola Aurora Ayrton Giovannini, direttore della Farina SA Lucindo Copat, José Zortea e Leonel Giordani.



Anexo 02 - Passaporte de BORTOLO VITTI, anno de 1877.

Für das Ausland
Per Estero



Im Namen des Kaisers und Königs: Apostolische Majestät
Im Namen des Kaisers und Königs: Imperiale e regia Apostolica
FRANZ JOSEPH I. FRANCESCO GIUSEPPE I.
KAISERS VON ÖSTERREICH, IMPERATORE D'AUSTRIA.

REISE-PASS
PASSAPORTO

Vitti
Bortolo

Geurtsjahr / anno di nascita | *1844*
Stater / Stato | *Italia*
Gewicht / peso | *160*
Haupt / Capo | *Castiglione*
Augen / occhi | *blau*
Haar / Capelli | *schwarz*
Blond / Biondo | *regolare*
Nase / Naso | *regolare*
Erscheinere Kennzeichen / Marche particolari

Wohin reiset / Da in verso | *Austria*
Italia
America

Wohnort / Residenza | *Bortolo*
Wohnort / Residenza | *Verona*
in Bezirke / in Province | *Trento*
Kreis / Circolo | *Trieb*

Eigenhändige Unterschrift / Firma di proprio mano

Dieser Pass ist gültig / Questo passaporto vale

Die mesi

Firma: Bortolo Vitti, im Jahr 1877, im Ort Trieb, Provinz Verona.



Vertical text on the right edge of the document, possibly a serial number or archival reference.

No. 1000

... ..

NAME AND SURNAME	Clerical	Age	Height	Build	Complexion	Other
Maria	single	122				
Anna	single	118				
Giorgio	"	116				
Beniamino	"	116				
Feresa	"	115				
Eugenio	"	117				
Scoti	"	116				
Giuseppe	"	117				
Offavio	"	117				
Quirino	"	115				

Si conferma che l'altro nominato
 nato dichiarò di essere nativo
 del regno della Lombardia
 e Austriaca e di emigrare
 in America per cui in
 questo momento ha cessato
 di essere Cittadino

di
 il giorno 21 Luglio 1877
 Dall'U. R. Capitano Dux



317
#112
VISTO MEDICAL

BONPAPA in America

GI. PAPA 21/10/1911

Dr. R. ...
G. ...
S. ...



[Handwritten signature]

113



Visto ... 21/10/1911

[Handwritten signature]

Anexo 03 - Reprodução de uma página do livro de contabilidade da fazenda de Santana - ano de 1895. Este livro e demais documentos se encontram nas mãos de Guilherme Vitti.

	Mais	Jane
Giorgio Vitti Outubro Junho 1895		
Despesa nel armazem 2 meses		12.000
porco chili 32 1/2	179.650	38.500
linguiza chili 23		13.000
fulva agucci 3 1/2		11.150
figura agucci 1		5.000
camarada 20 B	10.400	
Despesa na povo de fazetiro		18.000
De Julio despesa nel armazem		28.860
1 camarada Dia 19	16.000	25.860
Leguero De Benedito 12	2.000	
fulva agucci 3 1/2 quarta		11.250
Agosto Setembro		
Despesa nel armazem		37.600
1 camarada dia 16 25	12.500	

Lozino Chile 92		9 500
Lingua Chile 10		10 000
Milio e fuba agueri 6 1/2		18 250
figura 1/2		2 500
usa Oltro. Vintre nel armaguen		62 200
1 cameraia e mese Oltro Ses	24 000	
Chilo de porca 14 1/2		14 500
Milio alpini 5 1/2		16 500
figura multa		
Speso nel Dicembre nel armaguen Ses		23 400
1/2 oro aus		15 000
Chilo de porca 9		9 000
Fuba alpini 2		6 000
figura alpini 1/2		2 500
1 cameraia e Dia Calendario	800	
contra otto patiti	71 301	
	<u>275 980</u>	<u>209 300</u>
		88 680

Anexo 04 - Relação dos imigrantes tirolezes que trabalharam para o Visconde de Indaítuba, em Campinas-SP, nos anos de 1877, 1881 e 1883. (Pesquisa feita por GROSSELLI, 1990)

Segundo GROSSELLI (1990) em suas pesquisas ao Centro Histórico do Imigrante de São Paulo, são os seguintes os imigrantes trentinos que trabalharam para Joaquim Bonifácio do Amaral, o Visconde de Indaítuba, assim que chegaram ao Brasil, na fazenda Sete Quedas, chamada Colônia Saltinho (interna à fazenda Sete Quedas em Campinas - SP).

Colônia Saltinho (Campinas-SP)

NOMES DOS IMIGRANTES	ANO DE CHEGADA	CIDADE DE ORIGEM
Casagrande(a) Domenico	1877	Romagnano
Claus Federico	1877	-
Coser Pietro	1877	-
Cristofolotti Felice	1877	Vigo Meano
Cristofolotti Giacomo	1877	Vigo Meano
Cristofolotti Giovanni Battista	1877	Meano
Dallapiazza Daniele	1877	-
Fontana Giulio	1877	Paedo
Forti Romano	1877	Romagnano
Nicolussi Leone	1877	Garniga
Peterlini Costante	1877	Aldeno
Pompermayer Giacomo	1877	Romagnano
Pompermayer Ipolito	1877	Romagnano
Simeoni Giuseppe	1877	-
Stenico Francesco	1877	Romagnano
Stenico Leonardo Antonio	1877	Romagnano

Stenico Virgilio	1877	Romagnano
Vitti Bortolo	1877	Cortesano
Correr Giacomo	1881	Romagnano
Rossi Lodovico	1881	Verla
Stech Giuseppe	1881	Romagnano
Bassetti Valentino	1883	-
Beozzo Giuseppe	1883	-
Bort Antonio	1883	-
Bort Cristoforo	1883	-
Bort Francesco	1883	-
Bort Giovanni	1883	-
Brunelli Giovanni	1883	Romagnano
Cainelli Celeste	1883	Sopramonte
-Carbonari Roberto	1883	Romagnano
Casagrande(a) Giovanni	1883	Romagnano
Condini Domenico	1883	Romagnano
Condini Giuseppe	1883	Romagnano
Correr Giacomo	1883	Romagnano
Cristofoletti Giovanni Battista	1883	Cortesano
Defant Ignazio	1883	Romagnano
Degasperi Rosa	1883	Sardegna
Eccel Antonio	1883	-
Faes Valentino	1883	-
Fedrizzi Giovanni	1883	Romagnano
Fedrizzi Margherita	1883	Romagnano
Fedrizzi Pietro	1883	Romagnano
Foradori Antonio	1883	-
Forti Domenico	1883	Romagnano
Forti Fiorenzo	1883	Romagnano
Forti Giovanni	1883	Romagnano
Forti Martino	1883	Romagnano

Franch Luigi	1883	☉
Fronza Tommaso	1883	Romagnano
Gadotti Marco	1883	Meano
Groff Antonio	1883	Romagnano
Masera Giacomo	1883	-
Menestrina Antonio	1883	-
Menestrina Silvio	1883	-
Moscon Felicita	1883	-
Mosna Alessandro	1883	Aldeno
Mosna Giacomo	1883	Romagnano
Nardelli Valentino	1883	Romagnano
Pompermayer Giacomo	1883	Romagnano
Stech (ou Stenech) Antonio	1883	Romagnano
Stech Giorgio	1883	Romagnano
Tabarelli Paolo	1883	-
Tomedi Abramo	1883	Romagnano
Vitti Giacomo	1883	Cortesano
Vitti Giovanni	1883	Cortesano
Watschinger Giuseppe	1883	-

Na colônia de Salto Grande, outra colônia interna da fazenda Sete Quedas, em Campinas, também havia muitos imigrantes trentinos. GROSSELLI (1990) nos dá a relação de todos os imigrantes trentinos que trabalharam na fazenda, mas destacaremos apenas os sobrenomes que deram origem à comunidade tirolesa de Piracicaba:

NOMES DOS IMIGRANTES COLÔNIA DE SALTO GRANDE	ANO DE CHEGADA	CIDADE DE ORIGEM
Degaspari Antonio	1877	-
Degaspari Felice	1883	Sardagna
Degaspari Giovanni	1883	Sardagna
Degaspari Margherita	1883	Sardagna

Anexo 5 - Relação com dados de alguns dos informantes entrevistados.

NOME	SEXO	IDADE	GERAÇÃO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	LUGAR DE NASCIMENTO	LÍNGUA	RÉLIGIÃO	ZONA
G.V.	M	78	2ª	funcionário	superior	Sant'Ana	D.T/ P/ I	C	U
F.D.	M	76	1ª	aposentado	1º grau incompl.	Sta. Olímpia	D.T/ P	C	R
P.C.	F	74	1ª	Dª. de casa	1º grau incompl.	Sta. Olímpia	D.T/ P	C	R
A.V.	M	60	2ª	lavoura	1º grau incompl.	Sant'Ana	D.T / P	C	R
An.V.	M	57	2ª	lavoura	1º grau incompl.	Sant'Ana	D.T/ P	C	R
G.V.	F	58	2ª	Dª de Casa	1º grau incompl.	Sant'Ana	D.T / P / I	C	R
J.V.	M	60	2ª	aposentado	1º grau incompl.	Sant'Ana	D.T/ P / I	C	R
E.D.	M	60	2ª	aposentado	1º grau incompl.	Sta. Olímpia	D.T/ P	C	R
M.V.	F	69	2ª	Dª. de casa	1º grau incompl.	Sta. Olímpia	D.T/ P	C	R
M.V.	F	40	3ª	Dª de casa	1º grau incompl.	Sant'Ana	D.T/ P / I	C	R
L.O.	F	48	3ª	Dª. de casa	1º grau incompl.	Sta. Olímpia	D.T/ P	C	R

NOME	SEXO	IDADE	GERAÇÃO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	LUGAR DE NASCIMENTO	LÍNGUA	RELIGIÃO	ZONA
O.V.	F	23	4ª	estudante	2º grau incompl.	Sant'Ana	P/ D.T	C	R
L.V.	M	32	4ª	funcionário	superior	Sant'Ana	P/ D.T/ I	C	R
A.V.	M	35	4ª	funcionário	Superior	Sant'Ana	P/ D.T	C	R
E.S.	M	31	4ª	funcionário	Superior	Sta.Olímpia	P/ D.T/ I	C	R
I.D.	F	24	4ª	estudante	2º grau incompl.	Sta.Olímpia	P/ D.T/ I	C	R
N.V.	M	07	5ª	estudante	1ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R
L.G.	F	14	5ª	estudante	8ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R
A.V.	M	14	5ª	estudante	8ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R
C.F.	M	15	5ª	estudante	7ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R
D.M.	M	15	5ª	estudante	7ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R
D.M.	M	12	5ª	estudante	5ª série 1º grau	Sant'Ana	P	C	R

NOME	SEXO	IDADE	GERAÇÃO	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	LUGAR DE NASCIMENTO	LÍNGUA	RELIGIÃO	ZONA
E.F.	F	14	5ª	estudante	8ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R
M.R.	F	14	5ª	estudante	7ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R
J.S.	F	12	5ª	estudante	6ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R
A.C.	M	12	5ª	estudante	6ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R
L.O.	F	11	5ª	estudante	5ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R
R.C.	M	11	5ª	estudante	5ª série 1ª grau	Sta.Olímpia	P	C	R

Abreviatura:

incompl. = incompleto
D.T. = dialeto trentino
P = Português
I = Italiano

C = católicos
U = urbana
R = Rural

Anexo 6 - Artigo escrito no dialeto caipira - Jornal "A Província".

Semanário A Província

Piracicaba, 1º de julho a 1º de agosto de 1991

Amor de caipira, que nunca tem fim...

CECÍLIO ELIAS NETTO

Bom dia, sinhá moça, e
num se espante,
cum esse meu jeito de chegá.
Num se erga, num se alevante,
fique al memo onde ocê está.
Me perdoa o meu estado,
todo sujo, mal-tratado,
essas ruga no meu rosto.
É desgosto.
Num se espante,
num se alevante,
dexa apenas eu falá.
E te oiá.
Esse hóme que ocê vê,
ocê num vai reconhecê:
os meus zóio se cansaram,
meus cabelos se pratearam,
o meu peito machucô
e tem tantas cicatrizes
quantas são minhas varizes
nos meus pé de andadô.
Foi andei o mundo intêro,
atrais da fama e de dinheiro,
querendo matá a paixão.
Eu era moço e ocê mocinha,
Ocê tinha tanta ilusão!
Pensava que, numa casinha,
à beira do rio e um violão,
nóis dois pudesse sê feliz.
Fui eu que num quis.

Fui-me embora para o mundo,
fiz-me herói e vagabundo,
querendo esquecê da sinhá,
querendo dexá de lhe amá.
O tempo passô, fui ferido,
chorei muito, me vi perdido,
e nunca de o amor acabá.
Num se espante, num se alevante,
fique al memo onde ocê está.
Tô chegando, tô voltando,
me cansei de caminhá.
Fiquei vício, tô cansado,
tô tão perto de moerê!
Aprendi que a vida ensina
e, portanto, a minha sina
é vivê só prá você!

Por amor, fiz tudo errado,
tendo sonhos de grandeza.
Sendo moço e apaixonado,
quis que ocê fosse princesa.
E ocê, tão bela e menina,
era uma noiva na cozinha,
tão radiosa de beleza
que eu num pude enxergá.
Ocê pode me perdô?
Eu quis que ocê fosse dama,
cum cafeite e cum chiqué:
uma rainha, a madame,
que tudo mundo fosse vê!

Eu era cego, surdo e mudo,
pois Deus me havia dado tudo
e eu num sabia percebê.

Tinha o rio e tinha os peixe,
tinha os verde e tinha as mata,
tinha lua e serenata,
e, se tu me aborrecesse
tinha ocê, minha menina,
minha noiva na colina,
com doçura de canaviá,
doçura prá eu amá!

Fui-me embora pro mundo intero
-- Noviorque, Oropa, Paris --
querendo, com luxo e dinheiro,
que se deitasse em minha cama
a muié que fosse uma dama
que de você eu num fiz.
Ai! Era tudo mentira!
Em Noviorque, Oropa, Paris,
era sempre uma caipira
a muié que tu sempre quis.
Era ocê, eterna menina,
minha noiva, na colina.
Num se espante, num se levante,
fique onde ocê está.
O hóme véio que tá chegando,
que do véio mundo tá vortando,
tá vortando prá se disculpá.
Pois descobri,

na sorte ingrata,
que saudade punge e mata,
longe daqui...

Hoje, de novo, é seu aniversário.
Na minha mão, eu tenho um rosário
que Nossa Senhora me deu.
Pois eu chorava tanto e tanto
que, prá secá o meu pranto,
a Virgem Santa falou:
"Ocê nem é mais criança,
reze e tenha esperança,
no amor daquela muié.
Ela ainda te quê."
Num se espante, minha sinhá.
Nem se levante. Fique onde está.
O meu zóio tá vendo como ocê é:
véia, enrugada, cansada.
Mai seja minha muié.
Aprendi com Deus e com a vida
que o que vale é a muié querida,
e o resto num tem valor.
O que importa é o amor.
Dexe de sé virgi e menina,
essa noiva na colina
e venha para minha cama.
Não há mais tempo, Deus me chama.
E eu lhe direi,
no fim desse tempo que acaba:
"Eu amo ocê, Piracicaba."

Semanário A Província

Piracicaba em "Almanak"

Texto de CECÍLIO ELIAS NETTO

01.08.1991

O "sotaque"

E de onde vem esse "sotaque" piracicabano, que troca o "de" pelo "ere" ("sarto erto" no invés de salto alto), que acentua as vogais "e", "o" e que "come" os "esses" finais ("mai caro" ao invés de mais caro)? A discussão é antiga. Duas teses tentam explicar: uma diz que é influência das famílias norte-americanas que para cá vieram, quando da Guerra Civil nos Estados Unidos, instalando-se em Piracicaba, Santa Bárbara e Americana; a outra diz que o tal "sotaque" é característico das populações formadas ao longo dos rios Tietê e Piracicaba. Ou seja: o rio influiu na linguagem, da mesma forma que o mar. Assim, piracicabano fala o "ere" arrastado e o carioca, por exemplo, fala o "ere" chique. Quanto de gosto...

Os primeiros norte-americanos que por aqui apareceram foram um certo Ernst e Teodor Loose, em 1861. Mas, já em 1854, residia em Piracicaba um inglês, vice-consul em Santos, Mr. Guilherme Whitaker. E, por outro lado, há, também, a migração italiana, com a sua linguagem que é um eterno cantar. Resultado: falar "caipiricabano" é um estilo. De que "móis se orgulha", né.

Anexo 7 - Textos escritos pelos membros da comunidade tirolesa -
informantes da primeira a quinta geração.

- a) Texto de informante da 1ª geração (filho do grupo de imigrantes
tiroleses do ano de 1877, 1881 e 1883).

Nome: Jacinto Vitti, 80 anos - 1ª geração
Pertencente ao bairro de Santana
Escolaridade: 3ª série do 1º grau
Profissão: lavrador (falecido em 1992).

Cará Morosa

*Te escrivu chosta letura per poder atestai
bene. porque mi gracia al Dio estago
molto bene. Voleria poder chosnde te Venhi
chive a me cá perché temai dit che te
estere chi 20 di. allora narim em sim
ala escola a parlar com la maestra
per veder se la me ranfava em laoro
per mi. Allora sana molto bene perché
estarem sempre em casa che che sana
Ma se no la Völ se maridam e nem
ai nostri paesi che le a tanto elavio
pori troam laoro noma che fusa a
saper le Vinhe del Lio Jacinto eseno
ator gio la Va per far el Vent espuro
de tutti sua come Dio Völ Chau*

Vitti Jacinto

19.07.90

Texto de Jacinto Vitti.

Cara Morosa

Ti scrivo choesta lettera per saver sitestai bene perque me gracia al Dio estago molte bene. Voleria Saver chande te veni chive a me cá perche temai dit che te esteve chi 20 di. Allora narrem em sim ala esata a parlar com la maestra per veder sela mi ranjava em laoro pe mi allora saria molto bene perche estarem sempre em cema che che saria Má se no la l'ol ne maridam e non ai nostri paese che le a Trento elavia porci troam laoro nassea che fusa a saper le uente del zio Jacinto esemo ator gio la va per far el visit espero de tuti sua comi Dio v8l chiau.

Vitti Jacinto

19.07.1990

- b) Texto de informante da 2ª geração (neto do grupo de imigrantes tirolezes do ano de 1877, 1881 e 1883).

Nome: Guilherme Vitti, 78 anos - 2ª geração
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: Curso superior
 Profissão: Funcionário Público
 Trabalha no Arquivo da Câmara Municipal de Piracicaba-SP e é considerado historiador de seus ascendentes.

Trecho do texto de Vitti, publicado em apêndice na obra do escritor e sociólogo GROSSELLI (1990). Este texto, também foi publicado na língua portuguesa em 1993, cf. VITTI (1993).

"En sabo, l'Angel*, nella botega, voleva comprarse gaveta. L'om che vendeva, gh'a lascia veder e 'en cassetin de tagola.
 - No, no, - ho dit l'Angel - De quel fil là.
 - Ah!... Barbante?
 - Birbante** to nona! Scopia fôr l'Angel. - Te lascio ben naz con en pugn... porco bestia!... Per sorte gh'era lì n'om che saveva en päch de italian, se no. No se sa come la averia ruda. N'altra volta ei voleva comprarse formai. El brasilier ha entendù "formão" che vol dir scar pel. Come no i s'entendeva, la scomencià a lasciar ghe veder altre robe.
 - No, no! L'è quest, no l'è quest dizevan ei tirolesi.
 - L'altro'ntendeva: - Não é queijo, não é queijo.
 - Che vol dir proprio formai.
 L'è de quel lì, madona mia!
 - Ma come? se dizeve: - Não é quei, não é queijo! E così via con altri casi da far rider."

* Angel (Angelo) é o avô do nosso informante, Guilherme Vitti.

** "Birbante" no dialeto trentino quer dizer safado.

Tradução do texto de Guilherme Vitti.

"Certo domingo, o Angelo, na verdade, pediu para comprar barbante. O comerciante mostrou-lhe uma gaveta de mesa. (Barbante, no dialeto tirolês, diz-se gaveta).

- Não é isso - disse o Angelo. É aquilo ali, e apontou para uma mesda de barbante.

- Ah!... barbante, você que dizer?

- "Birbante" é sua avó... - explodiu Angelo... vou mostrá-lo já, safado... arrebento seu nariz com um soco... porco bestia!...

Felizmente alguém dos presentes entendia um pouco da língua italiana e tentou explicar a confusão das palavras.

Outra vez, ele quis comprar queijo. Em tirolês, diz-se formai - o vendedor entendeu formão, coisa bem diferente. Como não o entendesse, o dono da venda indicava outra coisa.

- Não é isso - dizia o tirolês que na sua língua soava - "Nol'è quest". O vendedor aí conseguiu entender - queijo. A muito custo se entenderam, gerando o riso dos presentes nativos."

Segundo VITTI, este foi um fato verídico, entre muitos outros, ocorrido em Campinas - SP. O autor do texto nos diz que os tirolezes (os imigrantes e seus filhos que nasceram no Brasil) sofreram muito porque sabiam falar somente o dialeto trentino (para o autor é o dialeto tirolês) e quando saíam da fazenda onde trabalhavam ou de suas casas para fazer alguma compra ou ir à missa, sempre ocorriam certas confusões provocadas pelo fato de não saberem a língua portuguesa, e isto trazia a eles certos aborrecimentos.

- c) Textos de informantes da 3ª geração (bisetos do grupo de imi grantes tirolezes do ano de 1877, 1881 e 1883).

Nome: Otila Vitti, 66 anos - 3ª geração
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 4ª série do 1º grau.
 Profissão: doméstica

*Desde de deze ani que la oro, som estraca
 Desde os dez anos que trabalho, estou cansada.*

Des de deze ani que la oro, som estraca.
 Desde os dez anos que trabalho, estou cansada.
 Março/ 1993.

Nome: Hemenegildo Vitti, 66 anos - 3ª geração.
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 4ª série do 1º grau
 Profissão: aposentado (lavrador)

*Som estufa de lavar.
 Estou enjoado de trabalhar*

Som estufa de lavar.
 Estou enjoado de trabalhar.
 março/ 1993.

Nome: Matilde Stenico Vitti, 50 anos - 3ª geração
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 4ª série do 1º grau.
 Profissão: doméstica.

*Mi laoro el di entrec.
 Eu trabalho o dia inteiro.*

Mi laoro el di entrec.
 Eu trabalho o dia inteiro.
 março/ 1993.

Nome: Valdir Geremias Vitti, 44 anos - 3ª geração.
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 4ª série do 1º grau
 Profissão: metalúrgico.

*Vago passear em la cita tude el di.
 Vou passear na cidade todos os dias.*

Vago passear em la cita tude el di.
 Vou passear na cidade todos os dias.
 março/ 1993

Nome: Dirceu Vitti, 42 anos - 3ª geração
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 4ª série do 1º grau
 Profissão: Metalúrgico

La vida lei bela de se viver la mai
 em de nostro paíse lá resta massa difícele
 A vida é bela de se viver mas
 em nosso país é muito difícil

La vida lei bela de se vivere la mai en de nostro paíse -
 lá resta massa difícele.

A vida é bela de se viver mas em nosso país é muito difícil.
 março/1993.

- d) Texto de informantes da 4ª geração (tataraneto do grupo de imigrantes tirolezes do ano de 1877, 1881 e 1883).

Nome: Marlene Vasca, 31 anos - 4ª geração
 Pertencente ao bairro de Santana
 Escolaridade: 1º grau
 Profissão: doméstica

Cará Mustra

Te escrevo esta leturina per saber se testar bene. perque mi gracia al Dio estago ben. Volera saber quando te venhi a troarne chise a Trento perque te maudit che quando te gaveri le to fare tenhem chi so di allora narem su perle Montante e Ueder la Nef perque li em Brasile na axe mauest. e dopo narem al lago de Garda che le posto piu bel de li Italia e dopo narem a Verona a Ueder la Chiesa de San Gaspare D'etom e dopo narem a Padova en la Chiesa de San Antonio e dopo narem em Venesa e dopo venhem a mi ca ne fudem em Bel Banco qis narem bejai e tute le menestre costume em bon breder de Unt e bona Nat.

19.07.90

Texto de Marlene Vasca.

Cara Maetra

Te escrevo coesta leterena per saver se testai bene perque mi gracia al Dio estago bene. Voleria saver quando te venhi a troarne chive a Trento perque te maudit che quando te gavevi le to fene tevenhu chi 20 di allora nariem su perle montagne e vender la nefis perque li em Brasile ma ave mai nest. e dopo nariem al lago de Garda che le posto piu bel de li Italia e dopo nariem a Verona a veder la chiesa de San Gaspere Betoni e dopo nariem a Padua en la chiesa de San Antonio e dopo nariem em Venesa e dopo venhem a me ca nefe vem em bel banho gianavem begoi e tute la menestre costume em bom bucher de vint e bona not.

19.07. 1990

Tradução do texto de Marlene Vasca.

Querida Professora:

Te escrevo esta cartinha para sa-
ber se está bem, porque eu gra-
ças a Deus estou bem. Queria
saber quando vem aqui para
encontrar-me. em Trento porque
me dice quando teria suas férias
vivia aqui vinte dias, então
iríamos pelos montanhas a ver
a neve porque no Braut
não a vemos ainda. Depois
iríamos ao Lago di Garda que
é o lugar mais bonito do Itálie
e também a Verona ver a Igre-
ja de São Gaspar Bertoni e iria-
mos a Padova na Igreja de
S^{to} Antonio e também em Venezia
depois de tudo vivia em casa
fazia um belo banho almoçava
macarrão e toda a popa se
bebia um bom copo de vinho e
teria uma boa noite.

19.07.90

Texto de Marlene Vasca - Versão no português.

Querida professora

Te escrevo esta cartinha para saber se está bem, porque eu graças a Deus estou bene. Queris saber quando vem aqui para encontrar-me em Trento porque me dice quando teria suas férias viria aqui vinte dias, então iríamos pelas montanhas a ver a neve porque no Brasil não a vimos ainda. Depois iríamos ao Lago di Garda que é o lugar mais bonito da Itália e também a Verona ver a Igreja de São Gaspar Bertoni e iríamos a Padova na Igreja de Santo Antonio e também em Veneza.

Depois de tudo viria em casa faria um belo banho almoçava na carrão e toda a sopa e bēbia um bom copo de vinho e teria uma boa noite.

19.07.1990

- e) Textos de informantes de 5ª geração (trinetos do grupo de imigrantes tirolezes do ano de 1877, 1881 e 1883).

Nome: Fabiana Barreto, aluna da 8ª série do 1º grau.

Caroline Stenico, aluna da 8ª série do 1º grau.

Agosto/ 1993.

Passando nervoso e ansioso na Câmara

- No dia seguinte de agosto, fomos até a Câmara dos Vereadores resolver o projeto sobre o alpinismo.

- O ônibus saiu às dez horas com um punhado de gente.

- Na viagem todos tchatcheravam pelo estorax que iria para

- Chegando lá, todos entraram na beneditina Câmara conversando parecindo mais um bando de baúca.

- Quando começou o palestrão sobre o alpinismo deu uma paíta!

- Um vereador tchatcherava e não queria parar de dar su longa.

- Com muita baúca, fiquei estufa de partir a dar su e pai.

- Jáva uma quieto!

- No chapada! Tanto estorax de 9 quilômetros que as portas das de Santa Olímpia e Santana ganharam 10 5 quilômetros.

- E se el vol anca!

- Voltamos para casa estufa, com massa farr e pono.

- Quem tutti quer, tutti perde.

Na chapada!

Fabiana Barreto nº 04

Caroline Stenico nº 03

8ª série

18-08-93

Texto de Fabiana e Caroline: 8ª série do 1º grau.

Passando nervoso e esquifo na câmara.

- No dia dezesseis de agosto, fomos até a Câmara dos vereadores resolver o projeto sobre o asfalto.

- O ônibus saiu as dezenove horas com um punhado de gente.

- Na viagem todos tchatcheravam sobre o estchase que iria sair.

- Chegando lá, todos entravam na bendita câmara conversando parecendo mais um bando de baitaca.

- Quando começou o falatório sobre o asfalto deu uma paita!

- Um vereador tchatcherava e não ruava pu da dir su longa.

- Com muita laika, fique estufa de sentir a dir su e sai.

- Tava um gueto!

- La chapada! Tanto estchase de 9 quilômetros que os porretos dos de Santa Olímpia e Santana ganharam só 5 quilômetros.

- E se el vol anca!

- Voltamos para casa estufos, com massa fam e sono.

- Quem tutti quer, tutti perde.

La chapada!

Vocabulário

tchatcheravam: falavam

estchase: fazer muito gesto, assunto

paíta: preguiça

ruava pu da dir su longa: falava muito, não termina nunca

laika: preguiça

estufa: cansada

tava um gueto (gheto): estava uma bagunça

poretos: pobres coitados

el vol anca: ele quer

maasa fam: fome

tutti quer, tutti perde: quem tudo quer tudo perde

Nome: Mateus Vitti, 3ª série do 1º grau.
Agosto de 1993.

EE P.D. g. Dr. Samuel de Castro Neto
nome Mateus Vitti 9ª série

Data 18/08/93

Título: O menino que tinha laíca

Era uma vez, um menino que tinha muito
laíca num dia saiu muito, a mãe dele falou:
meu filho, vai lá na loja comprar um
pacote de macarrão.

As que tinha, vai, vai.

Vamos comprar, filha. Não seja laíca,
se não eu vou ficar com vontade de ir sagu-
mãe

Então vamos, mãe, só que eu estou
com laíca de não vou ajudar porque as
coisas

Não, vá lá na loja de mais e a minha
mãe falou: vá,
para a minha irmã para de fazer laíca e mal e vai
ajuda-la.

Texto de Mateus Vitti, 3ª série do 1º grau.

O menino que tinha laica

Era uma vez, um menino que tinha muita laica. Num dia muito bonito, a mãe dele falou:

- Meu filho, vai lá em cima comprar um pacote de macarão.

- Ai que brute vai você.

- Vamos comigo, filho. Não seja laicão, se não eu vou ficar com brute de ir sozinho.

- Então vamos, mãe. Só que eu estou com laica e não vou ajudar trazer as coisas.

Noi viemo embora de noite e a minha mãe falou lavar jô. ai mãe ficou com brute pedia para a minha irmã parar de fazer bulo e mali e ver ajudar-la.

Agosto/ 1993

Vocabulário

laica: preguiça

macarão: macarrão

brute: sem vontade, feio

laicão: preguiçoso

jô: arrumar cozinha, lavar as louças

bulo: bagunça, brincadeira

mali (far mali): fazer coisa proibida

Nome: Matheus Luis Degasperi, aluno do ciclo básico do 1º grau.
 Agosto/ 1993

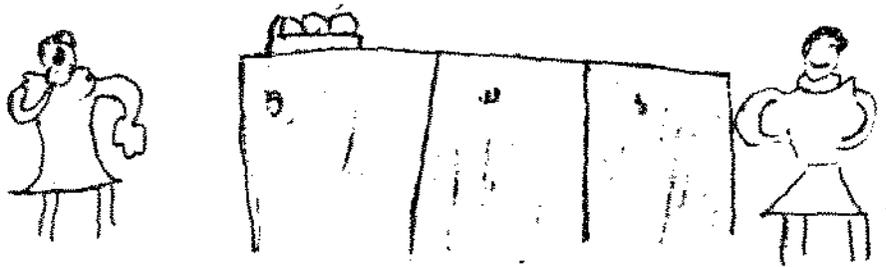
Nome: Matheus Luis Degasperi (BII dia 17/8/93)

Em lá domenga⁷ Dona maria recebeu em
 sua casa⁷ li sô⁷ parenti⁷

Do fiola⁷, se preparou para ajuda-la⁷
 em lá⁷ cozinha⁷.

Ela lavou⁷ zo⁷. Quando secou os orde-
 ni⁷ quebrou⁷ alguns⁷ piata⁷.

Sua mãe, sem ficar rabiosa disse:
 — n'altra volta⁷ tome mais cuidado.



Texto de Matheus: aluno do C.B. do 1º grau.

Em lá domenega Dona Maria recebeu em sua casa li sô parenti.

So fiola, se preparou para ajuda-la en lá cozina.

Ela lavou zo. Quando secava os ordenhi quebrou alguns piate.

Sua mãe, sem ficar rabiosa disse:

- Noltra volta tome mai cuidado.

Agosto/ 1993.

Vocabulário

domenega: domingo

li sô parenti: os seus parentes

so fiola: sua filha

en lá cozina: na cozinha

zo: arrumar a cozinha, lavar a louça

ordenhi: as louças

piate: pratos

rabiosa: com raiva

noltra volta: outra vez

mai: mais

Anexo 8 - Fotos da Comunidade tirolesa-trentina de Piracicaba-SP.



Vista parcial do bairro de Santana - Piracicaba.



Vista do bairro de Santana, indo em direção ao bairro de Santa Olímpia - Piracicaba.



Casa típica do bairro de Santana - Piracicaba



Casas do bairro de Santa Olímpia - Piracicaba



E.E.P.S.G. "Dr. Samuel de Castro Neves".
Escola da Comunidade tirolesa de Piracicaba.
Localização: divisa dos dois bairros.



Crianças da 4ª e 5ª séries do 1º grau - ano de 1988.



Representação da comunidade tirolesa na festa das Nações do ano de 1991, com as tirolesas: Ida Maris Stenico (princesa) e Cintis Stenico (embaixatriz do Tirol), usando vestidos típicos do Tirol.



Casal na festa das Nações de 1991, representando a comunidade tirolesa: Ida Maris Stenico e José Eraldo Stenico.



Grupo de dança de Santana - 1991.
Percebe-se que as cores usadas pelo grupo de Santana são verde, vermelho e branco, as cores da bandeira da Itália.



Grupo de dança de Santa Olímpia - 1991.
Representação da canção mais cantada pela comunidade tiroleza: Massolin di Fiori.
Percebe-se que as cores usadas pelo grupo de Santa Olímpia



Traje do coral "Stella Alpina" da comunidade tirolesa de Piracicaba. Apresentação na Festa das Nações, em 1991.



A comunidade tirolesa de Piracicaba em seu traje típico - 1991.



Preparação do vinho de laranja - Sr. Geraldo Stenico (Santa Olímpia) com o amassador de laranja. Este amassador tem setenta anos e foi feito de madeira pelos antigos. Coloca-se a laranja com casca e amassa para sair o caldo da laranja - Junho de 1994.



Os garrações (tampados com papel branco) já estão com o vinho de laranja em fase de envelhecimento. Os outros garrações estão com o vinho em fase de fermentação. Junho de 1994.



O vinho de laranja com quatro dias, em fermentação - junho 1994.



Imagem do monumento inaugurado em 1992, durante a comemoração do centenário de fundação do bairro de Santa Olímpia. O casal com traje típico: Adriana Correr e João Correr Goia - Novembro de 1992.

Os moradores de Santa Olímpia homenagearam as famílias fundadoras de Santa Olímpia. No bloco à esquerda pode-se ler:

"Famílias fundadoras de Santa Olímpia:

Cyriaco Brunelli	-	-Rosa Correr
Dionísio Degaspari	-	Magdalena Correr
Isidoro Correr	-	Ernesta Degaspari
João Correr	-	Catharina Mosna
José Cristofolletti	-	Anna Correr
José Forti	-	Maria Stenico
Luiz Stenico	-	Amália Cristofolletti
Simão Stenico	-	Rosa Cristofolletti
Virgílio Stenico	-	Luiza Correr

A elas que, com fé, coragem e determinação, iniciaram a construção deste rincão, nossas saudades e gratidão, e a certeza de que estamos continuando sua obra,

dos descendentes
Piracicaba - SP

No segundo bloco está o símbolo da forte religiosidade dos descendentes tirolezes: a cruz, o terço e a palavra fé.

No terceiro bloco está o símbolo das culturas (plantações) que os imigrantes plantaram: a uva (em Trento - antigo Tirol austríaco), o café (em Campinas e em Piracicaba) e a cana-de-açúcar (em Piracicaba, em suas próprias terras).

No primeiro bloco, também se pode ver a figura da borboleta, símbolo da região de Trento, cujo mapa tem os contornos que lembram uma borboleta.

O monumento é obra do artista plástico Marcos Cavalari. Foi usado cimento doado por Hélio Blanco. O financiamento da obra foi de João Otávio de Mello Ferracciú.



Imagem do monumento inaugurado em 1993, durante a comemoração do centenário de fundação do bairro de Santana. Agosto de 1993.

A ponta do monumento lembra as mãos postas, sinal de fé da comunidade tirolesa. A águia é o símbolo oficial de Trento - Itália.

As pontas das indicações de Santana e Santa Olímpia simbolizam os imigrantes, chegando ao Brasil, tomando rumos diferentes em suas vindas e formando os bairros de Santana e de Santa Olímpia.

Na arcada, a inscrição "BENVENUTE ALLE COMUNITÀ TARENTINE" - (Benvidos à Comunidade Trentina) significa que os dois bairros permaneceram sempre unidos nas dificuldades financeiras que tiveram, nas tradições e costumes, e que permanecem (unidos) até hoje.

A base representa os joelhos dos Patriarcas (Virgílio Correr e Bortolo Vitti) que sustentaram as raízes, os costumes e a fé religiosa.

A borboleta é um símbolo oficial de Trento- Itália.

A flor simboliza a canção mais cantada pelos membros da comunidade tirolesa "Massolin di Fiori".

As cores da escrita em vermelho simboliza a bandeira da Itália e a cor verde representa a bandeira do Brasil.

Atrás do monumento está escrito em português:

"OBRIGADO PELA VISITA" - "BOA VIAGEM"

Há duas alianças que simbolizam a união dos bairros (Santana e Santa Olímpia) e dos países (Itália e Brasil).

Autor do Projeto: Romário Stenico

Artista plástico: Marcos Cavalari

Fundição: "Artefatos de Cimento Vascá"

O modelo de madeira foi doado pela firma "Modelação Santana"